

UM ESTUDO DE ETNOMATEMÁTICA: Sua incorporação na elaboração de
uma proposta pedagógica para o "Núcleo-Escola" da Favela da
Vila Nogueira-São Quirino

Dissertação de Mestrado

Autor: MARCELO DE CARVALHO BORBA

Orientadora: PROFESSORA DOUTORA
MARIA APARECIDA VIGGIANI BICUDO

Local: UNESP - Universidade Estadual Paulista - Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Campus de Rio Claro - SP - Curso de Pós-Graduação em Matemática. Área de Concentração: Educação Matemática.

Rio Claro - 1987

Este trabalho foi Co-Orientado pelo Professor Doutor Eduardo Sebastiani Ferreira, Professor do Programa de pós-graduação em Matemática, área de concentração: Educação Matemática da UNESP - Campus de Rio Claro e professor da UNICAMP.

Comissão Julgadora

Dedico esta dissertação
à "criançada do Nogueira"
e a Jair Ferreira de Sá
que não pôde completar
sua dissertação.

Agradecimentos

Já é quase lugar-comum dizer que a elaboração de um trabalho é fruto de um esforço coletivo. Às vezes, em dissertações de mestrado ou textos afins, tem-se uma certa propensão a esquecer este "quase lugar-comum" e a achar que a pesquisa é um trabalho individual. Não quero, é claro, também me anular diante do coletivo, nem transferir responsabilidades a ele pelo que neste estudo está escrito. Essa responsabilidade é minha, a elaboração do que foi escrito é minha e, obviamente, em todas as fases e aspectos desta pesquisa a minha marca se faz presente. Mas não posso, pelo próprio aspecto participante desta pesquisa, negar a influência de outros, em especial daqueles moradores, adultos e crianças, da favela da Vila Nogueira-São Quirino, com os quais tive contato e que me ajudaram muito a realizar esta pesquisa. A eles vai um especial agradecimento, que se torna mais terno quando penso em Gilda, Vera e D. Ilza*, com quem trabalhei no "núcleo-escola".

Neste esforço coletivo se destacou a FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) que apoiou financeiramente esta pesquisa, ao me aceitar como bolsista, além de me incentivar e me criticar construtivamente nas avaliações dos relatórios que periodicamente enviei a esta Fundação. A ela os meus agradecimentos.

Destacaram-se também Juliana Maria Valongo Franzin e Franceli F. de Freitas. São duas pessoas sem as quais este trabalho não sairia desta forma. A primeira, pelo excelente traba

*Gildati R. Souza, Vera L. Preda, Ilza Cardoso.

lho de datilografia e a segunda, pelo paciente e difícil trabalho de, com a minha ajuda, transcrever fielmente as entrevistas -
tas gravadas com os moradores da favela. A elas eu agradeço com carinho. Assim como também sou grato a Eliana Correa Contiero e a Maria Elisa Leite de Oliveira, pelas informações e favores prestados.

Não poderia esquecer de agradecer a Jaime L. Leitão Rodrigues, pelo trabalho feito com paciência e carinho de corrigir a redação deste texto.

Agradeço aos colegas e professores do mestrado, muitos dos quais se tornaram meus amigos, pelas críticas, comentários, incentivos e ajuda que se fizeram presentes na elaboração desta dissertação. Tenho que destacar o professor Ubiratan D'Ambrosio pelo especial apoio dado.

Se ainda alguém duvida da evidência do esforço coletivo para a consecução de uma variedade de tarefas, com participações individuais autênticas, creio que se tiverem a chance de trabalhar com ou ser orientado, como é meu caso, pela Professora Doutora Maria Aparecida Viggiani Bicudo e pelo Professor Doutor Eduardo Sebastiani Ferreira, não terão mais dúvidas. A estes dois professores, meus agradecimentos.

Espero que essas dúvidas não mais existam ou estejam ao menos "adormecidas" para que possamos nos preocupar com outras que espero esse trabalho suscite. Antes, porém, tenho que agradecer também a meus pais e a minha família de uma maneira geral, que me apoiaram de forma decisiva. Finalmente, agradeço aos meus amigos, em especial, à Marina e à Vânia, que me deram ajuda determinante para a elaboração desta dissertação.

RESUMO

Esta pesquisa busca conhecer a matemática praticada e elaborada por um grupo cultural. Essa matemática, que está intimamente ligada ao meio sócio-cultural deste grupo é denominada Etnomatemática. Neste estudo, o grupo pesquisado é o de moradores de uma favela em Campinas, São Paulo, Brasil, chamada Vila Nogueira-São Quirino. Nessa comunidade foi estudada a matemática conhecida pelos adultos, matemática esta que aparece em temas ligados a suas origens rurais, às suas atuais profissões, assim como a todos os seus afazeres.

Foi também apresentado como as crianças praticam a matemática que conhecem, nas suas brincadeiras e jogos, assim como em suas tarefas profissionais. É para essas crianças que a prioridade desta pesquisa está voltada, pois foi desenvolvida uma proposta pedagógica que incorpora a etnomatemática deste grupo.

Dessa forma, a pesquisa se transformou em proposta educacional e esta em nova pesquisa. Isso só foi possível com um longo trabalho de campo, onde o pesquisador pôde buscar a compreensão da realidade local, assim como as pessoas da comunidade puderam conhecer o pesquisador, para uma posterior interpretação e análise.

ABSTRACT

This research tries to know the elaborated and practiced mathematics by a cultural group. This mathematics, which is intimately connected to the social-cultural environment, is called ethnomathematics.

In this study, the research group belongs to a "favela" of Campinas, São Paulo, Brazil, called Vila Nogueira-São Quirino. In that community, it was studied the mathematics known by adults, mathematics which appears in themes connected to their rural origins, their present professions, as well as to their daily activities.

It was also analyzed how the children practice the mathematics they know, in their playtime and games, as well as in their professional tasks. It is for these children that the priority of this research is directed, as a pedagogical proposal was developed that englobes the ethnomathematics of this group. Thus, the research changed into an educational proposal and this, into a new research.

This was only possible with a extensive field work , where the researcher looks for a comprehension of the local reality, and the people in the community had the chance to get to know the researcher, for interpretation and analysis later on. This research was sponsored by FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

Í N D I C E

Página

Capítulo 1 - Introdução	001
1.1. Procedimentos de Pesquisa	006
1.2. A Estrutura desta Dissertação	013
Capítulo 2 - O Homem-Sendo-No-Mundo e Suas Relações Dia- logais	015
2.1. Foco Sobre o Diálogo	019
2.2. Foco Sobre o Significado de Problema..	023
Capítulo 3 - Etnomatemática: O Homem Também Conhece o Mundo de um Ponto de Vista Matemático	025
3.1. Etnomatemática, Alguns Enfoques	028
3.2. Etnomatemática e Educação	034
3.3. Conclusão: A Noção de Etnomatemática..	036
Capítulo 4 - O Mundo-Vida da Favela da Vila Nogueira-São Quirino e a Etnomatemática Ali Presente ...	039
4.1. Uma Concepção da História da Favela da Vila Nogueira-São Quirino	039
4.1.1. O Histórico da Associação	043
4.1.2. O Núcleo	045
4.1.3. A Crise da Associação de Morado- res	046
4.2. As Visitas à Favela: O DESVELAR do Mundo-Vida	050

4.3. A Etnomatemática da Comunidade da Fave la da Vila Nogueira-São Quirino	056
Capítulo 5 - Como Estender e Trabalhar Pedagogicamente a Matemática Desta Comunidade	065
5.1. A Proposta Pedagógica	069
5.1.1. A Proposta em Prática no Núcleo da Vila Nogueira-São Quirino...	073
5.1.1.1. As Pesquisas	078
5.2. A Pergunta Central Desta Dissertação: Que Matemática Está Presente na Comuni dade da Favela da Vila Nogueira-São Quirino e Como Ela Pode Ser Trabalhada Pedagogicamente Nesta Mesma Comunida - de?	089
Capítulo 6 - Considerações Finais	093
Bibliografia	095
Anexos	105

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

Como elaborar uma proposta pedagógica na área de educação matemática para uma favela? Como surgiu esta pergunta? Qual o caminho trilhado por mim para chegar a essas indagações? E como foram gerados os preâmbulos da resposta a esse desafio?

Para responder a essas perguntas é necessário um rápido olhar em minha vida estudantil pregressa. Minhas preocupações com a Educação e com a Matemática começaram bem cedo. Já nas últimas séries do primeiro grau, no Colégio Pedro II, RJ, eu me perguntava: "Por que a maioria dos meus colegas, os quais eu adoro, não gostam de algo que me empolga frequentemente: a Matemática?" A ingenuidade da pergunta não impediu que desde então minhas preocupações com a educação não mais cessassem.

No segundo grau, o conflito se intensificou mais ainda, pois, se eu mantinha um gosto pela matemática, pelo que ela ampliava o meu campo de compreensão do mundo-vida¹ e pelo pra-

¹Mundo-vida é entendido neste estudo no sentido que Schutz aborda esta noção, ou seja, é "o mundo intersubjetivo que existia muito antes do nosso nascimento, vivenciado e interpretado por outros, nossos predecessores, como um mundo organizado. Ele agora se dá a nossa experiência e interpretação". In Wagner, H.R. (org.) Fenomenologia e Relações Sociais - Textos escolhidos de Alfred Schütz, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979, p. 72.

zer intrínseco que sentia por ela, também já me questionava quanto à violência de decorar uma série de fórmulas visando exclusivamente ao vestibular. Fórmulas essas que, embora fossem bem manipuladas do ponto de vista técnico, não eram compreendidas de forma mais profunda por mim e nem era esse o interesse do sistema de ensino que eu frequentava.

A opção profissional pela educação começou a se delinear ao final do segundo grau, após enfrentar algumas pressões sociais, com o ingresso no curso de Matemática da UFRJ. Certamente esse processo não foi linear. O desânimo provocado pela distância entre os conteúdos ministrados em alguns instantes do curso e minhas preocupações com matemática, educação e educação matemática, necessitou do apoio de alguns professores da Universidade e de fora dela, para ser enfrentado.

Novas reflexões, também, foram feitas diante das opções existentes no meio do curso, podendo eu ter mudado o rumo de meu caminho profissional e existencial, optando por trabalhar com a matemática mais ligada a seus aspectos "puros", estatísticos ou "informáticos".

Essas dúvidas e reflexões, entretanto, fizeram amadurecer as preocupações educacionais, contribuindo também para isso o início de práticas pedagógicas que se iniciaram concomitantemente com a segunda metade do curso de licenciatura. A pergunta inicial, que me acompanhava desde a adolescência, transformou-se em várias perguntas mais precisas, tais como: por que não se aprende matemática? Por que a maioria das pessoas não completa as primeiras séries, sendo a matemática um grande empecilho para isso? Por que o professor é mal remunerado? Por que a "evasão escolar" é socialmente hierarquizada? Quais os mecanismos usados para isso? A quem interessa essa situação? Deve-se ensinar matemática apenas através de materiais concretos? E, quais as implicações da matemática moderna no ensino

da matemática do ponto de vista ideológico?

Essas perguntas, com um claro veio social, vinham ao encontro de um outro ramo de preocupações que permearam a minha existência, desde o início de minha adolescência: a falta de democracia em todos os níveis e a miséria em nosso país.

Com o intuito de me aprofundar nessas questões, buscando respostas para elas, consegui ingressar no nascente curso de mestrado em Ensino da Matemática da UNESP, Rio Claro, SP.

No período em que tenho estudado em Rio Claro, novas perguntas foram aparecendo, e velhas respostas foram sendo substituídas. Todas elas, entretanto, perguntas e respostas, pareciam subordinadas a um novo problema, que já germinava no meu pensar, e não encontravam, até então, nem ressonância nem denominações para seus elementos. Um problema que parecia ser um suporte para várias perguntas anteriormente feitas, e nesse sentido estava mais próximo de uma resposta, mas que também abria novos questionamentos. Esse problema é a incorporação de fatores sócio-culturais na educação matemática. É a elaboração de propostas educacionais que considerem a etnomatemática de um grupo cultural visando a esse mesmo grupo. Propostas que, ao considerarem a etnomatemática de uma comunidade, ou seja, a matemática desenvolvida e praticada por um grupo cultural, estando intimamente ligada ao meio ambiente, possibilitam aos membros dessa comunidade uma aprendizagem matemática significativa, valorizando suas próprias raízes culturais e estando intimamente ligada à pessoa que aprende.

Tal estudo, então, só pode ser realizado a partir do conhecimento de um contexto social específico e do modo de vida das pessoas que ali vivem, procurando-se conhecer e entender seus usos e costumes, suas necessidades e expectativas, seus modos de trabalho e de lazer, o discurso sobre o cotidiano. Isso permite perceber as raízes de sua lógica e de seu pensar ma

temático.

Para empreender esse estudo foi escolhida a favela Vila Nogueira-São Quirino, na região leste de Campinas, com cerca de dois mil habitantes, situada nos terrenos de um loteamento que beira um córrego. Seus habitantes são, em grande parte, de origem rural, mantendo muitos vínculos culturais com o campo.

Essa comunidade teve que se organizar e mobilizar-se para não ser expulsa dali por moradores da região que, num primeiro momento, se incomodavam muito com sua pobreza. Sua organização resultou na formação de uma associação de moradores que reivindica, hoje, prioritariamente, um projeto de urbanização (água, luz e esgoto). Uma outra preocupação dessa comunidade é com a educação das crianças. Em particular, ela se preocupa com a desocupação dos garotos e garotas no turno em que não estão na escola formal, ou em todos os turnos, no caso dos que não a freqüentam.

Nessa favela, após reivindicação da comunidade, está sendo desenvolvido um projeto da Secretaria da Promoção Social da Prefeitura de Campinas, em conjunto com as associações de moradores, desde agosto de 1984. Esse projeto consiste em colocar à disposição dessa comunidade monitores que desenvolvam práticas recreativas com as crianças e ajuda material na construção gradativa da infra-estrutura necessária, observando que os próprios moradores trabalham na consecução e organização dessas obras.

Essa escola não formal é chamada de "núcleo" pela prefeitura. Funciona num barracão de madeira, que também é sede da associação, e é chamada de "núcleo-escolinha" pelas crianças da favela da Vila Nogueira-São Quirino.

Desde o início de 1985, uma equipe de estudantes ligados ao NIMEC-UNICAMP (Núcleo Interdisciplinar para o Ensino de

Ciências da Universidade Estadual de Campinas) se uniu a esse projeto no sentido de desenvolver uma prática educacional, com fundamentos mais explícitos, que basicamente se coaduna com os que eu desenvolvo.

Com o início de minha integração a essa equipe de pesquisa e de meu relacionamento com essa comunidade que foi apresentada nos últimos parágrafos, o problema da incorporação dos fatores sócio-culturais a uma proposta pedagógica foi tomando feições próprias e localizado até chegar à pergunta diretriz deste trabalho, que pode ser colocada, de forma explícita, da seguinte maneira:

Que Matemática está presente na comunidade da favela da Vila Nogueira-São Quirino e como ela pode ser trabalhada pedagogicamente nessa mesma comunidade?

É no caminho de responder a essa pergunta que desenvolvo uma prática educativa, onde eu, como pesquisador, ajo também como educador que motiva e orienta na construção de modelos matemáticos, mediante uma plena utilização de experiências prévias, não existindo, portanto, uma dicotomia entre o pesquisar e o educar, como enfatiza Paulo Freire:

"... fazendo pesquisa, educo e estou me educando com os grupos populares. Voltando à área para pôr em prática os resultados da pesquisa não estou somente educando ou sendo educado: estou pesquisando outra vez"².

Tornam-se, então, o pesquisar e o educar um "permanente e dinâmico movimento". É sobre o ato de pesquisar que trata

²Freire, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: Brandão, C.R. (organizador) - Pesquisa Participante, Editora Brasiliense, São Paulo, 4ª edição, 1984, p. 36.

remos a seguir.

1.1. PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Para empreender esta pesquisa, o caminho escolhido foi o de uma linha fenomenológica e participante. Fenomenológica à medida que pretende compreender o fenômeno em questão ao invés de demonstrar uma verdade. Nessa linha de pesquisa, a verdade não aparece de forma acabada: ela é um desvelar permanente do Ser, uma busca da essência do fenômeno, evitando as armadilhas das aparências, e só é expressa através do discurso de um ser humano que vive no mundo.

"A Fenomenologia não é um conceito, mas uma idéia de Fenomenologia. Os conceitos normalmente se caracterizam pelo fato de se deixarem definir com uma relativa facilidade, enquanto as idéias ficam sempre um pouco indefinidas"³.

A Fenomenologia é uma postura, não se confunde com um método, no sentido canônico da palavra, sendo "uma atitude que proporciona rigor. É a volta às coisas mesmas contra a estagnação das coisas nas teorias"⁴.

Ela não pode ser vista então como método no sentido de obedecer a uma seqüência do tipo problemas e hipóteses, defini-

³Valentini, Iuigino. Fenomenologia e Dialética. In: Martins, Joel et alii (organizadores). Temas Fundamentais de Fenomenologia, Editora Moraes, São Paulo, 1981, p. 35.

⁴Ibidem, p. 43.

ção de variáveis, teoria explicativa, manipulação e medidas, tratamento estatístico. Num outro sentido, a Fenomenologia pode ser vista como um método, podendo suas atitudes ser vistas como um "método" alternativo à metodologia científica. Atitudes como colocar o objeto a ser estudado "em suspensão", livre de pré-julgamentos, de pré-conceitos, isto é, de conceitos previamente formulados, para poder atingir a essência desse fenômeno, aquilo que o fenômeno é.

É importante que fique claro que essa essência não é atingida de forma definitiva, estando, portanto, essa busca num dinâmico desvelar da verdade, que atingiria "resultados" usualmente tomados como definitivos se o caminho escolhido fosse outro. Além disso, deve o pesquisador estar aberto ao significado de possíveis pré-conceitos que possua ao estudar o fenômeno em questão.

Isso não significa que a Fenomenologia parta sempre do marco zero na busca do conhecimento, sem considerar aquilo que está aí no mundo posto como já conhecido, em termos de teorias e idéias já produzidas. Mas significa que a Fenomenologia olha para tais idéias indagadoramente, de modo crítico, no sentido de entender suas raízes e pré-conceitos com os quais se as costuma ver.

Essa pesquisa é participante por ver o homem indissolivelmente ligado ao mundo e às relações dialogais. Em que ele, homem, é visto como um ser-no-mundo-com-os-outros, estando aquele que pesquisa no mundo com o ente pesquisado. Em particular, nas ciências humanas, fica mais explícito que o conhecer se dá numa relação dialogal entre o pesquisador e os pesquisados.

A pesquisa participante, quando ocorre na área das ciências sociais, tem como fundamental que os grupos estudados, em geral populares, participem da pesquisa, interferindo na escolha do próprio tema, sendo necessário que haja, por parte do

pesquisador, uma restituição sistemática do material pesquisado numa forma que interesse à comunidade.

É bom que seja feita a ressalva de que essa proposta não é do tipo populista: "eles mandam na pesquisa, eles sabem e eu nada sei", mas também não quer manter uma tradição onde o saber é tido como exclusividade dos acadêmicos, que, via de regra, se apropriam, simplesmente, do saber popular. É um objeto de pesquisa e educação, onde ambos os atos de pesquisar e educar se fundamentam numa relação dialógica e dialética entre pesquisador e pesquisado.

Nessa visão de pesquisa fenomenológica e participante não é considerado perigoso que a própria comunidade interfira, ferindo a pureza deste estudo. Mais do que isto, descarta-se essa hipótese, pois sempre haverá interferência humana nas pesquisas, mesmo que seja na análise de dados, pois o significado atribuído a eles foi compreendido no meio social, onde a interferência "impura" do homem certamente se faz presente. Ou como coloca Paulo Freire:

"os mesmos cientistas sociais que fazem afirmação em torno da pureza dos achados, estão trabalhando na interpretação dos resultados de suas pesquisas, não podem evitar a interferência de sua subjetividade na interpretação que fazem. Como não podem evitá-la no momento mesmo em que 'desenham a pesquisa'".⁵

Não se pode, pois, pretender a compreensão de uma dada comunidade da mesma forma que um biólogo analisa um conjunto de insetos isolados em cativeiro. Sobre o tema, Schutz é explícito:

"Uma teoria que visa explicar a realidade social tem de desenvolver dispositivos particulares, estranhos às Ciências Naturais, a

⁵Freire, Paulo. Criando Métodos de Pesquisa Alternativa: aprendendo melhor através da ação, op. cit., p. 37.

fim de acompanhar a experiência de senso comum do mundo social"⁶.

Essa linha de pesquisa defende a necessidade do pesquisador mergulhar na realidade⁷ para entendê-la, sem, entretanto, ter a ilusão de se misturar com o grupo, tentando confundir-se com ele, mas, sim, ser aceito como ele é: como alguém que vem contribuir para um trabalho e que, depois de concluí-lo, irá embora, evitando assim uma atitude mistificadora e paternalista.

É necessário também que, após esse "mergulho na realidade", após a descrição do fenômeno estudado, haja uma interpretação que leve à essência desse fenômeno. Através dessa hermenêutica, entendida como a compreensão do significado latente da quilo que é, estarão se revelando os aspectos ocultos da realidade empírica, não se esgotando essa realidade nos seus dados empíricos.

Para mergulhar na realidade da favela da Vila Nogueira São Quirino, buscando constantemente a compreensão da sua essência, foram necessárias diferentes abordagens. Uma delas foi a de me "banhar" na realidade com idas à comunidade, onde convivía com as crianças do núcleo e com seus moradores de maneira geral. Foi um caminho onde me fui despiendo dos meus preconceitos, que às vezes passavam despercebidos, e eles também faziam o mesmo. Rompia-se uma dialética da incompreensão, onde pessoas de gru -

⁶ Schutz, A. Sociologia Interpretativa. In: Wagner, H.R. (organizador). Fenomenologia e Relações Sociais: Textos escolhidos de Alfred Schutz, Op. cit., p. 268.

⁷ realidade é entendida, neste trabalho, como a dimensão humana do mundo, onde estão presentes tanto os componentes naturais do meio ambiente como aqueles elaborados pelo homem; não se esgotando nos seus dados empíricos.

pos culturais diferentes, devido a diferenças de signos⁸ usados, a significados diferentes atribuídos a palavras idênticas, a padrões culturais distintos, caem num processo de desconfiança e insegurança que se interalimenta.

Nesta fase, olhava tudo do universo que me cercava, buscando registrar o possível em meus cadernos de campo com a máxima fidelidade, para que, após a descrição, pudesse haver uma reflexão sobre o real vivido. Em particular, começava a observar a etnomatemática do grupo, principalmente a das crianças, trilhando caminhos que pudessem levar a situações educacionais.

Dentro deste veio, realizei entrevistas gravadas com crianças do núcleo e com seus pais (vide anexos). Essas entrevistas foram gravadas e reproduzidas com o linguajar usado pelos entrevistados e por mim. Isso é explicado pela necessidade do discurso popular ser transcrito como ele efetivamente se dá, visto que as palavras adquirem orlas de significado diferenciado de acordo com o grupo cultural que as usa. E mesmo a designação de uma palavra específica para nomear alguma coisa implica que o grupo cultural considerou essa coisa nomeada suficientemente significativa e, portanto, merecedora de um termo isolado.

Estas entrevistas foram feitas com perguntas abertas, perguntas que não exigiam respostas monossilábicas, permitindo

⁸ signo será entendido aqui segundo a definição de Wagner como sendo "um termo de referência bipolar, consistindo no termo que nomeia a coisa ou evento, etc..., e na coisa que ele nomeia: o nome evoca a idéia da coisa: a coisa ou evento evoca o nome". In Wagner, H.R. Fenomenologia e Relações Sociais: Textos escolhidos de Alfred Schutz, op. cit., p. 41.

que a cultura⁹ se expressasse, além do que o rumo da entrevista contava com a participação do entrevistado, tendo ele a oportunidade de falar sobre o tema que escolhesse. A única limitação a essa liberdade era um guia de perguntas que eu tinha, no qual tratava com os adultos de assuntos como: suas origens, a favela, seus usos e costumes, a educação e a matemática, e com as crianças: o núcleo, a escola, e nossas "pesquisas" (que serão explicitadas mais à frente) que se iniciavam na época das entrevistas com elas. Eu me certificava antes que os entrevistados estivessem à vontade com o gravador. Exceções aconteceram, com algumas crianças que não se sentiram à vontade com ele, e talvez até com receio de que essa gravação, onde emitiam inclusive opiniões sobre a escola em que estudavam, chegasse de alguma forma à direção da escola ou aos pais. Essa conjectura se reforça por uma leitura atenta das entrevistas, onde principalmente os risos, signos que são muitas vezes mais significativos do que as próprias palavras, dão suporte a essa idéia.

Paralelamente às entrevistas e complementarmente a elas, foi realizado um histórico da favela com a história de seu surgimento, o número de habitantes, localização e origem dos moradores. Esse histórico se faz importante à medida que auxilia na compreensão do mundo-vida da favela, revelando dados sobre as origens desse contexto sócio-cultural. Esses dados foram obtidos de documentos da Secretaria de Promoção Social da Prefeitura Municipal de Campinas, das entrevistas realizadas e gravadas, de conversas mais informais e de assembléias de associação de que participei. Por fim, as informações recolhidas eram comparadas e interpretadas, formando uma visão expressa nesse histórico.

⁹cultura será entendida, nesta pesquisa, no sentido antropológico do termo, ou seja, como o acrescentamento que o homem faz ao mundo, como o resultado do seu trabalho, do seu esforço criador e recriador.

Esse procedimento, que é apoiado na visão de pesquisa já expressa anteriormente, também se aproxima das pesquisas etnográficas feitas desde o século XVIII, onde "etnografia e etnologia passaram a ser momentos distintos da mesma pesquisa, a análise etnográfica reunindo os documentos de base; a síntese etnológica procedendo sua interpretação"¹⁰. Embora se originando da Antropologia, essa pesquisa etnográfica procedia de modo semelhante à Fenomenologia, tendo, porém, o objetivo mais restrito de pesquisar a cultura específica de diferentes grupos étnicos, num trabalho similar ao que faço na Vila Nogueira-São Quirino.

No desenrolar deste trabalho, foi iniciada também a restituição sistemática à comunidade do conhecimento pesquisado. Através de um projeto educacional, fruto da reflexão e da interpretação deste conhecimento pesquisado, voltava à favela um saber que era deles e que servia de caminho para que tivessem acesso a outros conhecimentos. Ao dar início a esse projeto, surgem novos materiais de pesquisa, em particular, a verificação a respeito de quais tópicos do saber dessa comunidade podem gerar a ampliação do conhecimento que resultarão numa reelaboração da proposta educacional, mantendo-se esta pesquisa em um movimento dinâmico de interação entre o educar e o pesquisar, que só "cessa" para que possa ser elaborado formalmente este estudo.

Espera-se que, com esta elaboração que ora se desenvolve, o trabalho na favela ganhe em consistência, continuando o ciclo aparentemente paralisado, possibilitando também que outros educadores, que atuem em comunidades sócio-culturalmente diferenciadas, possam fazer uso desta pesquisa, captando a essência da mesma, gerando desta forma um efeito multiplicador.

Espera-se então que esse efeito se una a trabalhos fei

¹⁰ Porier, Jean. História da Etnologia. Tradução de Ivone Toledo. Editora Cultix, São Paulo, 1981, p. 15.

tos nas mais diferentes áreas, acadêmicas ou não, de tal forma que, sendo propagados, ajudem na superação das desigualdades sociais de nosso mundo, colocando-se, portanto, sem pretensões de neutralidade, do lado dos marginalizados e oprimidos.

1.2. A ESTRUTURA DESTA DISSERTAÇÃO

Este trabalho se inicia com esta Introdução que explicita o problema a ser estudado e trata dos procedimentos de pesquisa que serão adotados.

O segundo capítulo explicitará uma visão de homem subjacente a este estudo. Como é visto, como ele se relaciona com o mundo e com os outros e como ele conhece.

O terceiro capítulo tratará especificamente da maneira como o homem conhece o mundo de um ponto de vista matemático, explicitando a noção de etnomatemática, fruto de uma elaboração que parte de reflexões filosóficas do capítulo anterior, de idéias vinculadas à etnologia e de pesquisas realizadas por educadores matemáticos.

O quarto capítulo tratará do mundo-vida da favela da Vila Nogueira-São Quirino, tentando desvelá-lo, à medida que exponho a forma pela qual ele se mostra para mim. Em especial, identificará a etnomatemática lá praticada e elaborada.

Um quinto capítulo buscará a interpretação dessa matemática conhecida pelos moradores da Vila Nogueira-São Quirino de forma específica, e de seu conhecimento de forma geral. Enfocará, também, de forma central, a proposta pedagógica, aprofundando seus fundamentos, debatendo a incorporação da etnomatemática a propostas educacionais e expondo a experiência educacional realizada na favela.

Constarão do sexto capítulo considerações finais sobre este trabalho.

Farão parte, ainda, desta pesquisa uma bibliografia onde estão relacionados títulos que diretamente influenciaram esse estudo, alguns deles citados ao longo desse trabalho, e outros que indiretamente me ajudaram desde que minhas preocupações se detiveram nas influências sócio-culturais na educação e; um anexo onde estão fielmente transcritas as entrevistas realizadas e gravadas de acordo com o explicado no item 1.1; outro, onde constam plantas da favela feitas pela Prefeitura; um terceiro, onde são feitas algumas sugestões às monitoras do núcleo; um quarto, onde se encontra a cópia de um trabalho feito pelas crianças; um quinto, onde constam fotos que mostram um pouco da vida na favela da Vila Nogueira-São Quirino.

CAPÍTULO II

O HOMEM-SENDO-NO-MUNDO E SUAS RELAÇÕES DIALOGAIS

Neste capítulo será exposta uma visão de homem que permeia todo este trabalho e o fundamenta. Será abordado como esse ser se relaciona com os outros, como está ligado ao mundo e como ele conhece. Busco, portanto, um conhecimento cada vez melhor do modo peculiar de ser desse homem, de maneira que possa este estudo apontar caminhos na área da educação coerentes com essa visão.

Neste enfoque, apoiado sobretudo na Fenomenologia, o homem é visto como um ser-aí. Ele é ser à medida que sua essência¹ se manifesta no seu modo cotidiano de existir no mundo. E o aí é entendido como a zona de abertura, onde algo pode se manifestar como fenômeno. Ele é visto como um ser-no-mundo, pois ele não pode existir sem o mundo² nem o mundo sem ele, pois o

¹Essência é aqui entendida como o fundamental, como aquilo que se busca entender e está obscurecido pelas aparências.

²Mundo é entendido como o lugar onde se está junto com as coisas, com os outros e com as idéias, ou seja, com aquilo que faz sentido para nós. O mundo é sempre um mundo de significado.

homem e o mundo são indissoluvelmente ligados. Afirmar que o ser-aí é no mundo quer dizer ele "é" o seu mundo, pela familiaridade que tem com ele, pelo sentir-se em, pela possibilidade que tem de atribuir e compreender significados dos seres que o cercam. É um ser que se relaciona compreensivamente com aquilo que está à sua volta, atribuindo significados aos seres e desvelando significados já atribuídos. Esse compreender não é uma mera decodificação de símbolos, mas sim, um entender do modo específico de ser e existir das coisas. "Assim não há uma palavra, um gesto humano, um silêncio que não tenha um significado. Mas esse significado só se torna visível através da compreensão"³. Além disso, o ser-aí é um ser-em, pois está em algum lugar do mundo, vivendo de modo historicamente situado. Assim, o ser do homem só se realiza no viver cotidiano no seu mundo-vida.

O seu existir é um existir cotidiano, no qual o homem está no mundo e com os outros, pois é um ser no ambiente das coisas e com os outros. É, portanto, um ser-no-mundo-com-os-outros. Ele é no, não no sentido análogo da "água do copo, mas, sim, como uma indicação de um relacionamento que se expande, que está num espaço sem dimensões, cuja expansão ocorre através dos significados compreendidos. É este "ser-com" ou "sendo-com" é um constitutivo essencial do existir do homem, pois ele sempre trabalha com alguma coisa, ele fala com alguém, debate com pessoas, ainda que seja com-sigo mesmo. Desse modo, o homem sempre se relaciona com as coisas, com os outros, não fazendo sentido esse existir sem o com.

É nesse existir no mundo que ele aprende a conhecer o homem e as coisas. Existindo no mundo, o homem vive suas experiências desse mundo, no qual ele está incluído.

³Bicudo, M.A.V. Notas de aula sobre o conhecimento humano, não publicadas, IGCE, UNESP, Rio Claro, 1984, p. 9.

Mas o que é essa experiência? Para isso ficar esclarecido, é necessário que se faça referência a um dado indubitável, dentro desta construção fenomenológica que vem sendo feita, a saber: a existência de uma consciência pessoal, que é um fluxo contínuo, onde o pensamento, enquanto percepção de experiência vivida, é constante e mutável, podendo ser comparado a um rio ou a uma corrente.

Na idéia acima, experiência é corrente de consciência. Esta experiência é vivida num tempo interno próprio, diferente do tempo cronológico, num fluxo contínuo e indivisível. Schutz, se referindo a Bergson, explica:

"o que nós, de fato, vivenciamos na 'duração' não é uma coisa delimitada e bem definida, mas uma transição permanente de um 'agora assim' para outro 'agora sim'. A corrente de consciência, pela sua própria natureza, ainda não foi alcançada pela rede de reflexão. A reflexão, sendo uma função do intelecto, pertence essencialmente ao mundo temporal e espacial da vida cotidiana"⁴.

Assim, a própria consciência da experiência pressupõe uma volta contra a corrente, um olhar para trás, uma reflexão, como vamos chamá-la.

Ao estar refletindo, a pessoa já não está na corrente de "duração pura", já não está vivendo dentro deste fluxo, embora esse refletir, também, possa ser visto como uma nova corrente de consciência, o que por recorrência levaria a um processo infundável.

Neste momento, percebe-se que a consciência engloba o refletir e o conhecer, além do lembrar e do pensar. Com a ampli

⁴Schutz, A. Bases da Fenomenologia. In: Wagner, H.R. Fenomenologia e Relações Sociais - Textos escolhidos de Alfred Schutz, op. cit., p. 60.

tude desta noção de consciência, pode-se ver consciência e compreensão relacionando-se com o ser-aí-no-mundo-com-os-outros, o que implica que ele se volta para o mundo em busca da compreensão. "E essa busca permanente do homem é motivada pela sua própria incompleticidade que, como consciência, abre-se ao mundo intencionalmente para captá-lo e compreendê-lo, sendo capaz de uma inserção crítica da realidade"⁵. De forma mais explícita, consciência é aqui entendida como intencionalidade, como um estado de alerta, onde o homem se volta para o mundo, tentando compreendê-lo. Assim, estar consciente é voltar-se para alguém ou para algo na tentativa de compreender o seu ser, a sua essência.

Essa consciência, na terminologia usada por Freire⁶, pode ser transitiva ou intransitiva. A primeira é a que se caracteriza pela quase centralização dos interesses do homem em torno de formas vegetativas de vida. É aquela na qual o ser-aí vive no anonimato, guiado pelas reações de massa, dirigido pela moda. Nesse momento ele é "todo mundo e ninguém".

Com a ampliação dos interesses desse homem a esferas mais amplas, que vão além da simples esfera vital, a sua consciência se "transitiva". Essa consciência é, num primeiro momento, ingênua, caracteriza-se pela simplicidade na interpretação dos problemas. Chega, posteriormente, à "transitividade crítica". Este estágio, que se caracteriza pela profundidade na interpretação dos problemas e pela aceitação do novo, não apenas pela novidade, é visto por Freire⁷ como fundamental para que o homem

⁵Pavão, A.M.B. O Princípio de Auto-Determinação no Serviço Social: Visão Fenomenológica, 2ª edição, Cortez Editora, São Paulo, 1981, p. 45.

⁶Freire, P. Educação como prática da Liberdade. 6ª edição, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1976.

⁷Ibidem.

brasileiro possa, de fato, integrar-se no mundo, transformando a realidade e participando de sua sociedade em transição, com liberdade.

Esse estágio, que está no âmbito das possibilidades do ser do homem, entretanto, só é alcançado, para Freire, através de uma educação dialogal e ativa.

O diálogo que aparece, de forma fundamental para o crescimento deste homem, visto como um ser crítico e ativo, é uma relação horizontal entre dois (ou mais) homens quando o ser de ambos se expõe e (ambos) se referem a uma situação existencial, portanto concreta, de modo autêntico⁸, ou seja, é uma situação de intersubjetividade, na qual os dois se expõem mutuamente em sua totalidade, buscando um o conhecimento do outro. É uma relação onde um procura a compreensão total do outro, só podendo acontecer se nutrida de amor, de confiança mútua e de espírito crítico, pois sem esses elementos, em vez de haver comunicação, há comunicações, há ordens ditadas por quem fala e talvez executadas pelo que ouve.

2.1. FOCO SOBRE O DIÁLOGO

O foco sobre as relações dialogais será mais cuidadoso, devido à importância que assume, respondendo questões tais como: de que modo a relação dialogal acontece? Como se dá a relação entre sujeitos? Como esse existir-com-os-outros aparece na consciência de mundo da pessoa?

⁸Cf. Bicudo, M.A.V. "Intersubjetividade e Educação". in Didática, São Paulo, Volume 15, p. 97-102, 1979, p. 97.

Para responder tais perguntas serão enfocadas as experiências que podem ser compartilhadas por dois seres humanos pelo menos, como é o caso das experiências vividas por professor e aluno, visto que elas são essenciais na situação educacional, existente dentre outras relações humanas.

Digo que uma pessoa está ao alcance da experiência direta de uma outra quando ela compartilha com aquela um tempo e um espaço comuns. Nessa situação, cada um assume uma orientação para o outro.

É só nessa situação que pode surgir um "relacionamento do Nós", uma relação em que um pode coordenar suas experiências com as do Outro e em que, ambos, podem dizer, por exemplo: "Nós vimos este mamoeiro". E nesse ponto não reside nenhuma dúvida sobre qual mamoeiro foi visto, sobre suas características e sua localização, pois ambos estão vivendo uma situação "face a face".

Quando as duas pessoas estão imediatamente envolvidas uma com a outra toda a experiência é colorida por este envolvimento. E à medida que vão focalizar a atenção na experiência do relacionamento do Nós, têm que se distanciar dela e refletir sobre ela e, como em toda reflexão, há um corte na corrente da consciência, um "olhar para trás". "Particularmente, quanto maior a minha consciência do Relacionamento do Nós, menor o meu envolvimento nele, menos estou me relacionando genuinamente com meu parceiro. Quanto mais reflito, mais o meu parceiro é transformado num mero objeto de pensamento"⁹.

Um dos parceiros pode também, por outro lado, perguntar como o outro está interpretando suas experiências e, então,

⁹Schutz, A. Relações Interativas. In: Wagner, H.R. Fenomenologia e Relações Sociais - Textos escolhidos de Alfred Schutz, op. cit., p. 185.

corrigir e expandir a sua compreensão sobre o outro. Nesse ponto tenta-se chegar ao significado subjetivo do que o outro expressa em palavras no relacionamento do Nós.

E quando o outro se expressa, seja respondendo a perguntas ou não, ele se comunica não só através dos signos que objetivamente quis usar (as palavras, por exemplo), mas também através de retenções, pausas, suspiros, modos de andar, gestos e olhares involuntários,... vê-se, então, que o manifestar de um ser pode se apresentar de uma forma diferente da que ele escolheu, como ele pode nem ter tido intenção de comunicação ao usar um determinado signo.

Analisando-se mais detidamente essa questão da linguagem e da comunicação, pode-se notar que a linguagem não se esgota como código de interpretação e expressão, nos signos lingüísticos armazenados no dicionário. Assim, segundo Schutz: "as palavras são cercadas de 'orlas' que as ligam, de um lado, com elementos passados e futuros do universo de discurso a que pertencem e, de outro, com um halo de valores emocionais e implicações irracionais, eles próprios inefáveis"¹⁰. Também as palavras adquirem tonalidades diferentes, de acordo com a ocasião e com o contexto em que são usadas.

Um outro aspecto referente à variação de significados de signos, que assume especial interesse nesta pesquisa, é o fato de que cada grupo cultural, por menor que seja, e mesmo cada indivíduo, tem um código próprio, um código privado, que só é acessível àqueles que viveram experiências passadas comuns onde o código se originou.

Já analisamos, neste capítulo, como o ser vive suas ex

¹⁰ Schutz, A. Meios Sociais de Orientação e Interpretação. In: Wagner, H.R. Fenomenologia e Relações Sociais, op. cit. p. 97.

periências no mundo; o que são essas experiências; nos detivemos na relação face a face para clarear a situação dialogal e, por último, analisamos as questões da comunicação e da linguagem usadas, para que essa comunicação se efetive. Entretanto, é importante que se ponha em destaque o fato de que a relação face a face pode existir tênue ou rapidamente se as regiões de interesse e as motivações dos parceiros, que participam dessa situação, não tiverem uma interseção. O interesse, portanto, é fundamental na relação dialogal e, conseqüentemente, na situação educacional.

O interesse à mão é o que motiva todo o nosso "pensar, projetar, agir, e que, portanto, estabelece os problemas a serem solucionados pelo nosso pensamento e os objetivos a serem atingidos por nossas ações"¹¹. Schutz teoriza, estabelecendo um "sistema de relevâncias" que agrupa em "zonas de relevância", o conhecimento que temos em relação ao problema enfrentado. Tal sistema não deve ser encarado rigidamente à medida que nunca temos um único interesse à mão, e ao avançar a nossa existência, o nosso interesse e nossos problemas estarão em constante mudança.

No parágrafo anterior, usamos por duas vezes a palavra problema. Não só nesta pesquisa, mas na educação matemática e na educação de uma maneira geral, o termo problema aparece de forma bastante assídua. Entretanto, pouco se tem esclarecido sobre o significado desta palavra. Vejamos como ela assume um sentido importante não só para a educação, mas para a própria existência do ser-aí.

¹¹ Schutz, A. Atenção Seletiva: relevâncias e Tipificação, In: Wagner, H.R. Fenomenologia e Relações Sociais, op. cit., p. 110.

2.2. FOCO SOBRE O SIGNIFICADO DE PROBLEMA

A noção de problema, que é de maneira geral importante para a educação, toma uma importância ainda maior nesta pesquisa, como veremos em itens posteriores deste trabalho, onde será exposta a experiência educacional em curso na favela da Vila Nogueira-São Quirino. Por isso é preciso que essa questão seja clareada.

Mas o que é um problema? Se eu perguntar a um adulto qual a cor da calça que ele está vestindo, isso é um problema? Parece que, durante muito tempo, se confundiu o significado da palavra problema com o de uma simples questão, que tem uma resposta que pode ser dada com o conhecimento pronto à mão de quem é questionado.

Um outro enfoque corrente da palavra problema é associado ao "não saber". Mas será que eu perguntando a um garoto da Vila Nogueira qual o número de grãos de areia da praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, isso consistirá em um problema para ele? É praticamente impossível, porque ele não tem interesse em saber, pouco importando se a resposta é sabida, se não é, ou se pode ser obtida facilmente.

E nesse ponto tocamos numa questão central, já levantada no sub-item anterior deste trabalho: o interesse da pessoa. Para ser despertado, é necessário que o ser que está no mundo, que vive suas experiências num fluxo contínuo, veja-se diante de um obstáculo que interrompe esse curso natural. Nesse momento, esse ser quer saber como transpor o obstáculo e ignora como fazê-lo de pronto. Eis aí um problema. Eis, então, uma situação problemática para esse ser cognoscente.

Esse interesse pode ser intrínseco a esse ser ou imposto, podendo, então, neste último caso, resultar num pseudopro-

blema. No ensino da Matemática, por exemplo, essa situação é muito comum. Pede-se ao aluno que resolva uma lista de equações que não o interessam em nada. Mas ele quer "passar de ano", então toma como seu o "problema" de resolver aquela lista. Nesse caso, isso seria um pseudoproblema ou um problema por interesse imposto. "Isso é possível em virtude de que os fenômenos não apenas revelam a essência, mas também a ocultam"¹².

Pode parecer até o momento que o significado do problema esteja "subjetivizado". Isso pode ocorrer, uma vez que o "termômetro" imediato da noção de necessidade é a experiência individual.

"Deve-se notar, contudo, que o problema, assim como qualquer outro aspecto da existência humana, apresenta um lado subjetivo e um lado objetivo, intimamente conexions numa unidade dialética... Diríamos, pois, que o conceito de problema implica tanto a conscientização de uma situação de necessidade (aspecto subjetivo) como uma situação conscientizadora da necessidade (aspecto objetivo)"¹³.

Enfim, problema pode ser visto como uma situação de impasse, que gera interesse, sendo fundamental, não só na relação educacional, como na existência humana de uma maneira geral. E o problema quando exigir para sua superação um tratamento matemático, poderá abrir caminho para geração de etnomatemática e é sobre o significado desta noção que trataremos no capítulo seguinte.

¹²Saviani, D. Do Senso Comum à Consciência Filosófica. Cortez Editora, São Paulo, 1985, p. 23.

¹³Ibidem, p. 21.

CAPÍTULO 3

ETNOMATEMÁTICA: O Homem Também Conhece o Mundo de Um Ponto de Vista Matemático

Na visão de homem exposta no capítulo anterior, vimos que o ser cognoscente produz códigos próprios de linguagem e de interpretação, com seus termos técnicos, dialetos, cujo uso e interpretação, são restritos a grupos sócio-culturais específicos ou mesmo a indivíduos em particular, sendo esses códigos plenamente compreensíveis àqueles que participaram de experiências passadas comuns, onde o código se criou, ou da tradição a eles associada.

Essa linguagem expressa diferentes modos de conhecimento elaborados pelo homem, ao compreender e interpretar o mundo onde está situado. Dentre as maneiras de conhecer, encontra-se a Matemática. Tal saber, que é expresso em códigos de linguagem¹ específicos de um dado grupo sócio-cultural, vem sendo denominada etnomatemática.

Etnomatemática, assim entendida, é a matemática praticada por grupos culturais, como sociedades tribais nacionais ,

¹ Linguagem é aqui entendida como todo sistema de signos que serve de meio de comunicação entre indivíduos e pode ser percebido pelos diversos órgãos dos sentidos.

grupos de trabalho ou grupos de moradores, como os favelados da Vila Nogueira-São Quirino. Essa matemática é diferenciada da matemática acadêmica sob vários aspectos, inclusive pelo seu código de expressão e pelos fins a que se propõe atingir, sendo que, em relação a esses fins, ela se mostra muitas vezes mais eficiente para o grupo cultural que a elaborada do que a acadêmica.

Os fins acima referidos são, em geral, aqueles que emergem a partir de obstáculos surgidos no cotidiano da existência de um grupo cultural ou de parte dele. O impasse gera o interesse, a curiosidade e a necessidade de transpô-los, assumindo a característica de um problema na acepção discutida no capítulo anterior. Quando a solução desse problema exige tratamento matemático, eis então que surge o caminho para o nascer da etnomatemática. Portanto, estando esta vinculada ao mundo-vida e sendo a expressão da superação deste problema que exige tratamento matemático, ela deverá ser mais eficaz, para atingir as metas pretendidas, do que os modelos armazenados nos livros da matemática acadêmica, com códigos nem sempre acessíveis a um grupo cultural que tem um problema à frente.

Essa etnomatemática, uma vez elaborada, é passada através de gerações e até em uma mesma geração esse saber é geralmente partilhado com o grupo, sendo aperfeiçoado, quase sempre de forma integrada a outras zonas do "etnoconhecimento". Então, essa matemática, que é ligada ao interesse, que é partilhada com o grupo muitas vezes através do diálogo, que se efetiva para resolver os "problemas matemáticos comuns ao grupo", é o que se entende por etnomatemática.

A etnomatemática, vista sob o foco da etnologia, não é uma idéia nova, porém tem sido pouco explorada. São poucos os trabalhos de matemática realizados nessa linha, "embora existam muitas pesquisas em etnoastronomia, etnobotânica, etnoquímica e

assim por diante"².

A etnologia tem evoluído através dos tempos, sendo um dos marcos de sua evolução a mudança do conceito de etno, associado atualmente à idéia de grupos culturais e não mais aos de raça, conceito que caracteriza os povos segundo padrões ligados à biologia.

Uma das linhas de pesquisa da etnologia chama-se etnosociologia dinâmica. Linha esta que nasceu após a segunda guerra, com o objetivo de investigar como acontecem a interpretação, a interferência, os encontros e as mestiçagens de culturas diferentes.

Nessa perspectiva, a questão educacional se coloca de forma privilegiada, pois:

"se a educação baseada no costume permanece uma realidade permanente, sua ação e seus efeitos se apresentam, todavia, de maneira muito diferente do que eram originalmente. Ela já não pode como antes pretender produzir uma personalidade una e integrada. Haverá sempre nas pessoas que ela forma, domínios cada vez mais amplos que escapem à sua influência, estranhos ao seu espírito. Os valores que ela promove não se apresentam mais como absolutos... suas afirmações tornam-se relativas e contingentes"³.

²D'Ambrosio, Ubiratan. Ethnomathematics and its Place in the History and Pedagogy of Mathematics, For the Learning of Mathematics - An International Journal of Mathematics Education, Montreal, Canadá, fevereiro, 1985, p. 44.

³Erny, Pierre. Etnologia da Educação. Tradução de Antonio Roberto Neiva Blundi. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1982, p. 117.

3.1. ETNOMATEMÁTICA, ALGUNS ENFOQUES

Da mesma forma que a etnologia associou o conceito de etno à cultura e não mais à raça, vários são os pesquisadores que, mesmo sem empregar necessariamente o prefixo etno, ligados a diversas áreas como Filosofia, Antropologia, Sociologia, Educação, Psicologia, Matemática,... e áreas novas que surgiram como resultado da interação dessas, a partir desse século, iniciaram investigações sobre etnomatemática em diversas partes do mundo. Nem sempre a denominam dessa forma, usando várias vezes terminologias como matemática oral, coloquial, folclórica, informal, ambiental, etc.

Geoffrey Saxe, por exemplo, prefere não usar uma terminologia específica em alguns dos seus artigos⁴ que reportam suas pesquisas com os Oksapmin, um grupo cultural que habita a Papua-Nova Guiné, com o qual ele desenvolveu investigações. Esses estudos explicitaram um sistema de contagem usado por eles, diferente do habitualmente usado por nós, constando de um conjunto de vinte e nove partes do corpo e que engendra novas formas de raciocínio matemático, mesmo quando esse grupo começa a entrar em contato com a comunidade ocidental, o que inclui o comércio, dinheiro, salários,... Saxe identifica em seus trabalhos um sis

⁴Saxe, G.B. "Children's counting: the early formation of numerical symbols", Child Development, U.S.A., nº 3, 1979.

_____. "Body parts as numerals: A developmental analysis of numeration among the Oksapmin in Papua New Guinea, Child Development, S.R.C., U.S.A., nº 52, 1981.

_____. "Developing forms of Arithmetical Thought Among the Oksapmin of Papua New Guinea", Developmental Psychology, U.S.A. vol. 18, nº 4, 1982.

_____. "The Development of Measurement Operations among the Oksapmin of Papua New Guinea", Child Development, U.S.A., nº 53, 1982.

tema original de medidas que está vinculado a esse sistema de contagem. Mesmo sem usar nenhuma expressão específica, esse é um trabalho em etnomatemática, no sentido atribuído a esta noção nesta pesquisa.

No mesmo sentido, Gay e Cole⁵, por sua vez, defendem que os africanos não pensam como crianças, como afirmam alguns pesquisadores. Apenas os testes que foram usados não eram adequados à cultura local, com problemas de linguagem. Afirmam ainda, ao pesquisarem a matemática que as crianças conhecem, que o desenvolvimento da aritmética informal depende de fatores culturais, sugerindo que a matemática indígena deve ser antes estudada para depois serem estabelecidas pontes entre esta matemática e a escolar. O professor, segundo esses dois autores, deveria então ensinar a essas crianças como lidar criativamente com a matemática indígena e, a partir daí, avançar para uma matemática nova.

No Brasil, um grupo de pesquisadores de Pernambuco encontrou evidências que vêm ao encontro dos de Gay, Cole e Saxe. D. Carraher, T. Carraher e A. Schiliemann, em pesquisas⁶ com

⁵Referência feita a esses autores por Paulus Gerdes em seu livro "Sobre o Despertar do Pensamento Geométrico" (em fase de publicação). Gerdes se refere à obra de Gay e Cole intitulada: *The New Mathematics and an Old Culture: A Study of Learning Among the Kpelle of Liberia* - New York, 1967.

⁶Carraher, T.N.; Carraher, D.; Schiliemann, A.D. Na Vida Dez, na Escola, Zero: os contextos culturais da Aprendizagem da Matemática, Caderno de Pesquisa, nº 42, São Paulo, agosto de 1982.

Schiliemann, A.D. A Matemática entre Carpinteiros e Aprendizes de Carpintaria: Implicações para o Ensino Escolar, XIV Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, outubro de 1984.

Carraher, D.W. Classe Social e Processos Cognitivos, Simpósio da ANPEPP, realizado durante a Reunião Anual da SBPC, Belo Horizonte, julho de 1985.

crianças e adolescentes, vendedores de rua, aprendizes de carpintaria,... apontam para a existência de uma matemática oral ou não-estandarizada ou de métodos naturalmente desenvolvidos pela criança para resolver problemas práticos ou "de um tipo de matemática, ou outros tipos que ocorrem fora da sala de aula, na vida não acadêmica: a matemática de jogos, de vendas e compras, de medidas"⁷. Além de afirmarem a existência desta matemática, eles atribuem à ignorância desta matemática por parte do sistema de ensino como sendo uma das causas do fracasso escolar, mostrando ainda que, em alguns casos, as crianças desaprendem determinados procedimentos de cálculo após o ingresso na escola. Concluem, então, de forma semelhante a Gay e Cole, que para uma mudança na natureza do ensino é preciso "estabelecer ligações ou vínculos entre os conhecimentos intuitivos ou espontâneos que a criança tem sobre a matemática com base em sua experiência diária, com a manipulação de quantidades, em particular, com o uso de dinheiro e a realização de medidas"⁸. Dessa forma, com o reconhecimento por parte dos professores desta matemática, poderiam ser estabelecidas pontes, através da "discussão plena e constante com os alunos", entre a matemática dos livros e essa outra que não está contida neles.

⁷Carraher, D.W. Classe Social e Processos Cognitivos, Op. cit. p. 1.

⁸Ibidem, p. 15.

D'Ambrosio⁹ reconhece a existência de uma aptidão numérica "espontânea"¹⁰ que é inibida diversas vezes por uma "erudita" e, de forma mais geral, afirma a existência de uma etnomatemática, terminologia que vem usando desde 1976, com o significado de uma matemática praticada por grupos culturais. É, segundo D'Ambrosio, uma matemática cuja identidade depende amplamente do interesse, da motivação e de certos códigos e jargões que não pertencem ao domínio da matemática acadêmica. O autor defende uma posição de destaque para a etnomatemática, ao afirmar que ela tem sido, através dos tempos, "expropriada pela instituição escolar, formalizada e codificada e incorporada no que chamamos de matemática acadêmica"¹¹. D'Ambrosio, que tem se preocupado de forma bastante intensa com a fundamentação da noção de etnomatemática, se preocupa também com os reflexos da não consideração da etnomatemática nos currículos escolares, postu-

⁹D'Ambrosio, U. Ensino de Ciências e Criação de uma Tradição Científica (separata), Interciência, vol. 5, nº 6, nov-dez, 1980.

_____. Culture, Cognition and Science Learning-Aparecer. Proceedings Conference Science Education in the Americas, NSTA-OAS, Panamá, dezembro de 1984.

_____. Ethnomathematics and its place in the history and Pedagogy of Mathematics, For the Learning of Mathematics - An International Journal of Mathematics Education, FIM Publishing Association, Montreal, Canadá, fevereiro de 1985.

_____. Da Realidade à Ação: Reflexões sobre Educação e Matemática. Summus e Campinas: Ed. da UNICAMP, Campinas, São Paulo, 1986.

_____. Socio-Cultural Foundations of Mathematics and Science Education. Campinas, 1986 (mimeografado)

_____. Alternative of Epistemologies and Ethnoscience. Palestra no World Congress of Sociology, New Delhi, agosto de 1986 (mimeografado)

¹⁰D'Ambrosio, U. Da Realidade à Ação. Reflexões Sobre a Educação e Matemática. Op. cit., p. 57.

¹¹D'Ambrosio, U. Ethnomathematics and its Place in the history and Pedagogy of Mathematics, op. cit., p. 45.

lando ser essa uma das razões dos bloqueios psicológicos que afetam as crianças na vida escolar.

Mellin-Olsen, em seu artigo "The Role of Thinking Tools"¹², aponta para a existência de uma etnomatemática, caracterizando-a como um "material intelectual" para a matematização, modelagem matemática e generalizações matemáticas, o que é geralmente desprezado pelas escolas. O autor argumenta que a preocupação com a questão etnomatemática versus matemática já foi considerada anteriormente no início do século por autores que não se restringiam ao campo da Matemática. De acordo com ele, é o caso de Gramsci¹³, que fazia menção a uma dupla consciência do trabalhador italiano. Uma que emerge das suas experiências vividas e outra que emerge das mensagens sobre sua realidade, apresentada pela igreja, escola, jornais, ... Mellin Olsen cita também Bateson¹⁴, um antropólogo inglês que nos anos vinte tinha como conceito chave a "double bind". Segundo Bateson, a "double bind" ocorre quando a pessoa codifica suas experiências de um modo que se choca com o código das mensagens que chegam a ela, sendo necessário para que isso ocorra que a pessoa não descubra essa contradição.

Mellin-Olsen também se preocupa com a incorporação da etnomatemática à prática educativa. Ele propõe uma "politização

¹² Mellin-Olsen, S. The Role of Thinking Tools of Mathematics in Education, Palestra na CIEARM, Southampton, 26 de julho de 1986 (mimeografado).

¹³ O autor se refere à obra de A. Gramsci: Selection From Prison Notebooks, International publishers, New York, 1972.

¹⁴ O autor se refere à obra de G. Bateson: Steps to an Ecology of Mind, Paladin Books, Herts, 1973.

da matemática" com os alunos usando suas "ferramentas de pensamento"¹⁵ (modelos, funções, variáveis...), de tal forma que eles estejam em condições de transformar a sociedade e não só de serem adaptados a ela. Mellin-Olsen propõe a dialética como método didático baseado na contradição entre matemática pura e aplicada, dizendo que "sem teoria não há aplicação, sem aplicação não há teoria", sendo que dessa forma a matemática poderia ser apreendida em sua totalidade. Mellin-Olsen realça, por fim, a importância do professor ter sua habilidade dirigida para sentir os metaconceitos¹⁶ (creio eu, que em relação à matemática, essa designação seria mais uma a se aproximar da noção de etnomatemática) do aluno, que são seu ponto de partida, e também os que dirigem sua racionalidade.

Finalmente, Paulus Gerdes¹⁷ caminha no mesmo sentido de D'Ambrosio e Mellin-Olsen, ao afirmar que "para libertar a iniciativa criadora das massas populares, para alargar optima-mente os seus conhecimentos e aptidões matemáticas, impõe-se

¹⁵ Expressão usada por Mellin-Olsen apoiado em L. Vigotsky.

¹⁶ Expressão usada por Mellin-Olsen.

¹⁷ Gerdes, P. A Matemática ao Serviço do Povo - Alguns Exemplos, Idéias e Experiências Pessoais na Formação de Professores em Moçambique. Anais "Caribbean Conference of Mathematics for the Benefit of the Caribbean Communities and its Reflection in the Curriculum", Paramaribo, Suriname, outubro de 1982.

. Conditions and Strategies for Emancipatory Mathematics Education in Undeveloped Countries - For the Learning of Mathematics, FIM Publishing Association, Montreal, Quebec, Canadá, fevereiro de 1985.

. Sobre o Despertar do Pensamento Geométrico. (mimeografado).

. On Culture, Geometrical Thinking and Mathematics Education. A ser publicado in Cultural Dynamics, vol. 2, 1987.

uma integração das suas tradições matemáticas nos programas de ensino"¹⁸. Gerdes junta, efetivamente, a etnomatemática (ou tradições matemáticas) a uma proposta pedagógica e a ilustra com exemplos nos quais, através do debate com seus alunos sobre temas que interessam ao crescimento de Moçambique, onde ele trabalha, eles, professor e alunos, desenvolvem matemática acadêmica a partir da (etno) matemática que seus alunos sabem. Busca também nas tradições culturais dos moçambicanos (com seus diversos grupos culturais) saber como a confecção de cestos ou a construção de casas acobertam conhecimentos matemáticos que estavam "congelados" ou "escondidos", na expressão de Gerdes, e que "equivaleram" ao conhecimento implícito do quinto axioma da Geometria Euclidiana ou ao Teorema de Pitágoras, por exemplo. Afirma Gerdes que o estudo através desses caminhos pode levar os estudantes de Moçambique a uma maior confiança matemático-cultural, mostrando, inclusive, de forma mais clara, a relação entre experiência cotidiana e a possível escolha de axiomas ou entre axiomas e teoremas.

3.2. ETNOMATEMÁTICA E EDUCAÇÃO

Todos os autores citados no item anterior estão, de uma forma ou de outra, relacionando suas pesquisas com os seus resultados, intuições e conclusões aos problemas que se apresentam à Educação. Entretanto, salvo Mellin-Olsen e Paulus Gerdes, eles não se preocupam, ao menos nos textos aos quais tive acesso - listados nas notas de rodapé - em efetivar uma prática edu

¹⁸ Gerdes, P. Sobre o Despertar do Pensamento Geométrico, p. 13.

cativa dialética com os próprios elaboradores e praticantes da etnomatemática, que os levasse a novas conclusões e, conseqüentemente, a novas reflexões unindo, como este trabalho propõe, o ato de pesquisar e o de educar. Não se trata de esquecer que eles participam do ato educativo com seus alunos universitários, gerando assim um efeito multiplicador de suas idéias. Nem é o caso, obviamente, de desprezar a importância desses pioneiros trabalhos, visto que eles servem de base para novas pesquisas e práticas educativas desenvolvidas por terceiros. Entretanto, é bom enfatizar que a restituição à comunidade pesquisada, sob alguma forma, do que foi estudado não aparece nos referidos textos.

Gerdes e Mellin-Olsen, de forma diferenciada, partem para uma prática educativa a partir do resultado de suas pesquisas. Mellin-Olsen realça a importância do aluno poder escolher as "ferramentas da matemática" com total liberdade. Ele busca uma situação, até então não encontrada, onde isso seja possível. Gerdes busca, de forma semelhante à de Olsen, que os alunos aprendam a matemática ligada à cultura deles, com a diferença que Gerdes realça sempre o fato do estudo da matemática estar ligado a uma crítica à sociedade do ponto de vista socialista.

Creio que este trabalho feito por mim enfatiza a não separação entre pesquisador e pesquisado e pesquisar e educar, sendo o educar também uma das formas de restituição à comunidade da pesquisa lá feita. Este trabalho visa também a contribuir para um estudo efetivo acerca da incorporação da etnomatemática a uma proposta pedagógica, vivenciada numa escola não-formal.

Incorporar a etnomatemática a um projeto pedagógico é o que propõe este trabalho, desde que essa etnomatemática seja objeto de interesse em determinado momento das crianças e não seja um "banco de dados de etnomatemática" para ser aplicado às crianças da mesma forma que a maioria dos livros didáticos fa-

zem com a matemática acadêmica. Dessa forma, uma parte da etnomatemática, identificada na favela da Vila Nogueira-São Quirino, não é utilizada no projeto, pois a idéia não era a de impor o "interesse", mesmo considerando que a etnomatemática pertence à cultura dessa comunidade, ao seu meio ambiente e às suas tradições.

Neste projeto, tem-se que a etnomatemática serve de ponto de partida para uma prática em Educação Matemática, servindo como um "porto de desembarque" para o estudo do conhecimento matemático formal e informal.

É importante, também, a discussão sobre a oportunidade do uso da expressão etnomatemática, que não é assumida integralmente pelos autores citados neste capítulo, com exceção de D'Ambrosio, que foi um dos primeiros a se utilizar sistematicamente desta expressão. Creio que essa discussão é também importante, pois alguma névoa tem envolvido o uso desta noção, em especial em alguns debates sobre o tema no Brasil.

3.3. CONCLUSÃO: A Noção de Etnomatemática

As diversas expressões utilizadas pelos autores aqui citados podem, no meu ponto de vista, ser agrupadas sob a noção de etnomatemática. Analisarei primeiro o sentido de algumas expressões aqui usadas para expor depois o porquê desta última afirmação.

Uma delas é espontânea, que tem uma conotação de uma aprendizagem "natural" desta matemática, como uma mera influência que vem do mundo. Uma segunda é ambiental, que assume o sentido de estar relacionado à natureza, ao meio ambiente e às transformações efetuadas pelo homem na natureza. A terceira é

oral, que exprime o fato de que, ao contrário da tradição letrada da cultura ocidental, essa matemática é expressa basicamente através de códigos orais. Finalmente, a matemática folclórica ou as tradições matemáticas estão bem próximas da expressão "matemática cultural" ou "matemática antropológica" que, por sua vez, se encontram bem próximas da noção de etnomatemática, sendo usadas, inclusive, pelos autores que adotam a expressão de etnomatemática quase como um sinônimo.

Essas diferentes designações que revelam aspectos e talvez enfoques distintos da etnomatemática podem ser assim chamadas, pois creio que a noção de cultura¹⁹ abrange essas noções, e o "espontâneo" é influenciado pelo cultural, como indicam os artigos citados neste capítulo e este próprio trabalho. O ambiental também, pois o meio-ambiente e as transformações provocadas nele pelo homem fazem parte de cultura de um grupo. O "oral" é certamente um aspecto que caracteriza um grupo cultural, e o "folclore" e as "tradições" é o que essa cultura acumulou de conhecimentos através dos tempos.

Dessa forma, se tomarmos a noção de etno, associada à idéia de grupos culturais, entendendo-a num sentido amplo "que inclua todos os grupos culturais, com seus jargões, códigos, símbolos, mitos e até maneiras específicas de raciocinar e inferir"²⁰, estando, pois, vinculada ao sentido que a etnologia lhe atribuiu ultimamente, visto que o antigo sentido, ligado à noção de raça, caiu no ostracismo com a miscigenação atual e, se entendemos matemática também no sentido amplo, compreendendo toda uma amplitude de atividades, como contar, classificar, calcular, medir, inferir e modelar, a etnomatemática, vista então como a matemá-

¹⁹Cf. rodapé 9, cit. p. 11, cap. 1.

²⁰D'Ambrosio, U. *Ethnomathematics and its Place in the History of Pedagogy of Mathematics*, op. cit., p. 45.

tica ligada aos grupos culturais, parece razoável que esta noção assim entendida possa, pela sua amplitude, e pela noção unificadora de cultural, abarcar as outras expressões usadas anteriormente por diversos autores.

Então, a etnomatemática pode ser vista como um campo de conhecimento intrinsecamente vinculado a um grupo cultural, e a seus interesses, estando pois estreitamente ligado à sua realidade²¹, sendo expressa através de uma linguagem, geralmente diferenciada das usadas pela matemática vista como ciência, linguagem esta que está umbilicalmente ligada à sua cultura, à sua etnia.

²¹Cf. rodapé 6, cit. p. 9, cap. 1.

CAPÍTULO 4

O MUNDO VIDA DA FAVELA DA VILA NOGUEIRA-SÃO QUIRINO E A ETNOMATEMÁTICA ALI PRESENTE

Neste capítulo será exposto como a favela da Vila Nogueira se mostrou para mim nesse ano e meio de trabalho. Começa com uma concepção da história da favela elaborada por mim, de acordo com os procedimentos explícitos no item "1.1" deste trabalho. Em seguida relatarei a minha vivência na favela, cuja lógica fui compreendendo. Destacarei, então, a matemática dos adultos e a das crianças, que foram por mim percebidas.

4.1. UMA CONCEPÇÃO DA HISTÓRIA DA FAVELA DA VILA NOGUEIRA-SÃO QUIRINO

Para que fosse possível elaborar esse histórico, foram utilizados documentos oficiais da Prefeitura Municipal de Campinas, as entrevistas realizadas com os moradores (vide anexo) e minhas visitas ao núcleo de escolinha da Vila Nogueira-São Quirino.

A favela da Vila Nogueira fica na região leste de Campinas, beira o córrego da Rua Luiza de Gusmão, localizando-se

na Praça 2, Praça 3, Fazenda São Quirino, e Ruas José A. Gomes, Emílio L. Jr. e Dario P. de Camargo (vide mapa nos anexos). Embora não conste no "Relatório do Levantamento de Sub-Habitação da Prefeitura de Campinas"¹ de 1965, a favela deve ter nascido por essa data, visto que, para D. Ilza (vide anexos) a favela já existe há vinte e um anos e no documento da Prefeitura² de 1973 a favela já contava com setenta barracos.

A favela, que também pode ser identificada pelo código 5 da SANASA, ocupa uma área de cerca de 24.000 metros quadrados e dista 5 km do centro da cidade e, segundo o levantamento feito em 1981 pela Prefeitura³, havia cerca de 240 barracos, com aproximadamente 1.200 moradores. Atualmente, estima-se que existam cerca de 350 barracos com cerca de 2.000 moradores. Em um prolongamento dessa favela existe uma outra, a São Quirino, que tem vida bastante integrada com a Nogueira. Existem também na região as favelas do Santana Quirino, Nilópolis e Cafezinho.

A questão da saúde que a todos preocupa se torna mais importante nessa favela pelo contato diário dos moradores com a "vala", que é um riacho transformado em esgoto a céu aberto. O bairro não tem posto de saúde com médico. Quando há necessidade, os habitantes têm que se deslocar para outros bairros onde encontram postos que não funcionam todos os dias e nos quais os médicos e enfermeiros se revezam no atendimento ao público.

¹Campinas, Secretaria Municipal de Promoção Social, Relatório do Levantamento de Sub-Habitação de Campinas, 1965.

²Campinas, Secretaria Municipal de Promoção Social. Estudo e Levantamento da Realidade de Favelas na Cidade de Campinas, 1973.

³Campinas, Secretaria Municipal de Promoção Social. Perfil das Favelas do Município de Campinas, coordenação: Maria Lúcia L. de Abreu, 1982.

Não na favela, mas no bairro de mesmo nome, existe uma farmácia, uma mercearia e um açougue. Existem duas escolas de primeiro grau, não existem pontos de táxis e os ônibus que ligam o bairro ao centro circulam em intervalos que variam de quinze a sessenta minutos, de acordo com a disponibilidade da CCTC (Companhia Campineira de Transportes Coletivos). Não existe, também, nem creche nem posto policial no bairro.

De acordo com os documentos da Prefeitura⁴, as causas que levam à formação de favelas em Campinas são as mesmas dos outros grandes centros, ou seja, o crescimento vegetativo da população e a imigração. Ainda, segundo o relatório, a migração ocorre devido a dois fatores que se inter-relacionam:

- a) a expulsão do local de origem: que se dá devido a secas, enchentes, divisões cada vez menores para a cultura de subsistência e devido à expansão da tecnologia capitalista que propicia a substituição da mão-de-obra;
- b) atração pelas grandes cidades que decorre da influência dos meios de comunicação, do atendimento a convites de parentes, que emigraram anteriormente e da busca por melhores condições de vida.

Eu tenho confirmado junto aos favelados essas idéias acerca das causas de sua vinda para os grandes centros. Durante minhas visitas à favela, tem-se tornado evidente que a atração pelos grandes centros é fruto de um sonho de ascender socialmente (vide entrevista com D. Ilza, nos anexos). As causas da sua expulsão do campo não são tão claras, entretanto, várias são as famílias que falam na "volta ao passado", na volta à roça e alguns, como D. Maria, efetivamente se preparam para voltar à Ala

⁴Ibidem.

goas. D. Maria, que mora há poucos meses na favela, e tem três filhos no núcleo, diz que "a vida no sul é muito corrida e as crianças reclamam muito do frio" (este dado foi obtido em uma conversa durante uma das visitas feitas à favela). Complementa, dizendo que o marido, que é pedreiro, teve que aceitar qualquer emprego ("segurança" de uma farmácia) para não perder o direito ao INPS, já que está há algum tempo desempregado.

Segundo o mesmo relatório da Prefeitura de Campinas⁵, a população favelada cresceu de 7.000 habitantes em 1973 para 48.000 (em 9.200 barracos) em 1981, com um crescimento de 700%, bem superior ao crescimento da população em Campinas, que foi da ordem de 200%. Essa população, que vem a Campinas à procura de melhores condições de vida, é proveniente em sua maioria da própria região sudeste (53,5%) oriunda principalmente de outras cidades de São Paulo. O Nordeste contribui com cerca de 10% da população residente nas favelas de Campinas. É importante realçar que nesse relatório da Prefeitura, o conceito de "local de origem" é o "último estado que residiu por um período superior a 30 dias"⁶. Sendo assim, é razoável supor que várias pessoas cujo local de origem, de acordo com a definição na frase anterior, seja a região sudeste, tenham nascido em outras regiões do país. Essa suposição encontra eco na entrevista de D. Ilza, que afirma: "só sei que de cinco, cada região, cada estado, tinha um". Ainda para justificar essa suposição, eu posso argumentar com a imensa diversidade de sotaques na favela.

Sobre a população que mora nas favelas, o relatório⁷ as

⁵Ibidem.

⁶Ibidem, p. 64.

⁷Ibidem.

sinála ser um mito a idéia de que o favelado é um desocupado , pois o índice de desemprego é de 9%, sendo, portanto, levemente inferior à taxa oficial de desemprego do país. O mito se torna mais evidente se lembrarmos que na favela a construção civil é o ramo principal de atividade econômica dos "chefes de família" (46%), e que em 1981, época da confecção do relatório que foi publicado em 1982, o país estava em plena recessão, a qual atinge, de forma mais dura e imediata, exatamente o setor da construção civil.

O processo de formação de favelas em Campinas é comum a todas de acordo com o relatório⁸. A história da favela da Vila Nogueira ganha, entretanto, maior especificidade desde a fundação da Associação dos Moradores da Favela Vila Nogueira-São Quirino (AFAVINSQ). É a história dessa associação que será tratada agora.

4.1.1. O Histórico da Associação

A "AFAVINSQ" foi fundada no dia 08 de setembro de 1981, segundo a sua atual presidenta, D. Ilza. Ela diz isso com segurança e muito orgulho. Segundo ela, a associação foi fundada para unir as pessoas, "porque o pessoal num sabia, o pessoal sentava e cruzava os braços e pensava assim: "Eu vô sentá e cruzá os braço e esperá, da Prefeitura vem tudo". (D. Ilza, vide anexo)

De acordo com um documento oficial da Prefeitura⁹ e com

⁸ Ibidem.

⁹ Ibidem.

D. Ilza, a formação da associação de moradores teve sua origem na Assembléia do Povo, com assessoria do P.T. (Partido dos Trabalhadores) e da Federação de Associação dos Moradores, esta ligada à Prefeitura. A reivindicação básica, que unia e une as associações, é a posse da terra, ou de forma jurídica, a concessão de direito de uso dos terrenos públicos. Uma outra aspiração dos favelados é a urbanização desses terrenos, ou seja, calçamento, esgoto, água e luz para todas as casas. Atualmente, a grande maioria das casas não conta com esses serviços.

Essa reivindicação vem ao encontro de um anseio das comunidades faveladas de Campinas, que não pretendem se mudar de onde moram ou quando o querem não aceitam que seja para longe. Por outro lado, essas comunidades almejam deixar de ser faveladas, e esse fator tem sido o motor dessas associações.

Na Vila Nogueira, a associação luta até hoje pela urbanização e pela criação de creches, áreas de lazer, "posto de saúde que tenha médico", rondas periódicas da polícia, etc. A associação presidida por D. Ilza era ligada à Assembléia do Povo, mas ultimamente tem estado mais ligada à Prefeitura, pois "quando era o pessoal do P.T., que ia lá pedi alguma coisa, nada saía" (D. Ilza, vide anexo). Entretanto, o pragmatismo utilizado pela associação não deu muitos frutos, pois como a própria D. Ilza acrescenta "... foi quando eu passei direto pra Prefeitura, pra vê se saía alguma coisa, mas tá do mesmo jeito, né".

D. Ilza, principal liderança da favela, parece um pouco desiludida com formas de luta como passeatas, abaixo-assinados ou mesmo negociações com a Prefeitura. Entretanto, não perde as esperanças e acha que "vai melhorá, que existe uma saída, unindo todo mundo". Existe, segundo a presidenta da associação, uma acomodação geral na população e a expectativa de que ela, presidenta, resolva tudo sozinha.

Fica bastante explícito na entrevista de D. Ilza que

ela (e a associação também, talvez) não pretende se ligar diretamente a nenhum dos partidos políticos. Não acredita em promessa de candidatos, exigindo as benfeitorias, não garantindo em troca o seu voto ou os dos seus representados.

Em 1982, além das reivindicações já comentadas, a comunidade se uniu e construiu um "barracão" que se tornou a sede da Associação de moradores. Esse mesmo local foi utilizado para cursos do MOBREAL e atualmente também é usado para o funcionamento do núcleo durante os dois turnos diurnos dos dias de semana. No próximo subitem, abordarei de forma inicial o núcleo escola da favela voltando a tratar dele no decorrer do texto.

4.1.2. O Núcleo

O "núcleo-escolinha", como é chamado pelas crianças, surgiu de uma idéia de D. Ilza de tirar a "briançada da rua". Após algumas resistências de moradores, que alegavam que o "barracão não foi feito pra isso", a diretoria realizou uma consulta à comunidade e deliberou favoravelmente à existência do núcleo. Após a associação fazer um ofício à Prefeitura reivindicando o funcionamento do núcleo e de uma creche, a Secretaria de Promoção Social encampou a idéia do núcleo e a estendeu a outras favelas também. A Prefeitura fez, então, um convênio com as associações de moradores para desenvolver esse projeto, que consiste em colocar à disposição dessas comunidades, monitores que desenvolvam práticas recreativas com as crianças e em ajuda material na construção gradativa da infra-estrutura necessária, observando que os próprios moradores trabalham na consecução e organização dessas obras. Atualmente, além do barracão, existe um posto de saúde (sem médico) e uma cozinha.

O núcleo, que começou a funcionar em meados de 1984, passou a contar com uma equipe interdisciplinar a partir do início de 1985, da qual faço parte, que visava à elaboração de um projeto educacional abrangente. Por diversos motivos essa equipe se dispersou a partir do meio de 1985, embora eu tenha continuado o trabalho normalmente.

4.1.3. A Crise da Associação de Moradores

A favela e sua associação de moradores vivem desde o final do ano de 1985 uma grande crise. Os motivos são, grosso modo, dois: o desmembramento da associação de moradores em duas, uma para a favela da Vila Nogueira e outra para o São Quirino ; e a mudança de D. Ilza (presidenta da associação desde sua fundação) para um bairro distante, por motivos particulares que envolviam toda sua família.

A idéia da divisão da associação não era nova, devido à geografia da favela (bastante comprida, beirando um riacho-esgoto) e por causa de divisões políticas. Nas duas últimas eleições, em 1983 e 1984, houve duas chapas. Uma, presidida por D. Ilza, que venceu as duas eleições e outra, por "seu" Sebastião, que era tesoureiro das diretorias passadas. As divergências ocorreram devido à vinculação da associação à Prefeitura ou à assembléia do povo, como exposto anteriormente e, também, por uma boa dose de personalismo, creio.

D. Ilza, que sempre resistiu à divisão da associação, concordou com ela, alegando que o trabalho poderia melhorar. Tenho minhas dúvidas se essa mudança de atitude não se deu também à sua iminente transferência de bairro e à conseqüente possibilidade de perda total da diretoria para "seu" Sebastião. Seria

melhor, então, manter um controle, mesmo que à distância e de maneira indireta, tendo alguém de sua confiança à frente da associação, do que, talvez, perder todo o poder para "seu" Sebastião, um líder da comunidade, que poderia crescer com a saída de D. Ilza da favela.

De qualquer forma, o fato é que foram convocadas eleições em separado para os dois bairros, embora a sede social continuasse a ser a mesma para as duas associações. Como previsto, a chapa única encabeçada por "seu" Sebastião venceu a eleição do São Quirino e uma chapa única, ainda encabeçada por D. Ilza, venceu a da Vila Nogueira.

Um mês depois, D. Ilza se demitiu da diretoria, pois se mudou da favela, e indicou o seu atual tesoureiro para substituí-la. Tiãozinho (é o mesmo que é citado e fala na entrevista de D. Ilza nos anexos) assumiu a presidência numa assembléia, prometendo "fazer tudo para ir pra frente".

A "nova" diretoria (com Tiãozinho na presidência) começa a se organizar para encaminhar as lutas assim como dinamizar o setor de festas e promoções, além de cuidar da legalização da nova situação. D. Ilza e "seu" Jaime, membros experientes da ex diretoria, comprometem-se a assessorar à medida do possível essa nova diretoria.

A influência de D. Ilza é muito grande, mesmo ela não morando mais lá. Frequentemente aparece na favela, seja para uma reunião, seja para visitar filhas e comadres que lá moram. Por um motivo ou por outro, isso incomoda a Tiãozinho que, com a necessidade de demarcar um "espaço" entre a "sua diretoria" e a dela, passa a atacá-la, dizendo a todas coisas como: "agora não tem mais leitinho, o presidente é macho" ou o tradicional "quem manda aqui sou eu". Junto a isso, a diretoria parece imobilizada, seja por inexperiência, seja por um "legalismo" do tipo "antes a coisa tem que tá registrada no cartório para depois fun -

cionar".

Adiciona-se a essa situação o fato que D. Ilza, e amigas suas, inclusive algumas que compunham a diretoria, não gostaram nada da situação e o quadro de crise está, de novo, instaurado. A divisão é grande. "Seu" Jaime defende Tiãozinho, D. Ilza ataca, membros da prefeitura e da equipe de educação tomam partido e chegam até a defender em assembléias esse ou aquele diretor, numa manipulação clara.

Cabe deixar clara aqui a minha posição nessa situação. Entendo eu que uma interferência no seio da comunidade no sentido de privilegiar uma ou outra pessoa para seu líder seria inoportuna e prejudicial. Inoportuna, porque não posso ter tantas certezas, pelo fato de ir lá há um ano e poucos meses, diante deles que já moram no lugar há bem mais tempo. Também não poderia me esquecer que minha presença lá, além de ser semanal, é transitória, no sentido que, ao fim da pesquisa, não devo continuar tão presente. E prejudicial, porque eu não posso deixar de me lembrar que a maior contribuição que posso dar a essa comunidade é como educador. E, como educador, não defendendo a neutralidade, sei que uso o impacto da minha fala que, embora de um estranho, é a de um educador, que defende aquilo em que acredita, que no caso é a necessidade de o mais rápido possível eles decidirem esse problema de forma definitiva, para que a associação possa sair de lutas intestinas para retornar às reivindicações, à socialização através de festas e a prestar atenção no projeto educacional do núcleo-escola.

Enfim, num processo desgastante que durou até maio, Tiãozinho e alguns outros membros da diretoria renunciaram e não participam mais de atividades da associação. Foi eleita uma nova diretoria, com Maria Bené na presidência. A nova presidenta se relaciona bem com D. Ilza e é sua sobrinha.

Como resultado disso, tivemos um semestre (fins de 1985

a maio de 1986), em que praticamente nada se avançou em relação à reivindicação central da comunidade, a urbanização. A vida social da favela, no tocante às atividades coletivas, se restringiu às assembléias, quase todas muito desgastantes, e o núcleo-escola passou mais de um mês fechado, esperando reformas da Prefeitura na cozinha. Essas reformas se prolongaram em demasia, talvez devido à falta de alguém que liderasse as pressões junto à prefeitura local. A única novidade nesse sentido foi um projeto feito há um ano atrás, que propunha uma prática educacional semelhante à que vem sendo realizada por mim nesta favela, assim como reformas na sede da então associação de moradores da Vila Nogueira-São Quirino. Esse projeto pedia verbas junto a uma entidade religiosa alemã. A proposta foi aceita, está sendo encaminhada e é dela que trataremos a seguir. Este projeto ficou conhecido na comunidade como o "projeto da Alemanha".

4.1.4. O Projeto da Alemanha

No início de 1985, foi enviado a uma entidade religiosa alemã um projeto que pedia verbas para uma prática educacional na favela de Vila Nogueira-São Quirino. Constavam desse projeto três grandes itens para a aplicação de verbas. O primeiro seria para obras: o barracão de madeira se tornaria uma casa; o banheiro sofreria uma reforma de modo que terminasse o mau cheiro; seria construída uma oficina de solo-cimento. É com esta nova tecnologia que as obras seriam executadas. Após a conclusão das obras, essa oficina serviria de local de aprendizagem desta tecnologia para as crianças.

O segundo item seria a aplicação de verbas para pagar os autores do projeto, um pedagogo da equipe interdisciplinar, que deveria formar professores da própria comunidade para que

viesses a atuar no núcleo. Finalmente, o terceiro seria para pagar uma co-autora do projeto, que atuaria na área de saúde, formando "agentes de saúde" da própria comunidade. Alguns pedreiros, essas professoras e esses agentes receberiam também um salário.

O Projeto, que de início foi recebido com desconfiança pela comunidade, com frases como "deve ser igual à Prefeitura, não vai sair do lugar nunca", ganhou a confiança dela quando tiveram início as reuniões para a escolha dos agentes e professores e a terraplenagem do local previsto para a oficina. É importante realçar que os debates sobre o projeto tiveram início em plena crise da associação da Vila Nogueira e em pleno processo de divisão da antiga associação que unia os dois bairros, como já tratado anteriormente. Esse projeto, nascendo nesse momento, serviu para reunir as duas novas associações em encontros conjuntos a fim de que discutissem o encaminhamento da proposta.

Por fim, esse novo dado tem adquirido importância à medida que reaproximou os pedagogos e trouxe profissionais da área de arquitetura e da terapia ocupacional, fazendo ressurgir das cinzas uma equipe interdisciplinar de Educação.

Esse histórico se interrompe agora, levantando a história desta favela até meados de 1986. Como era de esperar, as últimas considerações do item "4.1" já se confundem com o presente. Para compreender melhor este presente, o passado recente, e o próprio mundo-vida da favela, relatarei na próxima parte as visitas feitas por mim à favela, em especial ao núcleo, revelando dados que ajudem no desvelar da lógica deste grupo cultural.

4.2. AS VISITAS À FAVELA: O DESVELAR DO MUNDO-VIDA

Neste relato de algumas visitas realizadas por mim, es

tarão presentes idéias sobre educação, pois as idas à favela, em sua maioria, se concentravam no núcleo-escola das crianças da Vila Nogueira-São Quirino. Entretanto, as experiências realizadas estritamente relacionadas à proposta educacional, em especial à etnomatemática, serão relatadas e discutidas no próximo capítulo. Ainda neste item, destacaremos a matemática praticada e elaborada por adultos e crianças da favela.

Essas "visitas" à favela têm sido importantes por diversos motivos. São nelas que eu consigo observar a sua história e escrever um histórico como o do item anterior. Muito melhor do que a leitura de textos sobre a favela, eu vivo as experiências de sua história, eu me envolvo com elas, para depois, num segundo momento, interromper esse fluxo de experiências, olhar para trás e refletir sobre a importância delas. É mais, esse processo ocorre a cada visita, a cada turno da visita e mesmo em alguma fração desse turno. Sempre que é possível, não sendo prejudicial à pesquisa, anoto tudo o que me parece significativo, tudo o que a minha memória permite, e com a máxima fidelidade possível.

No 1º Semestre de 1985, quando comecei a "visitar" a favela quinzenalmente, travou-se um primeiro contato em que houve uma aproximação com as crianças. Primeiramente, os garotos ficaram próximos de mim, através do jogo de futebol: "Marcelo, apita o jogo pra gente?" Essa era uma das primeiras frases ouvidas, quando lá na favela chegava. As idas no núcleo ao campo de futebol serviam, também, para que se travasse um maior contato com a realidade local, conhecendo algumas famílias e percebendo o meio.

Toda vez que chegava ao núcleo, esperava que as crianças terminassem as atividades que estivessem fazendo. Muitas vezes, inclusive, só assistia às práticas realizadas por elas. Apenas banhava-me com as histórias contadas por ou pelas peças tea

trais representadas por essas crianças de 7 a 14 anos, que eram também pensadas e dirigidas por elas. Uma dessas peças tinha como temática a vida de uma empregada doméstica, que sofria com as humilhações da patroa que não gostava que ela tivesse folga para ver o namorado. O enredo, bastante rico em temas sociais, ia envolvendo a casa da patroa, a casa da empregada, o velho gordo dono da fábrica de macarrão, a vida na favela e, de uma maneira geral, vários elementos que constituem a sua vida. De vez em quando chegava ao núcleo e eles estavam, por sugestão da monitora, desenhando histórias que depois eram contadas para as outras crianças. Essas narrativas, assim como as peças, tratavam do seu mundo, com todos os seus sonhos, fantasias e decepções, com influências marcantes das histórias dos pais e da televisão.

No segundo semestre de 1985, quando as visitas se tornaram, no máximo, semanais, as crianças, inclusive as meninas, já me aceitavam. Ao perceberem, gradativamente, que tinham um professor perto de si, iniciaram-se as conversas sobre escola, onde as principais reclamações eram sobre a discriminação sofrida pelas "crianças pobres" perante as "ricas" (discriminação também relatada por D. Ilza em sua entrevista) e sobre as dificuldades da Matemática. Queriam, também, algumas crianças, mostrar como faziam as contas ou como seus pais as faziam ou como a forma de fazê-las que tinham aprendido com seus pais não era aceita na escola.

Passada essa primeira etapa de uma inter-aceitação, iniciou-se uma segunda, em que o trabalho de observação ainda era central, mas a minha preocupação era intervir. O exemplo mais interessante desta fase se deu num jogo de futebol, numa ocasião que propiciou uma situação educativa, interrompida entre outros motivos, por problemas extranúcleo, situação esta que será narrada no próximo capítulo.

O motivo da interrupção desta experiência foi o fechamento do núcleo nas duas semanas consecutivas à realização deste jogo de futebol. As causas destes fechamentos foram duas. Uma delas foi a dedetização do núcleo, e a outra, um tiroteio havido nas proximidades "entre a polícia e os bandidos", segundo D. Ilza. O interessante é que várias crianças continuaram brincando fora do núcleo e tratando o assunto de forma lúdica. Como exemplo dessa descontração, uma delas disse: "Marcelo, sabe por que não tem núcleo? Por causa do ladrão". Outros brincam com a areia recém-chegada para obras de saneamento. Divertem-se enterando um deles, que finge estar morto. Parece bem sugestiva a brincadeira se considerarmos o ocorrido.

Uma outra visita ao núcleo, que merece destaque, é a visita em que eles ensinaram a catar amoras. Parecia muito divertido para eles passar para mim e para uma outra pesquisadora um conhecimento que é deles. E da mesma forma que várias "pessoas cultas" zombam da ignorância popular, eles debochavam de algumas perguntas que lhes eram feitas e que, para eles, eram óbvias.

Nessa mesma visita fui convidado por Marcos, um dos meninos do núcleo, para ir ao casamento da irmã. A festa foi no sábado seguinte, na casa do noivo, que não mora na favela. Poucos foram os convidados que são favelados. A festa parecia, para mim, uma maneira de sonhar com a ascensão social, uma forma de pretender deixar de ser favelado, sendo essa uma característica muito forte na favela.

Várias foram as festas que aconteceram em torno do núcleo. As principais foram a da Primavera e de Natal. A primeira contou com procissão (a favela, a partir de então, é protegida por São Sebastião), missa e festa dançante, onde tocava samba, forró, "rock" e "funk". A festa visava também a arrecadar fundos para a associação fazer uma creche, se a "Prefeitura não

der jeito". Para compreender melhor esta festa é importante que se leia a entrevista de D. Ilza, no anexo I. A de Natal contou com uma grande preparação anterior, onde as crianças conveccionaram enfeites, principalmente para a árvore de Natal pintada por eles, fizeram cartazes e prepararam uma coreografia para apresentarem no dia da festa.

Em 1986, no 1º Semestre, ao invés de uma ida à favela, geralmente em um turno (manhã, tarde ou noite) como foi feito em 1985, passei a ir, de maneira geral, duas vezes, e até três, eventualmente, e em dois ou três turnos.

Tive a oportunidade nesse semestre de viver bem mais próximo da favela, ao comparecer a um grande número de assembleias da associação da Vila Nogueira, e às reuniões conjuntas das duas associações para debater o projeto da Alemanha. As assembleias que foram realizadas em dias úteis à noite contaram com uma média de dez participantes. De uma maneira geral, os presentes eram membros da diretoria e mais um ou outro associado. Debatiam-se, nessas assembleias, desde assuntos como a organização de um mutirão para a transferência de barracos que estavam em áreas sob o efeito de erosão da valeta, passando-se por temas como o projeto educacional desenvolvido por mim ou a legalização dos novos estatutos, até o debate da própria crise da associação. As grandes assembleias realizadas aos domingos contaram com a presença de cinquenta a cem pessoas. Os temas tratados eram semelhantes, apenas a vibração era bem maior.

Em duas destas numerosas assembleias, pude expor para os pais meu projeto de trabalho. As idéias expostas tiveram boa repercussão, com intervenções de membros da associação sobre a proposta educacional. Estas intervenções completavam um ciclo de debates que se iniciava no núcleo (eu e as crianças), ia para casa de cada uma e terminava na assembleia. Cabe realçar que esses debates mostram os pais e a comunidade, de forma geral,

participando do projeto educacional, realizando-se, embora de forma limitada, uma proposta sócio-político-educacional, que é praticamente consenso entre os educadores, mas é pouco executada.

Nessas assembléias, notei que a diretoria é extremamente centralizada na pessoa do presidente. É um regime presidencialista onde os outros membros da direção são meros coadjuvantes do poder decisório do que preside. Esse fato e uma série de outros me fazem pensar o quanto o autoritarismo de nossa estrutura social está entranhado mesmo nas relações entre pessoas da "base" de nossa sociedade.

Pude, também, nessas visitas vivenciar o lado íntimo de alguns barracos. Algumas vezes fui convidado a almoçar ou jantar em alguns dos barracos de pessoas da favela. Pude vivenciar o quanto gostavam da presença do professor (com tudo que isso implica) em casa, assim como tive a chance de sentir uma vez como a chuva adquire um significado bastante especial para quem mora nessa favela. O cuidado com as goteiras e o medo que a vala suba de nível e inunde tudo é uma constante na vida de seus moradores.

Enfim, essas visitas serviram para um aprendizado constante de minha parte e creio que dos que conviveram comigo, também. Puderam eles me mostrar a diversidade de conhecimentos que tenho que ter para exercer o papel ao qual me propus: o de um pesquisador ligado à comunidade, que restituiria os dados retirados para a pesquisa em forma de um projeto educacional, que também é pesquisa.

4.3. A ETNOMATEMÁTICA DA COMUNIDADE DA FAVELA DA VILA NOGUEIRA-SÃO QUIRINO

Neste subitem exporei parte da etnomatemática percebida por mim na favela. Eu digo parte devido ao fato de ser impossível sentir toda a matemática elaborada e praticada por este grupo cultural, assim como não é viável relatar de forma global o que foi possível perceber. Cabe, também, realçar que a própria proposta educacional, ao ser posta em prática, mostrou a etnomatemática praticada pelas crianças, o que será relatado posteriormente. Iniciaremos com a matemática exposta pelos moradores da favela que foram entrevistados por mim.

Na entrevista feita com "Seu" João (vide anexo), ele começou a falar como se constrói uma casa. Usou noções de matemática como número e medidas associadas a outras de engenharia, como o "pé direito" permitido para cada cômodo, etc. Perguntei a ele como tinha construído o barraco onde nos encontrávamos. "Com planta ou na marra" perguntei? Ele respondeu que foi sem planta e que fez "o que deu na cabeça".

Reclamou que o barraco era provisório e, por isso, não era preciso planejamento, pois tudo era instável e o engenheiro da prefeitura poderia vir a qualquer momento para dividir os lotes, e o barraco ter que ser derrubado. Diga-se de passagem que essa visita do engenheiro era aguardada há vários anos.

Mas, logo à frente, na entrevista, com um misto de suposição e sonho explicou como faria sua casa, mostrando o seu conhecimento. Vejamos o diálogo travado:

"Marcelo: Mais, me diz uma coisa seu João:
pra fazer uma casa dessas, num
precisa ter matemática?

S. João : Não, num precisa, a casa é o seguinte. Ocê tem uma ndéia fixa ,

teno uma idéia do que você vai fazer pra começar ela né, então se você num tem a pranta dela, então você faiz um rascunho, você pega um caderno, você faiz um quadradiinho, desenha a casa então você põe todos os cômodos tem tantas pessoas dentro de casa né, então eu vô desenhá quantos cômodos eu vô se preciso fazê. Esse daqui com tantos metros, a mesma medida do de lá passa pra cá, aqui também, esse aqui também pode sê mai menor que vei ocupá menas pessoa né, vai dormi menos pessoa mai menor um poquinho, o banheirinho com tantos metros, esse daqui com tantos metros.

Então no fim eu somo na idéia, na idéia eu num sei escrevê não, eu somo na idéia, junto ele tudo, a metrage do que tá alí, somo, lá na idéia já sei quanto que ela vai dá, daí pela metrage eu já peço os tijolo na medida já peço na medida.

Marcelo: E isso num é sabê Matemática, seu João?

S. João: No meu modo de pensá acho que num é, talvez é ela né, é ela mais a gente num tá acostumado rapaiz, é o tar negócio eu jogo tudo aí, somo aí na idéia, junto com aquele um que tá na idéia, aí já sei quantos metro vai dá, e já sei quantos tijolo eu vô gastá nele alí pra levantá ela.

Marcelo: O senhor já trabalhou muito de pedreiro?

S. João: Não, não rapaiz, eu tô mais o me no com vinte ano de pedreiro".

Seu João revelou, então, a etnomatemática de um analfabeto, que disse não saber matemática nenhuma. Ilustrou como tem procedimentos de cálculo aritmético que funcionam com precisão, embora para que sejam compreendidos haja a necessidade de um estudo profundo sobre tais procedimentos relatados verbalmente.

Mostrou, também, a já referida idéia de "metrage" e a proporção que aparece na relação tamanho do quarto e número de pessoas que o habitarão. Essa passagem revela um exemplo vivo do que foi tratado no capítulo 3 sobre a eficácia da etnomatemática.

Embora afirmando desconhecer matemática, seu João voltou a usá-la para explicar como se faz o poço, e mostrou habilidade mental tanto no episódio do ônibus como no do supermercado (vide anexos), onde ele calculou mentalmente o que compra, comparou com o que tem, porque se não... "nóis vamo passá vergonha lá".

Seu João pediu para que os filhos fizessem pequenas compras, mas controlou o troco, o que causou alguma rebeldia por parte dos filhos, do tipo: "oh mãe, oh pai num deixa comprá nenhum doce pra gente". Seu João os ensinou a "se virar" sendo esse um exemplo de como a etnomatemática é transmitida de pai para filho por via oral.

Num autêntico desafio, Seu João me perguntou, já com um pouco mais de autoconfiança:

- "- Num metro quadrado quantos tijolo baiano ocê acha que vai num metro quadrado?
- ... eu acho que vão uns doze", respondo
- "- Vai vinte e cinco tijolo.
- Vinte e cinco tijolo?
- Por metro quadrado, porque são cinco in piada de cinco, né".

Após um certo desconcerto de minha parte, Seu João continuou a conversa abordando técnicas ligadas à construção civil. O diálogo acima reafirma o seu conhecimento e expõe a minha fragilidade, representada por um certo susto.

Essa foi a matemática mostrada por Seu João, a matemática do pedreiro, do supermercado, do barraco e, também, a do empregado que conta as horas de trabalho para conferir o pagamento. É a matemática dele que, num momento de interesse das

crianças por esse assunto, pode gerar situações educacionais.

Na entrevista de "seu" Pedro (vide anexo), ele expõe alguns de seus conhecimentos matemáticos relacionados à sua antiga profissão de lavrador e à atual de pedreiro. De forma semelhante a "seu" João, diz não saber matemática, mas ao ser "provocado", mostra seu conhecimento matemático ligado à sua profissão.

A conversa tida entre nós elucida esse último ponto:

"Marcelo: E o que o senhor acha que é matemática, seu Pedro?

Pedro : Matemática, pra mim, eu num conheço, eu num conheço, acho que é uma coisa muito boa mas eu num conheço, num, ainda.

Marcelo: O senhor é encanador, num é? O senhor num tem nada que faça no seu trabalho que seja matemática, não?

Pedro : Meu trabalho pode de havê que tenha e eu num sei, mas faço por aprendê, por acostumá a fazê, né! Mas quer dizê que a gente num estudô aquilo, nem nada, né!

Marcelo: Certo! Conta pra mim, então, pra eu saber: O que o senhor faz no seu trabalho de encanador?

Pedro : Ah! Eu faço encanamento, esgoto, hidráulica...

Marcelo: E o senhor pega lá o cano e pega aquele cano e faz um ângulo de quarenta e cinco, de noventa...

Pedro : De noventa daquele que precisa, né, do que ocupa, né!

Marcelo: Que ângulo mais o senhor faz lá?

Pedro : Mais de noventa, né, quarenta e cinco no caso de tá precisano de uma curva.

Marcelo: E coloca muito T lá nos cano; como que é a coisa?

Pedro : T, junção, né! Mais junção do que T, né!

Marcelo: Se o senhor for construir uma casa, vamos supor que liberou o terreno lá, o senhor sabe calcular? O senhor vai na loja, o se-

nhor sabe dizer quanto precisa de cano pra fazer a casa assim?

Pedro : A medida eu sei. (risos). Sei, a medida pra casa, eu sei.

Marcelo: Isso, seu Pedro, na minha opinião, que o senhor falô, tem matemática, o senhor sabe quanto tem de cano, o senhor sabe o ângulo. O senhor falou ângulo, ângulo é uma das coisas mais importante da matemática, tá?

Pedro : Pra mim já num conheço, sei que nem a gente vê como que trabalho, vô ino e faço; né! Só sabe porque aprendeu fazeno, né, e não estuda no.

Marcelo: Mas aprendeu a fazer, né! O senhor sabia que tem gente que estuda pra ser encanador, mas num sabe fazer encanamento?

Pedro : É, mas depois tem que í, né!

Marcelo: Eu estudei encanamento mais num sei fazer, não!

Pedro : É, você falô de tudo que precisa, né! (risos).

Marcelo: Eu já estudei isso mais eu num sei ir na loja e dizer quanto precisa de cano, se eu vier fazer isso eu num sei fazer, só sei que tem que colocar o zarcão lá no cano, na junta.

Pedro : É ocê num tá por dentro do que precisa, né, tá certo!

Marcelo: Eu num sei se começo de baixo ou de cima".

O diálogo travado revela, entre outros pontos, como "seu" Pedro não valoriza o seu conhecimento, tem uma visão de Matemática que se restringe à matemática acadêmica, incorporando, pois, ideologias que supervalorizam o saber escolar em detrimento do conhecimento elaborado a partir de sua prática, embora em alguns momentos ele note que o conhecimento acadêmico que tenho também não é "todo poderoso" como no último trecho desta transcrição.

D. Ilza (vide anexos), que completou a 4ª série do 1º grau e já alfabetizou crianças em sua terra natal, na Bahia, concorda que existe uma matemática que se aprende fora da escola. "A pessoa já traz, desde criança tá botado naquilo, né", diz ela. Entretanto, na entrevista, revela pouco do que pratica com sua matemática, a não ser uma maneira de agrupar para resolver uma conta de dividir, cuja origem parece ser um mesclado da matemática escolar com sua etnomatemática. Cabe realçar que, em outros momentos que não os da entrevista, pude sentir que D. Ilza não tem nenhum embaraço no desenvolver de suas atividades cotidianas que envolvem procedimentos matemáticos.

Com D. Josefa (vide anexos) não existem dúvidas que suas maneiras de agrupar são não escolares, com influência de suas atividades cotidianas, situando-se no campo da noção de etnomatemática. Ela diz ser analfabeta, sem saber escrever o nome, mas não tem dificuldades em resolver os problemas que envolvem matemática, que se apresentam no seu cotidiano. O diálogo abaixo ilustra o dito nesse parágrafo:

"Marcelo: É porque a senhora falou assim que num sabia nada de matemática nem o que era, mas já vimos aqui que a senhora sabe um pouquinho pelo menos, né? Porque fazer o troco, somar, vê o salário, vê quanto ganhou, se a patroa pagar menos a senhora sabe também.

Josefa : Eu sei, porque quando o meu marido vem do serviço, ele me dá o dinheiro tudo, né! Já me dá o envelope, aí eu já conto tudo, vô contando cem, cento e cinquenta, duas nota de cinquenta são cem, vô contano até chegá um milhão ; ele me dá tudo e eu é quem conto, aí eu já vô no mercado, faça minhas compra tudo se deu oitocento, já pago. Vamo supor, vô fazê uma compra dá oitocento, dá novecento, sei que sobre cem cruzéiro.

Como é que chama? Cem cruzeiro não,
cem...

Marcelo : Cem cruzados.

Josefa : É, cem cruzado.

Embora com cinco entrevistas com adultos de pontos dís pares da favela, pôde-se notar que quase todos desenvolvem uma matemática em suas atividades profissionais ou cotidianas, embora não acreditem, via de regra, que o que sabem seja matemática.

No tocante às crianças, as entrevistas são secundárias para desvelar a matemática conhecida, pois, além do gravador têlas inibido, como já anteriormente foi mencionado, essa matemática aparece mais vinculada a práticas, sendo difícil para elas expressar oralmente suas idéias. Resta, então, a minha observação e posterior registro no caderno de notas. Alguns desses conhecimentos serão relatados com maior precisão no capítulo seguinte.

Nas brincadeiras dessas crianças, a matemática aparece várias vezes. No jogo de futebol, que serviu também como uma forma de aproximação minha com elas, apareceram noções de matemática. De forma mais elementar, surgiram noções das figuras geométricas que aparecem no campo de futebol oficial. Devido a não ter o campo marcação, as crianças tinham que "imaginar" as figuras, para argumentarem com o juiz sobre faltas, pênaltis, laterais,... Nessa situação, a noção de ângulo, em especial ângulo reto, emergiu em diversas ocasiões.

Com as crianças menores (de 5 a 8 anos de idade) surgiram situações de contagem no tocante ao placar da partida. Algumas crianças só sentiam significado em relação a quantidades quando o contexto era futebol, sendo que algumas delas precisavam de apoio em algumas pequenas pedras para comparar as quantidades de gols dos dois times (Vide Capítulo 5).

Por último, numa atividade de marcar o campo, noções

não mais tão elementares surgiram, como a essência do conceito de medida, que é a comparação entre um padrão fixo e o que se quer medir. Com mais detalhes, essa experiência será também discutida no Capítulo 5.

No jogo de amarelinha, a numeração aparece na sua forma inicial, realçando o aspecto ordinal do número. Nos diversos jogos de bola de gude, as crianças utilizam com frequência as idéias de reta, direção, sentido, triângulo, triângulo equilátero. Essas noções são usadas com frequência por crianças que geralmente são reprovadas nas escolas por "não saberem" o que elas "significam".

Nesse sentido, na arte de construir pipas também surgem noções de matemática, entre as quais se destaca a relação matemática, em que o raio do círculo circunscrito a um hexágono regular é igual ao lado deste hexágono, que é utilizada de forma bastante natural para a construção de um dos modelos de pipa confeccionados pelas crianças. De forma semelhante, na construção de aviões de papel vários conceitos geométricos, como simetria e propriedades das figuras geométricas, aparecem, usados de forma natural pelas crianças.

Excetuando-se as brincadeiras e a escola, a matemática é praticada pelas crianças em suas atividades "profissionais" e caseiras. Essas últimas são, em geral, pequenas compras requisitadas pelos pais, onde elas utilizam procedimentos de cálculo para efetuar o troco e outras relações, sendo estas maneiras de efetuar inefáveis todas as vezes que tentei perguntar a elas como procediam. Quanto às atividades profissionais, pelo pouco que elas comentam, fica evidente o uso da matemática, no mínimo na questão do troco. Entretanto, uma grande barreira surge neste ponto. Os meninos não são muito dados a falar sobre essas atividades. Seja por vergonha ou por outros motivos, toda vez que tento estabelecer conjecturas sobre quais são os motivos, me

vejo buscando apoio em preconceitos e, por isso, as abandono.

Enfim, com as restrições feitas no início deste subitem, é essa a etnomatemática captada por mim na favela da Vila No - gueira-São Quirino, onde aparecem de forma peculiar as noções matemáticas de medida, ângulo, ângulo reto, figuras geométricas, áreas de figuras geométricas, simetria, as operações aritméticas, contagem e proporcionalidade, entre outras.

CAPÍTULO 5

COMO ENTENDER E TRABALHAR PEDAGOGICAMENTE A MATEMÁTICA DESTA COMUNIDADE

A matemática praticada, de uma maneira geral, pelos moradores da favela da Vila Nogueira-São Quirino deve ser entendida como etnomatemática, no sentido desenvolvido no capítulo 3 deste estudo.

Uma matemática que, embora praticada com precisão, não é reconhecida por eles como matemática, mostrando que eles incorporam a ideologia predominante de matemática, vista como ciência nos padrões canonizados. Creio que pensam que compreender e praticar a matemática é quase impossível para muitos, quanto mais para eles. Mostra-se então uma auto-imagem negativa no tocante a este conhecimento específico. Isso torna-se mais evidente se notarmos a fala de Seu João (vide anexos), ao ser perguntado:

"Marcelo: O que é matemática pra você?

S. João: Bom, a matemática pra mim ela é uma coisa muito boa mais talvez eu num sei expricá porque eu num sei ela né, é isso aí, agora talvez a pessoa sabe a matemática ela que vai expricá pra mim o que significa ela né, pra mim tem que sê ensinada por outra pessoa, porque se eu num tenho ela então eu

vô pego de outra pessoa que sabe mais que eu, aí ela vai exp^{ri}cá como é que ela é começ^ada, como ela é criada, pra que que ela serve né, tudo isso aí tem que sê exp^{ri}cado.

Ela vem de lá pra cá pra mim né e é aí que eu vô pega ela e sabê como é que eu vô fa^ze com a mate^mática.

Então a escola que eu tenho é curta pra isso aí né eu tenho a idéia né, mais num tenho a escola, o curso disso daí né".

Seu João ainda acrescentou depois que não precisava da matemática para a construção civil, embora tenha revelado em seguida toda a "matemática do pedreiro" exposta no capítulo anterior.

Não seria essa ideologia, de que o saber é algo que apenas pode ser alcançado, via livros e escola, fundamental para que se mantenham as desigualdades sociais devido ao fato das classes populares supervalorizarem o "doutor" e concomitantemente depreciarem o seu saber? É uma pergunta ampla que este trabalho não se propõe a responder, mas acrescenta dados para uma posterior compreensão.

Felizmente, sinais no sentido contrário também foram encontrados (vide entrevistas nos anexos), com a fala de seu João sobre sua facilidade em lidar com a "matemática do supermercado", "do ônibus", ou do Seu Pedro, com a "matemática do encanador", ou D. Josefa, que também sabe lidar com a "matemática do supermercado", embora eles não reconheçam isso como matemática, ao contrário de Davis, que endossa a posição deste trabalho, ao afirmar: "Em uma certa medida todos são matemáticos e fazem matemática conscientemente. Comprar no supermercado, medir um rolo de papel de parede ou decorar uma jarra de cerâmica com um

desenho regular é fazer matemática"¹.

A matemática, para as pessoas com quem tive contato nessa comunidade, parece se restringir à contagem e à geração de novos números, via as quatro operações fundamentais. Foi isso que percebi nos seus discursos gravados ou não, no tocante ao que é matemática, mesmo que a praticada por eles seja bem mais ampla do que isso.

Para ilustrar o dito acima, é importante observar a resposta de D. Ilza, a maior liderança da favela, ao ser perguntada por mim (vide anexos) para que serve a matemática.

"D. Ilza: A Matemática, que eu entendo, é contá, né. A Matemática, porque tem gente que aprende no dedo, né na caneta, né. Eu já aprendo na psicologia da cabeça, né, porque meu marido, ele tem só o 1º ano de grupo, né, mais ele tira uma conta que eu vô te falá é só ele somá, ocê pergunta prá ele quanto, ele te responde na mesma hora, ele aprendeu isso da psicologia da cabeça mesmo, num precisô nem de tê estudo, né.

Vê muitas irmão, minhas irmã, nenhuma sabe lê, mais se você dé o dinheiro prá ela, ou fazê uma conta prá elas, tanto com tanto ela dá resposta na hora, é devido à idéia que a pessoa tem, a pessoa já traz, desde criança tá botado naquilo né, a pessoa num tem dificuldade".

¹Davis, P.J. e HERSH, P. A Experiência Matemática. Tradução de João Bosco Pitombeira, Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1985, p. XI.

Pode-se notar inclusive que D. Ilza também percebe a existência do que nesse texto vem sendo chamado de etnomatemática ao comentar sobre as pessoas que, embora analfabetas, sabem resolver problemas que se apresentam a elas cuja solução envolva a matemática.

Podemos, então, entender a matemática praticada por eles como uma que não se organiza de modo formal, como a matemática acadêmica estruturada a partir do final do século XIX, que não é explicitada na forma dos livros didáticos ou acadêmicos, mas tem uma aplicação no seu meio cultural. Isso não ocasiona, de maneira geral, "bloqueios numéricos" ou "ansiedade matemática", dois dos males que afligem os estudantes da escola formal, inclusive alguns da própria favela, gerando um saber que não os aliena da sua realidade.

É nesse sentido que D'Ambrosio explicita que: "... a Matemática nas escolas tem que incluir como um tópico básico o conhecimento, a compreensão, a incorporação e compatibilização de práticas populares conhecidas e correntes no currículo. Em outras palavras, o reconhecimento e a incorporação de etnomatemática no currículo"².

A citação que se refere a escolas no sentido genérico ganha mais força no caso particular deste estudo, pois se trata de uma escola não-formal, que atende a um grupo popular.

Feitas essas observações, me deterei em expor a proposta educacional, coerente com a visão de homem, com a noção de etnomatemática e com o conhecimento matemático específico das crianças da Vila Nogueira-São Quirino.

²D'Ambrosio, U. Da Realidade à Ação - Reflexões Sobre Educação e Matemática, Summus Editorial e Campinas: Ed. da UNICAMP, 1986. p. 60.

5.1. A PROPOSTA PEDAGÓGICA

No capítulo 2 deste trabalho, foi exposta a idéia de como objetividade e subjetividade estão interligadas através da noção da realidade, visto que o homem não pode ser visto sem o mundo e esse homem que age sobre ele tem sobre esse mundo uma visão de realidade, que é o seu real pensado.

Está também discutido que o conhecimento nunca está pronto, sendo constantemente reformulado. E através do diálogo, pode-se refinar cada vez mais o entender para se atuar de forma consciente. Nesse sentido, Frankstein avança com um toque marcadamente social:

"Essa ação e reflexão sobre ela que leva para a nova ação não são momentos separados de conhecer. Reflexão que não é finalmente seguida por uma ação para transformar o mundo é sem sentido, retórica e alienante. Ação que não é criticamente analisada não pode sustentar mudança progressiva. Sem reflexão, as pessoas não podem aprender umas das outras com seus erros e acertos"³.

Paulo Freire, em várias de suas obras, explicita que o objetivo do conhecimento é que as pessoas se humanizem, superando a contradição fundamental de nossa época: a dominação e a libertação.

O mesmo autor defende que uma educação, que almeje uma consciência crítica, deve abordar conteúdos que favoreçam as

³ Frankstein, M. Critical Mathematics Education: An Application of Paulo Freire's Epistemology. College of Public and Community Service University, In Journal of Education, vol. 165, nº 4, 1983, p. 317.

pessoas na compreensão do seu mundo, que dêem sentido às suas vidas. Esses "temas geradores" possibilitam uma releitura da realidade, buscando através da crítica tornar a compreensão dessa realidade mais una e integrada, podendo, então, esse ser compreender melhor o mundo que o cerca.

Esses temas não podem ser obviamente fechados, no mesmo sentido em que as propostas de "resoluções de problemas", pois estas, ao retornarem e fragmentarem a realidade, buscando apenas uma solução para o problema selecionado previamente, não incentivam o referido sentido crítico, não facilitam a captação do mundo de maneira integrada. Mais ainda, creio que a maioria dos problemas, apresentados nessa linha, não abrangeriam o sentido de problema discutido no capítulo 2 deste trabalho, pois o interesse do aprendiz não é considerado.

E, nesse sentido, esta proposta educacional para a favela da Vila Nogueira-São Quirino incentiva a formação de uma consciência crítica, baseada na ação e na reflexão através da interação das crianças com o seu meio e com a sua cultura, e, também, fazendo a ligação da matemática com outros campos de conhecimento.

Devo fazer uma ressalva para evitar transposições mecânicas. A proposta deste trabalho é voltada para crianças, enquanto grande parte da literatura utilizada tem como referência os adultos. Isso não inviabiliza o fundamental, ou seja, a incorporação de fatores sócio-culturais numa proposta educacional e o diálogo entre educadores e educandos. Diálogo, no sentido referido no capítulo 2, onde o professor age como um auxiliar na construção de modelos, "falando" com a matemática acadêmica e os alunos "falando" com sua etnomatemática vinculada à sua vivência com seu meio próximo, pais e família, e mais distante, a comunidade na qual vivem.

Não fica invalidada também a idéia de que, ouvindo e considerando a etnomatemática das crianças, eu estarei fortalecendo suas raízes, à medida que, quando as auxilia a transcender os "limites matemáticos" a que estão restritas, respeitando sua matemática já construída, estou ajudando-as a superar as desigualdades sociais tão amargas de nosso povo.

Certamente, entretanto, deve-se entender que essa consciência das crianças não é tão rígida quanto a do adulto analfabeto. Da mesma forma que o interesse dessa criança é muito mais volúvel, pelo fato de ela viver o mundo de forma mais lúdica que o adulto. Essa ressalva é importante para se entender que não busco formar "militantes" de onze anos. Que muitas vezes para a criança, tomar consciência de seu mundo é refletir sobre suas brincadeiras, as regras destas, as relações afetivas com os outros participantes desses jogos, e mesmo tomar consciência da matemática presente neles quando isto despertar seu interesse.

Essa etnomatemática faz parte de sua vida de forma unibilical, ela desperta seu interesse ao mesmo tempo que é gerada por este, no sentido discutido no capítulo 3 deste trabalho. Mas isso não significa que esse interesse seja transformado mecanicamente em outro por desenvolver a matemática, no sentido almejado por educadores. Isso torna um pouco mais complexo o problema desta dissertação.

Dessa forma, muitas vezes a criança não estará interessada em se aprofundar ou em formalizar a matemática presente nas bolas de gude, ou em sua matemática do supermercado. Seria puro oportunismo e negação de grande parte do já escrito se o "interesse" da criança fosse "forçado". Seria cair na concepção de pseudoproblema, debatido no capítulo 2.

O problema poderia parecer insolúvel, se não considerássemos que o Diálogo está no cerne desta proposta educacional, e

que este diálogo, na sua forma autêntica, implica um mostrar-se mutuamente nesta relação de intersubjetividade. E, desse jeito, a escuta é mútua, e os interesses podem encontrar pontos de aproximação e convergência.

De forma mais específica, foram dois os caminhos trilhados para se trabalhar esta etnomatemática. Um primeiro, quando foi possível trabalhar com as crianças diretamente a partir das próprias brincadeiras delas.

Um segundo, quando eu, a partir da minha compreensão do mundo-vida da favela, e as crianças, a partir de seu interesse, propusemos temas para "pesquisa". A partir desses temas, desenvolvemos conhecimentos sobre eles onde, como uma das formas de conhecer o mundo, aparece a matemática.

Em qualquer dos caminhos, eu, como educador, os auxilio na construção de modelos matemáticos mais refinados. Eu os questiono com o intuito de ampliar os "horizontes matemáticos" do problema, geralmente através de perguntas que os levem a contradições, possibilitando que eles desenvolvam sua matemática, gerando, portanto, nova etnomatemática.

Pode-se notar que, em qualquer dos casos, o ponto de partida é a cultura dessa comunidade e há sempre uma interação com o meio externo (eu), sendo gerada nova matemática ligada ao meio sócio-cultural, no sentido discutido no capítulo 3.

Um terceiro caminho, que também parte da cultura local, seria o de, a partir das experiências dos pais, produzir situações de educação matemática. Esse não aparece nesta pesquisa de forma explícita, ou seja, a etnomatemática dos pais sendo exposta por eles para as crianças, no sentido de gerar situações pedagógicas.

Mas deve-se fazer uma ressalva. Algumas pesquisas feitas pelos garotos e garotas, que serão relatadas no próximo subitem, contaram com ajuda dos pais, seja tecnicamente, seja com

um incentivo através de conversas caseiras. Ajuda esta que é fundamental, principalmente para aproximar os pais da prática educativa. Esta aproximação é facilitada pelo aspecto cultural desta proposta, visto que o conhecimento dos pais é um dos aspectos básicos desta cultura. Desta forma, aproximando os pais da prática educativa, valorizando seu conhecimento, há uma contribuição para o fortalecimento de suas raízes.

5.1.1. A Proposta em Prática no Núcleo da Vila Nogueira-São Quirino

Nos itens "4.1" e "4.2" deste trabalho, nos referimos ao núcleo. Vimos que nasceu de uma reivindicação da comunidade, como ele foi o meio do meu contato com a favela, assim como ele era palco das experiências vividas por mim e pelas crianças, no nosso relacionamento intersubjetivo.

A visão das crianças sobre esse núcleo parece ser a de um lugar de diversão, socialização e, até, a de um lugar de aprender com "as pesquisas", com os desenhos, com "as atividades".

Nas entrevistas com os pais (vide anexos), pôde-se notar que o núcleo-escola está associado a brincadeiras, a "prender as crianças" e a "atividades" como a horta. Aparecem também idéias, como a de que o núcleo ajudou a melhorar o rendimento escolar das crianças, isso porque, segundo os pais, as crianças se tornaram "mais vivas". A importância das pesquisas (que serão tratadas com destaque mais à frente) feitas no núcleo, das quais eles tomam conhecimento pelos filhos ou por mim, nas assembléias, são consideradas por eles "uma beleza", embora não esteja claro, creio, para eles, o porquê dessa "beleza".

No desenrolar deste pesquisar-educar surgiram dificuldades. A constante rotatividade das crianças é a primeira delas, embora existam crianças que estejam no núcleo desde que lá cheguei. Essa é uma questão insolúvel, porque ninguém quer ser favelado e, por isso, enquanto a urbanização não vem, quem consegue se muda para um local melhor. Ainda há os que voltam ao local de origem, desiludidos com a vida num grande centro, como Campinas. Esse obstáculo, na verdade, é um dado da cultura dessa comunidade. E é impossível removê-lo.

Uma segunda é a constante mudança de monitores, problema que ultimamente está minorado, pois nos últimos nove meses as monitoras são as mesmas, possibilitando o engajamento delas na proposta educacional no ano de 1986.

Outra grande dificuldade ocorrida no início desse ano: no retorno ao trabalho de campo, após o carnaval, em meados de fevereiro de 1986, encontrei uma grande surpresa: o núcleo-escola estava fechado. A prefeitura alegava que o banheiro não estava em condições, a pia da cozinha estava quebrada e por isso era importante fechar o núcleo para reformas. Tentei argumentar com várias pessoas que para esse tipo de reforma o núcleo não precisaria ficar fechado. Bastariam algumas adaptações na merenda, com uma mudança de cardápio para lanches ao invés de refeições, e a questão do banheiro, embora importante, poderia ser resolvida entrando em acordo com vizinhos do núcleo. As pessoas que não tinham poder decisório concordaram comigo. As que tinham me respondiam com evasivas.

O meu medo era grande. Lembrei-me da dissertação de mestrado de Silvia Gomara⁴, que relatava como uma facção da Igreja

⁴GOMARA DAFFRE, S. Um Caminho em Direção à Pré-Escola no EMBÚ-GUAÇÚ, Dissertação de Mestrado, PUC - SP, 1983.

ja Católica paralisou um projeto de alguma forma semelhante a este na pré-escola do EMBU-GUAÇU-SP, após o trabalho começar a dar seus primeiros frutos. Ponderei que a conjuntura política nacional é outra atualmente e que, mesmo do ponto de vista da Prefeitura, o fechamento definitivo do núcleo não seria razoável em um ano eleitoral. Mas para afastar o medo, só a ação. Além de levantar o tema nas assembléias da associação, ia sempre que podia à prefeitura debater o assunto. Além disso, resolvi não perder o contato com as crianças. Marquei um dia fixo, no qual elas se encontrariam comigo na porta do núcleo. Íamos nos encontrar, elas jogariam futebol, eu seria o "juiz" do jogo e conversaríamos sobre o que nós quiséssemos.

Senti que se a situação continuasse assim a pesquisa teria uma certa mudança de rumo. E qual o problema? Afinal, não foi feita a escolha de um tema para pesquisar que envolvesse diretamente pessoas? Com essa retomada de forças, pude manter o contato com os meninos e iniciar conversas bastante interessantes com eles. Em algumas delas, expus que "esse ano além de jogar futebol nós iríamos fazer outras coisas" que "iríamos pesquisar o que eles quisessem". Eles gostaram da idéia e brincaram muito com ela: "quero pesquisá sobre namoro", "eu quero sobre quantos fios de cabelo tem na cabeça", "quero sobre o Halley",... Em outra ocasião, o assunto voltou à tona e o Halley foi de novo lembrado e surgiram temas como "Quantas canas têm no canavial?" (ele fica do outro lado do campo de futebol), "futebol", "quantas estrelas têm no céu?" e até "por que você não ensina matemática pra gente? Você não é professor?"

Ao contrário do que pensei anteriormente, nenhum deles escolheu como temas suas brincadeiras como bola de gude, pipa, "bets",... sendo a única exceção o futebol. Não escolheram também temas relacionados com as origens das famílias, com o medidor d'água, com os trabalhos que fazem, com o folclore, ...

todos temas vistos, por mim, como possíveis de serem trabalhados, a partir de uma análise das entrevistas e de minha vivência na favela. Enfim, a proposta não era a de impor um tema. E como os temas iam surgindo, e eles captavam a idéia de pesquisa com muita facilidade, estava tudo pronto para começarmos o trabalho. Tendo chegado à favela para dar início às pesquisas, tive uma surpresa: a reabertura do núcleo, após mais de um mês de fechamento, ainda sem a reforma, mas funcionando como eu tinha proposto.

Após uma certa aclimação com as crianças que não estavam se encontrando comigo, e também com aquelas que não eram do núcleo e só agora entravam devido aos nossos encontros, começamos as pesquisas.

A idéia básica era procurar qual ou quais os temas de interesse de um grupo, que pudessem se transformar em um ou vários problemas no mesmo sentido já discutido anteriormente neste trabalho.

No início de abril, fizemos uma reunião onde eles iam dizendo quais os assuntos de seu interesse e eu ia anotando na lousa. Os temas foram:

- a) quantas bananas têm numa bananeira?;
- b) quantas pessoas têm no mundo?;
- c) quantos fios de cabelo têm uma pessoa?;
- d) quantas canas têm no canavial que beira o córrego?;
- e) quantos barracos têm na favela?;
- f) como o feijão nasce?;
- g) quantos grãos de feijão têm num saco de 1 quilo?;
- h) quantas bolas de gude têm numa lata de leite em pó?;
- i) quantos óculos têm no mundo? e
- j) quantas folhas têm num caderno?

Destes temas foram escolhidos três (a, e, g). Um outro

tema foi a horta que alguns meninos do turno da manhã começaram a fazer e que depois atingiu também garotos do 2º turno do núcleo-escola. Antes de entrarmos em detalhes sobre como se desenvolveram esses temas, nos estenderemos em mais algumas considerações gerais sobre o projeto educacional.

Os temas, e a própria idéia de se fazer uma pesquisa, eram apresentados a todos. As crianças mais novas, de três a oito anos, não se interessaram pelo assunto, a não ser de forma muito rápida. Entre as mais velhas, de nove a treze anos, a empolgação foi maior entre os homens, devido ao contato mais próximo comigo, mas também atingiu as meninas de forma mais gradual. Os que se interessaram receberam um caderno e um lápis que deviam ser cuidados coletivamente. Propus que eles anotassem tudo o que fosse importante. Essa parte da pesquisa foi feita de forma não sistemática e concentrada, pois vários não sabem escrever ou sabem bem pouco. Este projeto, que visa prioritariamente à matemática, tem atingido outros objetivos, como o próprio desenvolvimento do escrever à medida que existe uma motivação para tal e um significado neste ato.

O envolvimento das duas monitoras que trabalham no núcleo com a proposta tem ocorrido de forma gradual. No começo, havia uma certa indiferença e elas não entendiam o que eu fazia ali. Na visão delas eu apenas brincava com as crianças. A partir do início do ano, tive oportunidade de, estando mais próximo delas, conversar de forma mais constante. Tive a oportunidade de expor a essas monitoras por que eu observava tanto as crianças, participando de alguma forma de suas brincadeiras, de conversar com elas sobre as linhas gerais do projeto educacional e da importância fundamental que elas têm para a continuidade do trabalho, após a minha saída de lá.

Um fato que agiu como um elemento propulsor nesse caminho das monitoras foi uma reunião que realizamos juntamente

com técnicos da prefeitura e com todos os monitores dos outros núcleos vinculados à prefeitura. Nessa reunião, conversamos sobre o que eu vinha fazendo e o que pretendia fazer. Vários monitores se identificaram com as idéias debatidas, ilustrando algumas delas com exemplos.

Após essa reunião, e com o avançar das pesquisas dos garotos, elas foram se empolgando e inclusive requisitaram livros citados na reunião, para leitura. Elas leram esses livros e conversaram sobre eles. Alerttei-as também para a importância delas me criticarem, visto que sob vários aspectos conhecem as crianças melhor do que eu.

Atualmente elas me observam com mais atenção, entretanto o tomar da proposta como algo delas, e o partir para uma ação mais decidida está, ainda, por vir.

Passemos agora ao relato e interpretação das experiências. Iniciaremos com o relato de uma experiência, que ao contrário das que a seguem, ocorreu no segundo semestre de 1985, justo quando eu passava da fase de observação para uma de observação com participação efetiva. As outras ocorreram no primeiro semestre de 1986, simultaneamente, em várias reuniões, embora tenham terminado em momentos diferentes, mas, para clarear a apresentação, eu as relatarei separadamente.

5.1.1.1. As pesquisas

a) O Futebol

As crianças, em especial os garotos, sempre associaram minha imagem à do jogo de futebol. Esse esporte nos aproximou. Ao estar apitando um destes jogos, surgiu a seguinte conversa en

tre o "juiz" e alguns "jogadores":

"Marcelo, onde é o meio para se dar a saída?

-O que vocês acham?", respondi.

"-É... vamos medir", propôs Edison.

"-O jogo..., agora não,..." foram os berros ouvidos, propondo que o jogo continuasse, o que foi acatado pelo "juiz". Após terminada a partida, voltamos ao barracão. Eu perguntei: "Quem quer voltar ao campo para medirmos?" Três meninos, além de uma menina, acompanharam-me até o campo, sendo seguidos por mais dois que chegaram acompanhados de uma picareta "para marcar o meio". Após uma rica discussão sobre a precisão do passo ou o palmo como instrumento para medir o campo, eles chegaram à conclusão que o melhor meio para marcar seria o uso da picareta como padrão de medida. Mediram 53 picaretas e 2 palmos, fizeram a divisão por dois, usando o raciocínio mental e o auxílio de um graveto para escrever sobre a terra. Um dos meninos, Cal, demonstrava, inclusive, um perfeito domínio do sistema numérico hindu-arábico, percebendo com precisão a mudança de valor dos algarismos de acordo com a posição que ocupam no número. No caso, ele teve que dividir 66 passos por 2 e dizia enquanto passava: "Esse seis por 2 dá 30 e o outro 6 por 2 dá 3... Ah, dá 33 passos". Teve que fazer uma outra conta para medir o outro sentido do campo, 34 dividido por 2, e usou o mesmo método para , após um erro, se corrigir, e chegar ao resultado. Esse exemplo mostra uma das possibilidades em que a Matemática presente ao contexto das crianças se apresentou, dando chance para que, com auxílio de perguntas feitas por mim, fosse explicitada a matemática que sabem e mesmo que fizessem "descobertas" matemáticas importantes. Se não chegaram ao padrão "metro" para medir, chegaram ao "padrão picareta", que é bem mais preciso que o passo ou o palmo, e mais, chegaram à essência do conceito de medida , que é a comparação. Um detalhe importante é que esses meninos , que têm uma média de 10 anos, estão na 1ª ou 2ª série ou não es

tão em nenhuma, alguns já repetiram essas séries e não gostam de matemática.

Sobre o exemplo citado no problema anterior, foi proposto por mim, aos garotos interessados, que desenhassem e escrevessem o que tinha sido feito para que fosse elaborado um livrinho. Um desenho chegou a ser feito por eles, Waldemar, em cartolina, com algumas anotações, mas a idéia não foi à frente, esperando-se um momento para que ela volte a se tornar importante para eles. A causa, ou uma das causas da queda do interesse pelo problema foi o fato de, nas duas semanas seguintes ao ocorrido no jogo de futebol, o núcleo não estar funcionando nos dias das minhas visitas.

b) Quantas bananas têm num cacho de bananas?

O grupo que escolheu esse tema era composto por quatro meninos com idade entre oito e onze anos. Esses meninos, como os dos demais grupos, cursam a primeira, segunda, terceira ou quarta série ou não frequentam a escola.

A primeira estratégia que desenvolvemos foi a contagem das bananas. Cada um deles contou no mínimo um cacho de bananas. Após compararem o número de bananas encontrado em cada cacho, alguns chegaram a ficar surpresos com o fato do número de bananas não ser igual em todos os cachos. Perguntei a eles, então, como eles fariam para responder a pergunta inicial deles. Alguns propuseram, sem nenhuma convicção: "soma tudo" (talvez querendo se ver livre da questão), mas foram prontamente rebatidos: "se soma todos, sai mais". Após algum debate, perguntei a eles se poderia haver um cacho médio e o que ele seria. Eles gostaram da idéia e definiram o cacho médio: "não é pequeno, nem grande" ou "metade do pequeno e do grande" (o que pode ser entendido como

o "ponto médio" entre os dois). Tentaram também chegar ao cacho médio através de operações como " $55 - 36$ " ou " $55 + 36$ " (onde 55 e 36 são, respectivamente, o número de bananas do maior e do menor cacho), que embora não totalmente desprovidas do sentido matemático, não eram vistas por eles, após alguma reflexão, como um caminho seguro para resolver o seu problema.

Propus, então, uma versão mais simples do problema, sendo 2 e 4 respectivamente o número menor e o maior de bananas. Eles chegaram ao três como cacho médio com facilidade. Com os números 2 e 6 também resolveram facilmente. Voltei ao problema original e a solução encontrada foi 45 ou 46 bananas. Chegou até a surgir a idéia da meia banana, divertindo a todos a idéia de 45,5 bananas por cacho.

Em termos de estratégia, eles escolheram o caminho de procurar um número que equidistasse dos extremos (menor e maior número). Um caminho que poderíamos chamar de geométrico, baseado na representação gráfica dos Naturais (ou Racionais) em uma reta. Não escolheram o algoritmo, que é geralmente imposto quando se quer "ensinar médias de dois números", ou seja, a soma dos números e a divisão por dois. Entretanto, num segundo momento, chegaram perto deste algoritmo, embora não tenha ficado claro para mim qual o caminho percorrido para isso. A média de vários números não chegou a ser abordada. É importante ressaltar que esse assunto geralmente é abordado na 5ª série do 1º grau de forma preliminar, tendo nesta ocasião trabalhado com crianças cuja escolaridade variava da 4ª série do 1º grau até nenhuma.

Embora tenha sido narrada de forma contínua, essa pesquisa contou com cerca de cinco reuniões, que eram encerradas geralmente quando eu sentia o cansaço deles se aproximando. Isso, de uma maneira geral, acontecia após meia hora de atividades. A pesquisa foi considerada terminada por eles, embora nem

a resposta, do meu ponto de vista, tenha sido atingida. Vejamos alguns dos possíveis motivos dessa ocorrência.

Em primeiro lugar, o núcleo se encontrava no momento sem uma proposta educacional. As monitoras, perdidas, eram babás dos meninos, ou seja, "cuidavam" e davam comida. O único trabalho com alguma sistematicidade era o meu. A assistência técnica da Prefeitura era péssima e elas se encontravam bastante desmotivadas. Creio que esse quadro de dispersão não contribuía para a prática educacional que proponho, que mesmo não sendo rígida, partindo do interesse das crianças, exige empenho delas.

Um outro aspecto a ser abordado é que essa questão escolhida por elas não parece ser realmente um problema, uma concepção debatida no capítulo 2 deste estudo. Parece ter um certo grau de pilhéria na escolha do tema, embora o assunto escolhido deixe transparecer uma preocupação vinculada às origens rurais dessa comunidade em mudança cultural.

Finalmente, poderíamos dizer que é um dado psicológico a constante mudança de interesse das pessoas, em particular o das crianças.

c) Quantos feijões têm num saco de feijão?

Essa pergunta motivou inicialmente cinco crianças na faixa etária de oito a treze anos. No momento de maior atividade do trabalho, este chegou a motivar um total de dez crianças.

A estratégia utilizada para resolver a questão foi a contagem. Apesar de acharem muito cansativa a tarefa antes do seu início, se divertiram bastante após o seu começo. Eles escolheram contar em grupos de cem, que eram registrados no seu caderno. Perguntei a eles o porquê dessa maneira de agir e eles prontamente responderam: "pra não perder a conta, se não tem que

começar tudo".

Havia entre eles uma competição para ver quem contava mais feijão, mas no fim todos se uniram para somar os subtotais, obtendo como resultado 4.770 feijões. Perguntei a eles se não haveria uma forma mais simples de contar, se aquela contagem era precisa ou se havia margem de erro e também se todo saco de feijão teria exatamente 4.770 feijões. Logo ficou claro que esse número era uma aproximação e, após algum debate, chegamos a uma nova estratégia que se baseava em contar um grupo de cem e em calcular visualmente montes do mesmo tamanho, em vez de contar todos os montes. Vejamos como eles registraram essa estratégia no seu caderno de pesquisa.

"Agora estamos fazendo de outra maneira.
 Estamos fazendo montinho de cem.
 Contamos algum modelo e vemos uma base.
 Estamos fazendo os outro montá pelo tamanho".

Com esse novo método de resolução, eles chegaram ao resultado de 4.600. Houve um bom debate sobre a diferença entre os dois resultados.

Esta pesquisa teve três reuniões, sendo que a primeira durou cerca de meia hora e as outras duas, cerca de uma hora. Como já foi dito, a flutuação de componentes do grupo foi grande, mais basicamente, com um aumento de pessoas no decorrer do trabalho.

Essa questão, que se esgotou rapidamente, talvez não possa se enquadrar na concepção de problema exposta anteriormente. Mas, sem dúvida, motivou-os durante um certo espaço de tempo como uma boa brincadeira, embora se não tivessem resolvido este "problema" isso não acarretaria uma perturbação maior na existência deles.

Não deve ser esquecido que todas as pesquisas foram realizadas no clima de "dispersão educacional" tratado na letra

"b" deste subitem.

d) Quantos barracos têm na favela?

Este grupo contou inicialmente com cinco meninas e um menino. Todos com idade entre dez e treze anos.

A primeira estratégia utilizada por eles foi a de todos juntos contarem os barracos. Logo em seguida, resolveram se dividir em grupos que contassem os barracos de regiões distintas da favela. Essa fase foi cumprida rapidamente e eles encontraram 256 barracos, apenas na Vila Nogueira, não incluindo, portanto, o São Quirino.

Com um novo grupo, composto por três membros da antiga equipe e dois novos, eles me propuseram que pesquisássemos quantas pessoas têm na favela. Com empolgação, essa nova fase começou, mas se encontra até o momento paralisada antes do seu término. A equipe se dispersou e não pudemos chegar a trabalhar toda a estatística e aritmética presentes nesta pesquisa. Em breve, será tentada uma nova organização do grupo.

Este grupo possuía o melhor registro, já que sua coordenadora escreve muito bem, entretanto o caderno do grupo se encontra perdido, não sendo possível relatar nada além do que possuo escrito nos meus cadernos de campo.

Esta questão parece se aproximar mais do conceito de problema já exposto anteriormente. É uma questão que certamente influencia a existência de quem a enfrenta e também os motivos, embora o interesse tenha se dissipado com o passar do tempo, bem provavelmente porque foi sobreposto por outros.

e) A horta

O surgimento desse tema tem uma história peculiar. Em 1985, fomos visitar um núcleo situado em outra favela, que tinha uma horta bem desenvolvida; sugeri a eles que fizessem uma também. A idéia não empolgou muito naquela época. Em abril de 1986, um grupo, com um núcleo razoavelmente constante de sete meninos e mais eventuais participantes, divididos nos dois turnos do núcleo, começou a cultivar uma horta, nos fundos do barracão, com o pragmático objetivo de conseguir dinheiro para comprar uma bola e uniforme para o time do núcleo que, eventualmente, joga com times de outros meninos da favela e/ou imediações.

O prazer que eles sentem, entretanto, ao cuidar da horta mostra que, além do objetivo explícito, existem outros componentes nesta escolha de um meio para se arrecadar dinheiro. Talvez eles estejam emocionalmente na "velha sociedade", o mundo rural de onde seus pais e alguns deles vieram, como coloca Erny⁵. É bem interessante, também, notar o fato desse tema ter atraído apenas homens e o tema dos barracos reunir praticamente só mulheres, no que parece ser uma reprodução do esquema doméstico.

Propus a eles que num caderno anotassem as datas das plantações, entrada e saída de dinheiro e todo o tipo de informação relativa à horta. Eles gostaram, e de uma forma bem pessoal, anotaram tudo o que lhes interessava e várias coisas que eu lhes propunha. Essas anotações têm sido pouco utilizadas para fins restritos de educação matemática até agora, mas têm sido importantes para a prática e desenvolvimento da escrita delas.

⁵Erny, P. Etnologia da Educação, op. cit.

Uma atividade bastante rica que se originou deste tema foi a confecção de uma planta (como a de uma casa) da horta. Começamos fazendo um levantamento do material necessário. Após termos o material à mão, perguntei a eles qual seria o caminho para iniciarmos a planta. A primeira tentativa deles foi fazer o desenho sem a noção de escala. Com algumas perguntas, consegui que eles percebessem a necessidade de ser mantida uma proporção entre a horta e a planta dela. Servi-me também de analogias com fotografias e com as imagens da televisão. Eles me surpreenderam ao escolher uma escala bem original, ou seja, uma régua por um centímetro (cm). Desta forma, eles mediam a horta usando o padrão régua (com cerca de 16 cm) e desenhavam um número de cm correspondente ao número de réguas contadas nos canteiros.

Além dos conceitos de escala e proporção, que são de uma maneira geral temas de difícil digestão por parte dos alunos das 5^{as} e 6^{as} séries da escola formal, trabalhamos, também, diversos outros conceitos, como ângulo, ângulo reto, figuras geométricas,... além de uma discussão sobre perspectiva, vista de cima e vista lateral, que são temas que se encontram no limiar da geometria e da arquitetura.

Essa pesquisa da horta (e as outras também) não acontecem, entretanto, em uma seqüência linear. Às vezes, os garotos só queriam jogar futebol ou apenas mexer na horta sem se preocupar com a planta. Chegaram, num determinado momento, a perder a noção de escala para depois a recuperarem, com um dos garotos "reensinando" aos outros esta noção. A confecção da planta, que envolveu um total de dez meninos dos dois turnos, terminou com a parte decorativa sendo executada. Pintaram toda a planta, desenhando também os vegetais plantados.

No final deste 1º semestre, o aspecto educacional tem sido retomado no núcleo. Geralmente, os monitores e técnicos de

educação realizam reuniões, no início do período, com as crianças para debater quais atividades serão desenvolvidas num dado dia. Numa dessas reuniões, após consultar os autores da planta da horta, propus, na assembléia com as crianças, que eles explicassem para o resto da turma o que e como eles haviam feito a referida planta. O resultado foi ótimo. Para um público heterogêneo, com idade entre 3 e 13 anos, os autores iam, com meu auxílio, quando era necessário, respondendo as mais variadas perguntas. Dúvidas como "por que você usou o amarelo?" (os mais novos) até "como vocês mediram isso?" (os mais velhos) eram debatidas. Nos dois turnos do núcleo, o debate foi profícuo com a noção de escala, a noção empírica de centímetro e analogias com fotografias sendo abordadas. No turno da tarde se sucedeu, inclusive, uma interessante atividade onde os meninos se mediam com o "padrão régua" e eu reproduzia as medidas em centímetros na lousa. Certamente, esse grupo que reúne um oscilante número de garotos fez a pesquisa que representa um salto de qualidade em relação aos outros, não só devido a essa aula que eles deram, onde cada aluno (seus colegas) pôde fazer a sua leitura de parte do trabalho realizado por eles, mas também devido a um outro motivo que analisaremos a seguir.

Parece que esta pesquisa da horta é a que tem seu tema mais próximo, ou mesmo adequado, à noção de problema tratada ao longo deste trabalho. É um tema que, ligado às suas raízes, modifica sua existência, e surgiu como uma forma de enfrentar algo muito importante para eles, a falta de material para jogar futebol. Surpreendentemente, esse tema prende a atenção (principalmente do grupo, mas também de todas as crianças de forma mais diluída) deles durante 4 meses, mesmo não sendo esse interesse linear. Assim, na existência deles surgiu um problema, como comprar bola e uniforme para o time de futebol, que teve como solução a horta que se tornou um novo problema, com sua execução, administração (o caderno da horta) e venda dos frutos. Além disso,

outros problemas apareceram como: de que forma executar a planta da horta e como explicá-la depois aos colegas.

f) Quantas canas têm no canavial que beira a valeta?

Terminadas as três pesquisas descritas nos itens "b" , "c" e "d", um grupo com quatro integrantes se interessou pelo tema das canas, já listado anteriormente por eles. Andamos todos até o canavial para verificarmos de que forma poderíamos precisar o seu número de canas.

Ao chegarmos lá, a realidade era árdua. Em cada moita, o número de pés de cana era diferente, e não surgiu nenhuma estratégia para medir a área por parte deles, nem com algumas sugestões minhas. Finalmente, propus que procurássemos o dono do canavial para ver se ele poderia nos ajudar. As crianças só se interessaram por essa idéia na hora, desistindo logo após.

Essa foi a pesquisa que não deu certo, pelo menos para esse grupo, naquele momento. O que nos remete à idéia de que o problema tem um lado subjetivo, o interesse pessoal, e o objetivo (o que gera o problema), que estão dialeticamente conexiados, e que quando esse aspecto objetivo revela uma face até então desconhecida (no caso, a grande dificuldade) por quem tem interesse, pode alterar este, inclusive de forma radical, acabando com ele.

g) A pesquisa das crianças menores

Todas as pesquisas anteriormente relatadas atingiram as crianças de 8 a 13 anos de idade. Uma preocupação que tive foi como estender este trabalho que faço com os maiores, aos menores. Como manter a linha de "buscar" a matemática que tenha

significado para eles? A resposta começou a surgir durante um jogo de futebol no qual eu era o "juiz". Um garoto me perguntou quanto estava o jogo. Eu respondi: 3×2 e ele retrucou: quem está ganhando? Após responder sua pergunta eu, após uma reflexão, concluí que os números falados não tinham o menor significado para ele e, talvez, para muitos outros. Surgiu, então, o "placar das pedras". Esse placar se constitui de duas fileiras paralelas de pedras postas no meio do campo. Em uma delas se põem pedras à medida que o time do lado do campo em que se situa a fileira marca seus gols; de forma idêntica se repete o processo na outra fila situada no outro campo.

Com essa idéia e sua prática, vários meninos menores chegaram a prestar mais atenção no placar do que no jogo. Contavam e/ou comparavam as fileiras diversas vezes e se corrigiam mutuamente. Preocupei-me, inclusive, em manter as fileiras bem paralelas e com cada pedra de uma fila ficando frente a frente com outra da segunda fila de modo a facilitar uma correspondência e uma comparação entre as quantidades. Mas mesmo após desmanchar essa ordem eles (inclusive o que me perguntou o placar anteriormente) não se enganaram e respondiam: "não mudou o número de gols, já acabou o jogo".

5.2. A PERGUNTA CENTRAL DESTA DISSERTAÇÃO: QUE MATEMÁTICA ESTÁ PRESENTE NA COMUNIDADE DA FAVELA DA VILA NOGUEIRA-SÃO QUIRINO E COMO ELA PODE SER TRABALHADA PEDAGOGICAMENTE NESTA MESMA COMUNIDADE?

Retornando à pergunta focalizada na introdução desta dissertação: "Que matemática está presente na comunidade da favela da Vila Nogueira-São Quirino e como ela pode ser trabalhada pedagogicamente nessa mesma comunidade?" ela teve resposta?

Ela teve e não teve. Por um lado, foi exposta neste trabalho toda a riqueza de uma matemática praticada e elaborada por essa comunidade, impregnada de influências sócio-culturais que aqui aparecem como um exemplo do que vem sendo denominado etnomatemática. Por outro, como já foi dito, não é possível perceber toda a etnomatemática desse grupo cultural, pois, minha convivência com esta comunidade ocorreu em um tempo limitado e também porque o conhecer implica sempre num novo desvelar.

Se for enfrentada a segunda parte da pergunta, também ter-se-á uma resposta linear e acabada. Se assim o fosse, ir-se-ia contra a própria postura deste trabalho. A proposta pedagógica é desenvolvida a partir da visão de homem exposta no capítulo 2, onde o homem é visto como um ser-no-mundo-com-os-outros, como um ser cognoscente, que conhece o mundo também do ponto de vista matemático, gerando, portanto, conhecimento matemático. Aceito isso, não se espera que o homem, no momento presente, volte a enfrentar exatamente os mesmos problemas que desafiaram as gerações passadas.

A Educação possibilita a inserção da nova geração no contexto cultural permitindo então que ela enfrente os problemas do mundo humano. A Educação pode, dessa forma, estimular a reflexão sobre o mundo-vida que cerca este homem. Assim, o conhecimento é passado de uma geração a outra, que o reelabora. Esse conhecimento é posto em xeque quando um grupo cultural estabelece contatos com outros grupos culturalmente diferenciados. Sendo o mundo atual constituído por uma possante rede de comunicações, há uma constante situação de choque de usos e costumes, o que solicita um contínuo rever e reelaborar do que foi aprendido.

Esta proposta pedagógica para o núcleo da Vila Nogueira busca que esse contato inter-cultural se faça de tal forma que o menino da favela valorize suas raízes e o seu conhecimen-

to elaborado, desenvolvendo-o no sentido de poder lidar com o "grupo externo" à favela sem se anular, não se tornando um ser ajustado, mantendo um viver vegetativo. Mas busca que esse menino seja um ser com espírito crítico e com pensamento reflexivo sobre a realidade que o cerca, exercendo assim sua vocação para a liberdade.

Para atingir este objetivo, esta proposta vê o menino favelado como um ser situado no mundo, que produz conhecimento, que gera saber matemático. Dessa forma, essa proposta pretende, a partir da etnomatemática dessa comunidade (praticada e elaborada por crianças e adultos) ou de temas (não necessariamente ligados à matemática) que se mostrem relevantes na sua cultura, proporcionar condições de, através do diálogo, haver uma interação entre essa etnomatemática e a matemática escolar ou acadêmica, com a qual o professor-pesquisador se expressa.

Foi assim na situação da horta onde os cálculos mentais feitos pelas crianças, a forma delas efetuarem uma medida, a escala "do pedaço por um pedacinho", os nomes dados por eles às figuras geométricas serviram de um "porto de desembarque", no qual o professor-pesquisador e as crianças encontraram um espaço para iniciar seu diálogo. As crianças e o professor expuseram e desenvolveram o seu pensar matemático, através de algoritmos escritos que se aproximavam dos cálculos mentais feitos pelas crianças, de um planejamento próprio de medir, de uma escala da "régua por um centímetro" (1:16), com os nomes canônicos das figuras geométricas que aparecem na horta. Foi também dessa forma em outras situações.

É importante notar que nem sempre este caminho é possível de ser trilhado, como já debatido anteriormente, mesmo que os fundamentos da proposta permaneçam aceitos. Esse caminho não pode ser visto como uma equação onde as variáveis já estejam predeterminadas por aquele que educa.

Pode-se, com essa riqueza de indícios, ver que o caminho aqui trilhado é promissor para continuar a ser seguido nesta escola não-formal. Possivelmente, com outras pesquisas que venham a ser feitas nesta direção, tornar-se-á viável ter opiniões mais conclusivas sobre o tema e, quem sabe, se abrirão perspectivas para que a própria escola formal incorpore ao seu currículo a etnomatemática elaborada por seus alunos, considerando assim as influências sócio-culturais na geração do conhecimento matemático. São questões em aberto e é bom que assim sejam vistas, pois o conhecimento é inacabado. Neste estágio inicial em que se encontra esta linha de pesquisa, é importante que se compreendam suas possibilidades, pois este trabalho revela indícios de que esse caminho é promissor.

CAPÍTULO 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa pretendeu apresentar uma alternativa educacional, que considera os aspectos sócio-culturais de um dado grupo, em especial os relacionados à matemática produzida por ele. Embora tenha se vinculado à Favela da Vila Nogueira - São Quirino, creio que este trabalho desvelou aspectos do fenômeno estudado que podem ser estendidos a outros grupos sociais, em especial, aos de favelados.

Essa abrangência deve-se ao fato de esse estudo estar baseado em uma visão de homem como um ser-no-mundo, que conhece, que produz etnomatemática, não sendo esse embasamento restrito a essa favela. Da mesma forma, podemos considerar a visão de educação, coerente com essa visão, sustentada no tripé diálogo, influências sócio-culturais e libertação.

Se por um lado esta pesquisa é abrangente, não podemos considerá-la definitiva, nem mesmo no contexto da favela da Vila Nogueira-São Quirino. Isto porque, no sentido amplo, o conhecimento não é acabado, não tem fim e, por isso, um novo desvelar sempre está por vir, e no sentido restrito, pois essa proposta, embora com influências de várias pessoas, foi elaborada fundamentalmente por uma só pessoa, tratando de uma favela, du-

rante um espaço de tempo determinado, enfocando principalmente a matemática. Não pode, pois, ser considerada pronta nem para esta favela.

Pode sim, ao lado de outros trabalhos que têm sido feitos nesta linha, contribuir, mesmo que de forma diminuta, para a emancipação dos grupos culturais diferenciados do ponto de vista cultural e que são, por isso, marginalizados. Pode, então, ajudar esses grupos a valorizar seu saber e suas raízes, e que possam, via uma educação dialógica que incorpore esse conhecimento, compreender o mundo de forma mais global e crítica, abrindo-se frestas para a superação das desigualdades sociais de nosso mundo.

BIBLIOGRAFIA

- Aebli, H. Didática Psicológica: aplicação à didática da psicologia de Jean Piaget; Tradução de João Teodoro d'Oliveira Marote, 2ª edição, Ed. Nacional, São Paulo, 1974.
- Alves, R. Conversas com quem gosta de ensinar. Cortez Editora, São Paulo, 1984.
- Apple, M. Ideologia e Currículo; Tradução: Carlos Eduardo Pereira de Carvalho : Editora Brasiliense, São Paulo, 1982.
- Batschelet, E. Introdução à Matemática para Biocientistas; Editora Interciência, EDUSP, São Paulo, 1978.
- Bicudo, M.A.V. Intersubjetividade e Educação, In: Revista Didática, vol. 15, São Paulo, 1979.
- _____. Uma Análise sobre a Escola. IGCE, UNESP, Rio Claro, SP, 1979. (mimeografado)
- _____. Epistemologia e Matemática. IGCE, UNESP, Rio Claro, SP, 1982. (mimeografado)
- _____. A Matematização da Natureza tal como Foi Elaborada por Galileu/A Matematização do Pleno/O Significado das Ciências Naturais. (Notas de aula), IGCE, UNESP, Rio Claro, SP, 1982. (mimeografado)

Bicudo, M.A.V. A Função Docente em Martin Bubber; In: Revista Didática, vol. 18, São Paulo, 1982.

_____. Fundamentos Éticos da Educação, Cortez Editora, São Paulo, 1982.

_____. O Pensamento de Martin Heidegger sobre o Homem. (Notas de Aula). IGCE, UNESP, Rio Claro, SP, 1982. (mimeografado).

_____. Educação e Ensino da Matemática, Revista de Estudos e Comunicações - Leopodiamum, vol. X, 1983.

_____. O Conhecimento Humano. (Notas de Aula). IGCE , UNESP, Rio Claro, SP, 1984. (mimeografado)

Brandão, C.R. (organizador) Pesquisa Participante, 4ª edição , Brasiliense, São Paulo, 1984.

Brasil, L.A.S. Experiências Pedagógicas Baseadas na Teoria de Piaget, Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1979.

Byers, V. Why Study the History of Mathematics, International Journal Math. Education Science Technol., vol. 13, nº 1, Canadá, 1982.

Campinas, Secretaria Municipal de Promoção Social - Relatório do Levantamento de Sub-habitação de Campinas, 1965.

_____. : Estudo e Levantamento da Realidade de Favelas na Cidade de Campinas , 1973.

Campinas, Secretaria Municipal de Promoção Social - Coletânea de Decretos, Projetos e Leis sobre Concessão da Terra,

- Seminário Nacional de Favelas, realizado em 14 de agosto de 1981. (Transcrição das Gravações mimeografada).

- Perfil das Favelas do Município de Campinas; Coordenação Maria Lúcia L. de Abreu, 1982.

Chanan, G. Statistics Debate Masks Analytical Weakness. Educational Research, vol. 20, nº 1, 1977.

Caniato, R. A Terra em que Vivemos. Papyrus Editora, Campinas, SP, 1984.

Caraça, B.J. Conceitos fundamentais da Matemática, 5ª Edição, Editora Fotogravura Nacional Ltda., Lisboa, Portugal, 1970.

Carraher, T.N.; Carraher, D.W. e Schliemann, A.D. Na Vida Dez; Na Escola Zero: os contextos culturais da Aprendizagem da Matemática, Cad. Pesq., nº 42, São Paulo, agosto de 1982.

Carraher, D.W. Classe Social e Processos Cognitivos. Simpósio da ANPEPP, realizado durante a Reunião Anual da SBPC, Belo Horizonte, julho de 1985. (mimeografado)

Davis, P.J. e Hersh, R. A Experiência Matemática, Tradução de João Bosco Pitombeira, Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1985.

D'Ambrosio, U. Ensino de Ciências e Criação de Uma Tradição

Científica, Interiência, vol. 5, nº 6, nov-dez, 1980.

D'Ambrosio, U. Algumas Diretrizes para Escrever um Trabalho, adaptado de: Barnet, S. - "A short guide to writing about art", Boston, Little, Brown and Company, 1981, (mimeografado).

_____. Culture, Cognition and Science Learning-Aparecer. Proceedings Conference. Science Education in the Americas. NSTA-OAS, Panamá, dezembro de 1984.

_____. Ethnomathematics and its place in the history and Pedagogy of Mathematics, For the Learning of Mathematics-An International Journal of Mathematics Education, FIM Publishing Association, Montreal, Canadá, fevereiro de 1985.

_____. Da Realidade à Ação: Reflexões sobre Educação e Matemática. Summus e Campinas: Ed. da UNICAMP, Campinas, São Paulo, 1986.

_____. Socio-Cultural Foundations of Mathematics and Science Education. (mimeografado)

_____. Alternative of Epistemologies and Ethnoscience. Palestra no World Congress of Sociology, New Delhi, agosto de 1986. (mimeografado)

Dante, L.R. Ênfases Dominantes no Ensino da Matemática e Algumas Indicações para Mudança. IGCE, UNESP, Rio Claro, SP. (mimeografado).

_____. Incentivando a Criatividade Através da Educação Matemática - Tese de Doutorado, PUC - SP, 1980.

- Darnton, Robert. O Grande Massacre de Gatos, Edições Graal Ltda., Rio de Janeiro, 1986.
- Derrick, T. The Criticism of Inferential Statistics, In: Educational Research, vol. 19, nº 1, novembro de 1976.
- Dunn, J.A. Descoberta, Criatividade e Matemática Escolar: Uma Revisão das Pesquisas, Tradução de L.R. Dante, publicado originalmente in: Educational Review, vol. 28, nº 2, 1973. (mimeografado).
- Erny, P. Etnologia da Educação. Tradução: Antonio Roberto Neiva Blundi, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1982.
- Foucault, M. Psicanálise, Etnologia in: As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1985.
- Frankstein, M. Critical Mathematics Education: An Application of Paulo Freire's Epistemology. Journal of Public Education, vol. 165, nº 4, College of Public and Community Service University of Massachusetts, Boston, 1983.
- Freire, P. Educação Como Prática da Liberdade, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1976.
- _____. Pedagogia do Oprimido, 9ª edição, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1981.
- Freire, P.; Nogueira, A. e Mazza, A. (organizadores) Fazer Escola Conhecendo a Vida. 2ª edição, Papirus, Campinas, SP, 1986.

Fremont, H. How to Teach Mathematics in Secondary School, W.B. Samuders Company, Philadelphia, USA, 1969.

Freudenthal, Hans. Major Problems of Mathematics Education, In: Educational Studies in Mathematics Magazine, vol. 12, nº 2, maio de 1981.

Garfinkel, H. Studies in Ethnomethodology, Prentice-Hall Inc., Englewood Cliffs, New Jersey, 1967.

Gerdes, P. A Matemática ao Serviço do Povo - Alguns Exemplos, Idéias e Experiências Pessoais na Formação de Professores em Moçambique. Anais "Caribbean Conference of Mathematics for the Benefit of the Caribbean Communities and its Reflection in the Curriculum", Paramarimbo, Suriname, outubro de 1982.

_____. Conditions and Strategies for Emancipatory Mathematics Education in Undeveloped Countries - In For The Learning of Mathematics, FLM Publishing Association, Montreal, Quebec, Canadá, fevereiro de 1985.

_____. Sobre o Despertar do Pensamento Geométrico. (mimeografado).

_____. On Culture, Geometrical Thinking and Mathematics Education. A ser publicado in Cultural Dynamics, vol. 2, 1987.

Giles, T.R. História do Existencialismo e da Fenomenologia. APU, vol. 1, EDUSP, São Paulo, 1975.

Goldstein, H. In Defence of Inference, Educational Research, vol. 19, nº 3, junho de 1977.

- Gomara, D. S. Um Caminho em Direção à Pré-Escola no EMBÚ-GUAÇU.
Dissertação de Mestrado, PUC - SP, 1983.
- Heidegger, M. Todos Nós... Ninguém - um enfoque fenomenológico do social. Tradução de Dulce Critelli, Ed. Moraes, São Paulo, 1981.
- Hoel, P.G. Estatística Elementar. Tradução: Carlos Roberto Vieira Araújo, Atlas, São Paulo, 1981.
- Kamii, C. A Criança e o Número: implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação junto a escolares de 4 a 6 anos, Tradução: Regina Assis, Papirus, Campinas, SP, 1984.
- Keitel, C. Cultural Premises and Presuppositions in Psychology of Mathematics Education - Proceedings Tenth International Conference of Psychology of Mathematics Education, Londres, Inglaterra, 20 a 25 de julho de 1986.
- Lakatos, I. A Lógica do Descobrimento Matemático (Provas e Refutações) - organizado por Worrall, J. e Zahar, E., Tradução: Nathanael C. Caixeiro, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1978.
- Martins, J.; Farinha, M.F.S. e Dichtchekenian, B. (organizado - res). Temas Fundamentais de Fenomenologia, Ed. Moraes, São Paulo, 1984.
- Martins, J. Currículo e Ideologia (notas de aula) - PUC - SP, 1984.
- Martins, M.L.R. A Problematização como Prática Pedagógica. In: III Conferência Brasileira de Educação - Simpósios, Edições Loyola, São Paulo, 1984.

Medeiros, C.F. Educação Matemática - o Discurso Ideológico que a Sustenta - Dissertação de Mestrado, PUC - SP, 1985.

Mellin-Olsen, S. The role of thinking Tools of Mathematics in Education, Palestra na CIEAEM (separata), Southampton, 26 de julho de 1986.

Musil, R. O Jovem Törless - Tradução de Iya Luft, Ed. Nova Fronteira, 1981.

Mussolini, G. Ensaio de Antropologia Indígena e Caçara, organização de Edgar Carone, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1980.

N.C.T.M. An Agenda for Action - Recommendations for School Mathematics of the 1980s, USA, 1980.

Pavão, A.M.B. O Princípio de Autodeterminação no Serviço Social: Visão Fenomenológica, 2ª edição, Cortez Editora, São Paulo, 1981.

Peters, R.R. Ethics and Education, George Allen & Unwin Ltd., Londres, 1966.

_____. The Justification of Education. In: The Philosophy of Education, Oxford University Press, Oxford, 1980.

Phenix, P.H. Realms of Meaning, Mc Graw-Hill Book Company, New York, USA.

Piaget, J. e Szeminska, A. A Gênese do Número na Criança, Tradução de Christiano Monteiro Oiticica, 2ª edição, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1975.

- Porier, J. História da Etnologia, Tradução: Ivone Toledo, Ed. Cultrix, São Paulo, 1981.
- Prado, M.M.R. História da Favela da Vila Nogueira. Terapia Ocupacional, PUC, Campinas, 1985. (mimeografado)
- Rogers, C.R. Por uma Teoria da Criatividade. In: Tornar-se Pessoa, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1976.
- Santos, L.G. Desregulagens (Educação, Planejamento e Tecnologia como Ferramenta Social). Editora Brasiliense, São Paulo.
- Saviani, D. Do Senso Comum à Consciência Filosófica. Cortez Editora, São Paulo, 1985.
- Saxe, G.B. Children's counting: the early formation of numerical symbols, Child Development, Society for Research in Child development, U.S.A., nº 3, 1979.
- _____. Body parts as numerals: A developmental analysis of Numeration among the Oksapmin in Papua New Guinea, Child Development, S.R.C., U.S.A., nº 52, 1981.
- _____. Developing forms of Arithmetical Thought Among the Oksapmin of Papua New Guinea, Developmental Psychology, the American Psychological Association, U.S.A. vol. 18, nº 4, 1982.
- _____. The Development of Measurement Operations among the Oksapmin of Papua New Guinea, Child development, S.R.C., U.S.A., nº 53, 1982.
- Schliemann, A.D. A Matemática na Carpintaria: Implicações para

o Ensino Escolar. XIV Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, outubro de 1984. (mimeografado)

Sebastiani, F.E. Geometria em brincadeiras. Campinas, UNICAMP, 1985. (mimeografado)

_____. Elaboração do Modelo de Ensino em Etno-matemática. Campinas, UNICAMP, 1985. (mimeografado)

Smith, D.E. Special Topics of Elementary Mathematics, Volume II, Gian and Company, Boston, 1925.

Stuterrant, W.C. Studies in Ethnoscience. In: Transcultural Studies in Cognition, American Anthropologist (Special Publication), 1964.

Wagner, H.R. Fenomenologia e Relações Sociais - Textos Escolhidos de Alfred Schutz, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.

ANEXOS

ANEXO I

Constam deste anexo 5 entrevistas com pais de crianças do núcleo e sete com crianças que o freqüentam. As entrevistas foram feitas durante o segundo semestre de 1985 e o primeiro de 1986.

A primeira é com D. Ilza, presidenta e fundadora da Associação de Moradores da Favela da Vila Nogueira-São Quirino, e uma das primeiras moradoras da favela. É a mãe de Gisele.

A segunda, com Seu João, pedreiro, atualmente trabalhando de "segurança". Seu João é, também, um antigo morador e não participa regularmente da Associação de Moradores, embora more ao lado da sua sede. É o pai de Marcos, que freqüenta o núcleo há bastante tempo.

A terceira, com D. Josefa, que é mãe de Erivelto (Eli-velton, como as crianças o chamam), um menino que freqüenta o núcleo há bastante tempo.

A quarta, com Íris e Davi, pais de quatro filhos que freqüentam o núcleo.

A quinta, com Seu Pedro, que é pedreiro de profissão e pai de Neno, um menino que freqüenta o núcleo há bem pouco tempo.

Finalmente, são feitas sete entrevistas com crianças que freqüentam o núcleo-escola, entre as quais algumas são filhas dos adultos entrevistados.

ENTREVISTA I

ENTREVISTADA: D. ILZA

Marcelo: D. Ilza, quando a senhora veio para cá? Como a senhora descobriu aqui, a Vila Nogueira? Explique essa história!

D. Ilza: É, eu morava em Goiânia.

Eu vim da Bahia, né; de Barreras na Bahia, aí nós viemo da Bahia, nós viemo prá Brasília. Chegou em Brasília, meu marido arrumou serviço, nós ficuemo se batendo. Aí, de Brasília nós viemo prá Goiânia, em Goiânia nós moremo 7 ano em favela mesmo, sabe. E depois meu marido foi, entro em outro serviço na HR, era negócio de saneamento de água, sabe, o serviço dele era mais trabalha com água, esgoto, encanação de água. Então, e de lá de Goiânia o serviço dele foi transferido prá cá, prá Campinas.

Aí ele veio sozinho, ficou 1 mês aqui, e depois ele foi me busca. Morei em Goiânia 7 ano, depois de Goiânia em vim prá qui pois então fez 15 anos em novembro, que moro aqui, agora no dia 5 de novembro deste ano de 85 faz 16 anos.

Porque naquela época, na Bahia, não tinha assim como se vivê, não tinha terreno, porque os patrão que tinha terra começo num querê mais dá prá gente construí, assim, roça, criá porco, cabrito, essas coisas. Ele não queria aceitá mais, de onde nós viemo procurá melhoria aqui pro lado de Goiânia, de Campinas, e aqui em Campinas tô até hoje. Meus filho veio tudo pequeno prá cá, tudo solteiro, agora já casaro tudo, e eu tô por aqui.

Marcelo: Sempre aqui na favela da Vila Nogueira ?

D. Ilza: Sempre aqui, até hoje. Nunca saí daqui de jeito nenhum, gosto muito do lugá.

Marcelo: E quando a senhora veio prá cá, tinha muitas casas aqui, ou não ?

D. Ilza: De favela, não. Quando eu vim prá qui, aqui só tinha o Seu Manuel, o Seu Zé, que é um senhor de perna torta, um crente que morava aqui, a Ginalva, que era mulher do Ciro, que morava ali na rua Polinômio, e morava outra senhora que já morreu, chamada Margarida, que é mãe de Maria, que também morava aqui na rua Ermilano.

Era poucas pessoas, tinha uns 5,6 barracas e depois que foi estendendo bastante barraco, foi estendendo, até que quando eu cheguei prá qui, de gente que morava aqui só seu Zé, a D. Margarida, a Ginalva. Só a Ginalva tem 20 ano, porque eu tenho 15 vou fazê 16 e a Ginalva já morava aí já 5 anos, e Seu Zé também. Inclusive esse senhor faleceu agora, soma 2 meses que ele faleceu, aquele senhor aí do barraco do lado que tinha uma perna só, ele sofreu acidente e cortaro a perna dele. E aí foi aumentando, sabe, foi aumentando barraco, aumentando, e agora nós tamo aí.

Nessa área aqui minha mesmo, na Vila Nogueira, eu tô com 258 barraco, sendo que quando cheguei aqui só tinha 5 barraco e agora já estendeu esse tanto. Agora num sei se você gostaria de me perguntar qual o motivo que foi aumentado, né?

Marcelo: Pode dizer.

D. Ilza: Porque eu acho que foi aumentando por motivo de pessoal que morava em fazenda, né.

Os patrões expulsô, e onde veio prá qui,

prá cidade grande, que é a cidade de Campinas, prá poder armá melhoria, e no fim, como não tinha condição prá pagá aluguel, veio pará na favela.

Agora, pegano, pegano resto de loteamento dos proprietários, sabe, então é quando o pessoal foi rendendo aqui na favela. Porque eu conheci Campos Elísios, também quando conheci que eu andei passeando lá, eu vi também 3 barraco, no fim, nem sei quanto tem lá agora, porque nunca mais tive contato com o presidente de lá; e assim a favela foi aumentando.

Mais nasce gente de fora não os daqui da cidade de Campinas; é mais gente do Norte, desse mundo, de Pernambuco, da Bahia, de tudo quanto é lugar, Ceará, de Minas, vem de todo lugar; o pessoal tá sendo dividido, sabe. Agora, porque que o pessoal vem?

Porque mora na roça, o patrão não dava apoio, porque os patrão, de primeiro, até hoje, os patrão só qué venha nós, o vosso reino nada, então, por isso que o pessoal onde veio se batê prá vim morá na favela.

Agora, mora na favela, porque prá pagá aluguel ninguém mais tem condição de pagá aluguel.

Chega aqui na favela, pensa que vai tê melhoria, no fim, o poder público num ajuda e a gente precisa tempo prá vê se melhora a situação do pessoal e fica cada vez mais pior, a mingrância é demais, né.

Marcelo:

Então, quer dizer que a senhora foi uma das primeiras a morar aqui?

D. Ilza:

Que veio do Norte a primeira fui eu e tinha cinco barraco, tinha pessoa que veio de Minas outros paranaense, né, uns pernambucanos, só sei que de 5, cada região, cada estado tinha um, e eu quando cheguei foi seis barraco. E aí, quando eu cheguei praqui, tinha um fiscal da prefeitura por nome Adolfo, modos que meu marido fez esse cômodo aí.

Aí, depois o Adolfo pegou e falou assim:

" - Aqui não é pra fazer barraco, se a senhora num mandá seu marido tirá isso aí, eu vô mandá tacá fogo. Aí, eu fui na Prefeitura, num tinha muito conhecimento, procurá se tinha lei prá tacá fogo no barraco, né. Aí peguei o documento, num tinha mais dúvida e joguei na cara dele, que nós ía morá no barraco, mais nós num era bandido, meu marido era trabalhador e nós não podia pagá aluguel porque onze filho num era brincadeira prá dá conta de tudo, então, aonde nós viemo pará aqui na favela e ainda aguentá desaforo e exigência da própria pessoa da Prefeitura.

Hoje em dia, até o pessoal da Prefeitura, assistência social, o fiscal, melhorô. Não são mais aqueles assim, estupro que eles era, né? Inté eles tão mais educação, não sei se é porque eles lê demais estudo, estuda com orientações, melhorô bastante.

Antes eles era completamente um animal, era bruto. Daí eu respondi prá ele, peguei o documento, joguei na cara dele e daqui eu num vô saí, se quisé, bota fogo, bota. Porque nós temo barraco aí, e que podia botá fogo no nosso barraco e aí a única coisa que joguei na cara dele foi o documento do meu mari-

do, expliquei prá ele que ele era trabalhador e que não podia pagá aluguel, então é por isso que a gente veio se bate por aqui.

Marcelo: Me diz uma coisa, D. Ilza.

Como era lá em Barreras? Como era as festas lá? O que vocês gostavam de lá? Como era a vida lá em Barreras?

D. Ilza: Lá em Barreras, naquela época, eu me criei lá na Bahia, mais a educação, antigamente, era outra, né. A gente tinha aquele costume de sê muito devoto.

Meu pai era festejadô de Divino Espírito Santo, de São Pedro, então nós sempre era devoto, né. Só ali nós tinha, dançava, muito baile, era samba, né. Mas o samba que existe aqui é samba de, de... né, e nós lá era samba de tambor, sabe.

Lá na Bahia então, nós fazia festa e fazia o baile separado do pessoal que gostava de sanfona. Mais a gente fazia aquelas festas e todo mundo brincava, dançava, e não tinha bagunça nenhuma.

Hoje em dia a gente não pode tê nem a alegria, igual a gente tinha lá, né. A gente tinha a educação meio diferente, num é que nem essa outra juventude hoje em dia.

Todo mundo chegava prá festas, no começo, a gente rezava o terço, daí depois que terminava tudo distribuía aquelas coisas de comida pro pessoal, porque tava acostumado matá vaca, essas coisas, prá dá pro pessoal come, né. Depois que acabava tudo, a gente ia fazê a festa, fazia samba, ele gostava de samba, não gostava de baile, agora quem gostava de

baile, fazia um barraco separado pro pessoal dançar sanfona, então ele era igual eu, ele queria satisfazer todo mundo, ele num queria dexar ninguém descontente com ele, sabe.

Marcelo: Como que é samba de tambor, como que é isso?

D. Ilza: Samba de tambor é igual assim, eu num sei se cê conhece, aqui em Campinas eu num sei se o pessoal entende São Gonçalo, aquele que tem aquela dança que vai trocando os casal, cê tá aqui, daqui cê passa prá li, aquele passa pra cá, com esse casal, chama São Gonçalo, né.

Festa de São Gonçalo, né, é tudo diferente, agora aqueles reis, aqueles sambistas, cantam aquelas músicas, bate aqueles tambor, uma viola, um violão e um bandolim e o maracachá e aí, agora vamo todo mundo, as muié canta, tira a décima do samba, e aí vamo cantá, e sambá. Samba é sambão, é um garrando o outro, assim, rodando, sabe, é muito bonito, porque aqui eles num usa.

Marcelo: Tinha forró também, lá?

D. Ilza: Tinha, sim.

Tinha forró de sanfona, porque num usava sanfonato naquela época, era sanfona e já tinha o tocado prá gente, já próprio prá tocar na festa da gente, porque nortista cê já sabe, né, pro lado da sanfona vô falá, é bom no dedo mesmo.

Marcelo: E me diz uma coisa: Essas festas aconteciam assim, nos festejos com santos ou aconteciam assim, sem mais nem menos?

D. Ilza: Não, a gente lá costuma assim, por exemplo, fazê em festejo de santo, e fazê também fora, que não é festejo, assim por exemplo, num casamento, né.

Num casamento fazê aquelas festona, vamo supor que o noivo casa sábado, desde de quinta-feira nós já começa já dançá porque os pais têm o maior prazer de fazê o casamento. Antigamente, hoje em dia já mudou tudo, sabe, mas é pessoal tudo unido, era co mo irmão, um ajudando o outro, alí ninguém ficava parado. É, era uns fazeno barraca, outros fazeno comida, outros fazeno bolo, e assim eu sei que era a coisa mais bonita.

Hoje em dia, a gente vê até união num tá tendo hoje em dia, muito diferente de que antigamente.

Marcelo: E me diga uma coisa: Além de festas assim, tinha procissão também?

D. Ilza: Tinha.

Tinha procissão, é por isso que cê viu que eu puis São Sebastião aí no barracão, e eu, como sô muito devota, é, do Senhor do Bomfim que é minha padroeira da Bahia, então eu acostumo fazê a procissão igual nós fazemo na Bahia, sabe, mais num sai nunca como eu queria.

Eu queria assim, sabe, lá na Bahia nós tem os músico que acompanha, aqui acompanha, mais nunca foi assim, que lá era sanfona, violão, viola, era tudo. Então vem prá cá já tem aquelas pessoas já escolhida prá cantá na hora da procissão, toca aquelas música, é, aquelas que a gente chama lenta, aqui chama lenta, né, assim, compassada como a gente chama

na Bahia, e acompanha a procissão leva, naquele local que a gente vai levá e assim tudo desse jeito, o pessoal unido, a gente costuma fazê assim.

Do jeito que eu fiz aqui, eu fazia na Bahia.

Eu queria acompanhá mais acontece que o pessoal aqui, num tem a prática que eu tenho. Agora, se eu tivesse assim na Bahia, que nem se eu tivesse o meno cinco pessoas da minha terra aqui, nós tinha feito uma coisa mais bonita porque aí todo mundo já era acostumado, já conhecia o trabalho, um já conhecia o trabalho do outro, hii, aí ia sê bem melhor, mais eu vi que não foi muito bom porque até as crianças não teve um ponto assim de educação, de vim acompanhando devagarinho conforme aquela música que eles tinha que acompanhá direitinho. Eu queria que fosse assim, mais infelizmente não deu prá fazê do jeito que eu queria, fez mais é o jeito do povo é muito diferente.

Marcelo: As moças, os homens, eles jogavam alguma coisa, tinha jogos lá? As crianças, o que as crianças tocavam.

D. Ilza: Não, as crianças lá na fazenda brincava com boneca, boneca de pano que a gente fazia aquelas bonecas de pano. Os moleque brincava com cavalo de pau, né, num tinha aquele apoio que tem aqui, porque lá mesmo na fazenda a gente num tem o que aqui na cidade tem, né, muitas coisas modernas a gente num tem. Agora eu costumô dizê, quem num tem cachorro caça com gato, né, então eles num tinha as coisas de que melhorá a situação deles, então eles brincavam com aquilo que

já conhecia, né. Brincava com sabugo de milho, eles brincava de pula corda, já conhecia, eles brincava de fazê roda, lê poesia, essas coisas, né, então isso eles já são acostumado com isso de brincá de escondê, né, então tudo já é acostumada aquelas criança da roça que veio da Bahia, porque nós morava num era no sítio, nós morava na roça.

Marcelo: A senhora falou que se tivesse mais gente lá da sua terra talvez fosse melhor, porque todo mundo já conhecia, mais as pessoas que vieram do outro lugar não têm mais outra espécie de habilidade?

D. Ilza: Mais acontece que o ritmo de uma cidade é um, de outra é outro, por exemplo: os canto de Reis aqui de Campinas é diferente do nosso na Bahia, então prá mim é assim, a gente vai, mais num é que nem a gente lá sabe, porque se ocê for na Bahia e cê vê um canto de Reis, um canto de Divino Espírito Santo, cê chora, porque tem pessoa especialista "praquilo".

É o caso de eu falá assim, talvez seja um lugar por exemplo, na Bahia uns fala uma palavra, aqui nós fala outra, né, os de Pernambuco fala uma palavra porque a língua baiana fala mais aberta e a língua pernambucana fala bem arrastada, né, então é tudo diferente, por isso que a gente fala assim. Cada lugar, cada rosca tem seu uso, rosca tem seu para fuso, é o dizer mais certo que tem, né.

Porque cada lugar é diferente, nunca dá certo assim, quando é do mesmo lugar, então tem aquela metade trabalha, então já começa tudo assim certo.

Marcelo: A senhora acha que aqui, por exemplo, a senhora já mora aqui a 15 anos, tem gente que mora há 10, que mora há 1 ano. Aqui na favela será que já começa a ter um pouco de costumes iguais que nem vocês tinham lá, já começam a ter algumas coisas que funcionam, que está com desunião?

D. Ilza: Bom, tem muitas coisas que a gente tá assim por exemplo, agora eu aqui na favela, eu tô tentando assim, vê se o pessoal pega algumas coisa diferente, né, mais nunca assim igual é meio difícil. Porque tem um pai, eu sô a mãe, vamo fazê uma comparação, vamo supor, você é um pai, eu crio o meu filho dum jeito diferente, você cria de outro jeito, e assim a mesma coisa é o pessoal, o povo.

O povo, prá você, podê levá ele tudo assim certinho, é muito difícil, né, porque cada um tem uma língua, cada um fala diferente, é isso que num tem condição.

Marcelo: Me diz uma coisa, D. Ilza: Mas pelo menos alguma coisa já tem. Como é que surgiu a associação, ela tá unindo mesmo o pessoal, ou só um pouco?

D. Ilza: Bom, olha, a gente tá vendo assim, porque você sabe, mias é partido político, né, então a gente tá vendo que uma parte do pessoal mais unido acredita na diretoria, acredita na própria associação, mais tem outra parte que a gente vê que o pessoal num é muito instruído, eu num sei se é porque, se é falta de orientação, né, ou é falta porque num tem psicologia na cabeça prá podê agravá, igual a eu também, agravei muita coisa na cabeça que até hoje nunca esqueci ou é porque a pessoa não tá fazeno conta

né. Então a associação começô assim: eu comecei a conversá com o povo, eu comecei a falá com o povo que existia uma lei que o Chico Amaral tinha assinado prá o pessoal quem mora na favela tivesse direito à posse da terra, daí eles falaram assim: - Que na - daí Isso aí é terra do Estado, ninguém num manda. Daí eu falei: - Gente, vamo uni, vamo uni que a gente vai tê o direito, aí foi indo, foi indo, até eu comecei a fazê reunião com duas, três pessoas, e foi aumentando, aumentando, até hoje já tô com seiscentas e poucas pessoas já unido né. Mais tem uns que acreditam, mais no mesmo tempo que acreditam, no mesmo tempo não acreditam naquilo que a gente fala, né, então, por isso que eu fico senhora meia revoltada com o poder público, porque eles me deixam como mentirosa, sabe, porque aquilo que eu quero fazê pro povo num chega assim fazê igual eu quero.

Porque eu queria que eles me desse um apoio, me desse uma força, porque quando eu falasse com o pessoal na reunião, já logo eu tinha que tê tudo aqui lo já arrumado pro pessoal vê que tá aparecendo serviço, né. É isso que deixa o pessoal desacreditado, é a palavra minha, o pessoal acredita ne mim, mais no mesmo instante, eles não vão acreditá mais porque eu tô, eu fico acreditando no poder e depois o poder não me dá apoio e eu fico desapojada na favela.

E como é que eu vô fazê uma coisa sozinha, num possô fazê, porque o que depende de mim é a minha boa vontade, a minha experiência, eu lutá com o povo, mais eu preciso também de apoio do poder público, de dá assim, máquina, caminhão, o que eu precisá

tudo essas coisa de melhoramento dentro da favela . Eu preciso de apoio do poder público, no fim, é aqui lo que eu num tô tendo e eu fico assim passando como mentirosa porque eles tão lá na prefeitura, eles num tão recebendo agressão, quem tá recebendo toda agressão é eu que tô na favela, por isso que eu fico revoltada com o próprio poder público, porque eu acho que é, gera parte política, porque eles começa melhorar uma favela e deixa as outras pro lado. Eu acho que tinha que sê assim: se em 84 se uma eles já deram um tipo de moradia, então vamo trabalhá prá dá pras 83, então eu queria que fosse assim, mais não fazê pra umas e outras ficá esquecida. Porque o meu trabalho, o meu papel aqui dentro da favela é de trabalhá com todo mundo, é com todo mundo o trabalho que tem que sê feito, num é só com uma pessoa e os outros fica esquecido, não. Eu quero fazê prá todo mundo prá grande e pequeno, crianças e adulto, quero fazê prá todo mundo, o meu papel aqui dentro da favela é isso.

Marcelo: Essa associação, ela surgiu quando, D. Ilza?

D. Ilza: É do dia 8 de setembro de 81 que foi registrado, sabe, e aí eu venho vindo, O pessoal tem a carteirinha de sócio, prá tê o direito do terreno; o pessoal paga uma micharia, é da sociedade prá me ajudá, prá pagá a conta da água, da luz, da CEC, que é um centro comunitário, me ajuda assim a pagá passa - ge, é isso aí, é o único dinheiro que eu pego, porque eu trabalho gratuito é só desse do pessoal que é da própria sociedade, né.

Marcelo: Então, esse plano de urbanização, então tá parado?

D. Ilza: Tá parado porque eles já tão com todo projeto na prefeitura e por enquanto um do projeto prá liberação de solução que tá aprovado lá no São Quirino, né.

Aqui no Nogueira, que é onde eu moro, que espero que seja aprovado ou enquanto não tem solução nenhuma, eu tô esperando, agora quando foi antes de ontem, parece que foi dia 16 ou foi no dia 17, eu recebi um protocolo que eu entrei na prefeitura dia 3, dia 02/03/84, pedi tubulação praqui, pra rua Dom Gomes e quando foi antes de ontem acho que no dia 17, chegou o protocolo de volta e dizendo prá mim, assim, dando todo o total que tinha gastado, que ia gastar que ficava muito caro, sabe, e não ia tê condição de fazê a obra então queria que eu assinasse, eu falei, não vô assiná, não vou assina porque tem mais de ano que tem esse protocolo lá, esse ofício lá, e eu preciso de tá organizado a área, prá modo, o pessoal já tão loteado, pro pessoal construí, porque se não num vai tê condição. Então, se agora eu marcá uma reunião pro dia 25 agora, quarta-feira, 16 horas agora com o Seu Darci, então eu vô vê, vô vê o que é que eles vão me respondê, se eles me respondê bem, tudo bem, se me respondê mal, eu vô pô na cabeça do povo que agora nós mesmo vamo construir, porque já tá medido porque acho que esperá por prefeitura, acho que num resolve nada.

Marcelo: Construir o que?

D. Ilza: As casa, as casinha aqui na Rua Gomes Mila

no.

Marcelo: Essas casinhas vão ser o que? Prás pessoas saírem dos barracos e ir prá lá?

D. Ilza: Porque o barraco, o pessoal tem que desmanchá aquele barraco, e transformá em casa de alvenaria, né. Porque nós num qué que fique favela, nós qué que se transforme num bairro, porque acho que , por causa de muito proprietário tá contra aqui, porque tem favela, então como eles tão com a parte política, então parece que eles qué dá mais apoio ao proprietário que nós favelado, então a gente vai vê no dia 25, o que é que eles vão respondê prá nós , porque que eu tô revoltada eu tô.

Porque se for prá eu trabalhá na favela , sem autoridade, sem eu tê apoio dentro da favela, eu não vô ficá mais me embagaçando, porque essa obrigação nenhuma eu tenho, porque essa obrigação é deles fazê, é deles ajudá, ficá junto comigo na favela nem é eu sozinha, porque eu num ganho salário nenhum, que é a obrigação da prefeitura fazê e eu tô fazendo até demais.

Que nem quando foi o meu trato com o engenheiro com Dr. Darci, a modo eu acompanhá o serviço, tem que sê junto a prefeitura e a associação, a diretoria, não eu sozinha, prá fazê as coisas.

Marcelo: Esse doutor Darci é o da secretaria?

D. Ilza: É da Promoção Social, e tem o Joãozinho Guedes, que é o coordenador de toda regional de Campinas e tem Seu Ivo, que é administrador aqui da regional três e tem o engenheiro da COA, e o engenei-

ro da COAB, que é o Antônio Pablo também.

Então é eles aí, que acho que eles tão pensando que a gente vamo amolecê, vamo dexá a frio, as sim barato prá eles, podê tomá conta e depois entregá pro proprietário, nem eles pensa, porque nós não vamo abri a mão, agora que nós vamo entrá feio mesmo, nós num vamo aceitá.

Marcelo: Como que a senhora falô, quando a senhora tava falando da associação : agora há pouco, a senhora colocou que . . . partido político, como que é isso?

D. Ilza: Partido político, é porque eu trabalhava com funcionário público, né, do Partido dos Trabalhadores, né, e tem muitas pessoas que é do Partido do P. M.D.B., então parece que era assim, quando eu trabalhava com assembléia do povo, eles num me dava muito apoio não, agora eles tão me ajudando um poquinho , mais num é muito apoio porque eu quero que saia o negócio, eu quero vê o serviço parecê.

Marcelo: A senhora tá no P.M.D.B.?

D. Ilza: Eu tô sim acompanhando, mais num tô filiada a nenhum partido, porque eu já falo na certeza , meu partido é aquele que me ajuda; se não me ajudá, eu num voto prá ninguém, eu vô sê desse jeito. Porque num adianta eu ficá dizendo assim: eu sô dum partido, daí num vem nenhum me ajudá, eu gosto de que a pessoa seja sincero, chega e fala: D. Ilza, eu quero fazê assim, assim, aí tudo bem, mais não saí lançando seu nome que eu caio fora na hora.

Marcelo: Mas a senhora chegou a ser do P.T. antes

ou não?

D. Ilza: Não, eu num cheguei a filiá, eu cheguei a acumpanhá, né. Cheguei acumpanhá o pesseal, mais tudo é partido político. Quando era o pessoal do P.T., que ia lá pedí alguma coisa, nada saía. Aí, depois tava vendo que tava negócio de agressão, prá mim tava sendo na favela, né, demais. O pessoal: Cadê D. Ilza? Cade? Num sai nada, são só sem vergonha, num sai nada.

Eu peguei, foi quando eu passei direto pra Prefeitura prá vê se saía alguma coisa, mais tá do mesmo jeito, né.

Marcelo: No fundo, não vai sair nem de um jeito nem do outro!

D. Ilza: Acho que tem que sentá em todas as mesas, porque jeito nenhum, porque é o prédio 20 que mais corre aqui, num é eu me aliviá, eu me gabá, mais é a presidente que mais corre, que mais fuça dentro da Prefeitura, é eu, taí o povo que não me dixa menti, eu ando, eu num fico parada.

Marcelo: Mas nesse tempo todo já teve alguma melhoria, D. Ilza?

D. Ilza: Bom, a única coisa que teve, a ponte que teve aqui. Uma pontinha aí, e teve bastante engenheiro medindo prá nós, media mais eles nunca aprovava nada, né. Então, o pessoal fez umas casinha aqui, em baixo duns tijolo, a casa de alvenaria.

Ele falô que não vai aprová porque entrô água pela valeta, então, prá você vê que nem se vê como é que vai fazê isso aí.

Marcelo: E água, luz, sempre teve?

D. Ilza: A água e a luz, eu mesmo tô com dezesseis anos que moro aqui, eu tenho luz que vem de outra rua. Aqui nunca passô a luz na Aluizio de Gusmão de jeito nenhum.

A água eu tenho, porque eu, quando cheguei praqui eu se bati, se bati, até fui na produção, arrumei a água daqui, taí até hoje, né.

Marcelo: E as casas todas da favela aqui, têm água ou não?

D. Ilza: Tem, tem água mais é assim: é um relaxo, pra cinco, dez pessoas.

Marcelo: E a luz, todo mundo tem luz ou não?

D. Ilza: Uns tem, outros não.

Marcelo: É um relógio para cada um?

D. Ilza: Agora, depois que teve esse projeto de urbanização é que tá sendo um relógio para cada um, né.

Mais antigamente, eu mesmo fiquei com um relógio com 36 pessoas, relógio 110.

Marcelo: Prá conseguir essas coisas, já houve rei - vindicação do povo, abaixo assinado?

D. Ilza: Abaixo assinado, eu vô falá pro cê, Marcelo, não tem mais, porque se abaixo assinado valê eu vou fala pro cê, eu tenho mais que 50 abaixo assinado na Prefeitura, é rede de luz praqui mesmo, é rede de água, é de esgoto, é de tudo, sabe, eu tenho pedido. É, tudo que eu penso assim é medico aí pro posto, o que eu penso na minha cabeça de fazê eu vô e faço, mais é difícil resolvê, sabe!

Marcelo: E passeata, tem também ou não?

D. Ilza: Não tem passeata mais não assim, minha.

Mais outro tem feito passeata, agora tem ido lá, prá fazê pressão.

Marcelo: E resolve isso ou não?

D. Ilza: Mais ou menos, né.

Mais tem ido com bastante gente indo lá fazer pressão na Prefeitura, né.

Marcelo: Estava até engraçado, eu estava lendo uns documentos lá na Prefeitura de manhã e estava falando lá que tinha posto de saúde aqui na Vila Nogueira, mas o que adianta posto de saúde sem médico.

D. Ilza: Não tem médico, médico num tem porque eu tinha um médico aí ele era voluntário, ele era de Andrade, então ele ficou um ano e seis meses comigo, gratuito, né. Depois ele precisou ir embora pra casa do pai dele, o pai dele ficou doente, doente do pulmão, então ele foi embora, e desde esses tempo pra cá, faz mais de ano que eu entrei com ofício pedindo um médico e nunca apareceu esse médico. Agora esses mês passado eu mandei um ofício pra câmara dos vereadores pedindo que o Dr. Carlos Cruz, que é o presidente pra vê se ele conseguiu arrumar um médico pra colocar aí, porque 96 crianças precisa de pelo menos um médico, né?

A criança machuca, a mãe então precisa correr, corre pro marido dela, que nem carro num tem, até isso.

A gente podia ter um carro aqui no núcleo

prá dá atendimento prá essas crianças, pois já que num tem um médico aqui, né.

Porque que nem outro dia, uma criança rachô a cabeça, precisô levá lá no Mário .

Marcelo: D. Ilza, as crianças gostam de morar aqui?

D. Ilza: A criança, coitada né, é o jeito, porque num tem onde vai, né.

Mais as criança achô bastante bom que truxesse o núcleo praí, né, porque eles tá tendo muito divertimento, que nem isso eles tinha, porque você sabe, Marcelo, o pessoal da favela é completamente esquecido pela as pessoas de classe, né. Eles não dava muito valor na gente, né, então depois que chegou esse pessoal da comunidade, começô andá na favela, começô a tê presidente que nem eu aqui, o pessoal tomô conhecimento comigo, e agora que veio melhorá, né.

Mais aqui era um gato cru, um lugar que você vê que é tão cru que aqui não existe imposto, não existe ponto de táxi, não vem policial, num vem nada. Aqui é assim, um lugar, num sabe, parece que Deus nem aqui num anda. Deus me perdoe, viu.

Porque tudo aqui é difícil aqui.

Marcelo: Mas a associação, ela tem unido as pessoas, tem melhorado?

D. Ilza: Tem, depois que nós tem a associação, a diretoria, melhorô bastante pro pessoal, porque o pessoal num sabia, o pessoal sentava e cruzava os braço e pensava assim:

Eu vô sentá e cruzá os braço e esperá que

da Prefeitura que vem tudo. Mais dexa está, mais des de que começa a pensá na cabeça que esperá pela Prefeitura é bestage, porque ele nunca dá nada prá gente.

Marcelo: Dona Ilza, e a festa da Primavera, foi a primeira vez que teve, foi parecida com a da sua terra, como que é ?

D. Ilza: É, não, escute aqui.

A festa da Primavera, essa foi a segunda que foi feita, mais eu já tinha feito outras festas, tinha feito festa de São João, já fiz de São Pedro , né.

Ih, a da Primavera fiz o ano passado e este ano e é assim.

Eu tô querendo pretendê às reis assim, uni o pessoal prá vê se dá mais apoio prá mim, prá gente fazê mais festa prá podê arrecadá fundo prá nós construí a nossa creche, né.

Porque que é isso que nós tamo precisando aqui, tamo precisando tê um local com pra pô as criança, que nós não tamo bem, tamo dando aula aqui no barracão, então eu tô lutano e brigando na Prefeitura prá vê se eu consigo fazê mais uma sala prá as criança ficá mais à vontade.

Porque as criança fica muito apertada, outra, que eu tô com bastante mãe que tão pedindo vaga e eu não pude abri uma vaga prá as criança porque não tem local onde pôr as crianças.

E eu gosto de fazê assim as festinha, gosto de fazê alguma coisa prá animá o povo; porque o

povo não tinha nada disso aqui, sabe. Aqui era um lugar que o pessoal não tinha assim um vestimento, hoje em dia, ele já tem.

Marcelo: E estas festas são um pouco parecidas com as festas lá da sua terra?

D. Ilza: É parecida, sabe, mais o menos porque do jeito que eu organizo minha festa tem que sê do jeito que eu quero, então uns que o pessoal começa a dançá, eu explico como é que tem que sê. Eu falo pro pessoal: aió gente, seis vão dançá mais eu num quero sabê de bagunça, eu fiz a festa prá vocês, eu quero que todo mundo me ajude, que eu tô fazeno as coisas prá vocês, então prá vocês não precisá comprá, quero que vocês tenha tudo livre, e essa festa que nós tamo fazeno é porque vocês num tem vestimento nenhum. Então nós tamo fazendo prá ajudá voceis, então tudo mundo ajuda numa boa, que nem agora na festa da Primavera e o pessoal dança, teve uma confusãozinha, mais pouca coisa também e dançaro até sete e meia da manhã do domingo.

É isso. Daí botemo um forró aí, daí fumo dançá, daí fomo até amanhecê, até sete e meia tinha gente aí e só cabô porque a gente num tava mais aguentano com as perna doeno, daí eu peguei e mandei pará.

Marcelo: Me diz uma coisa: o núcleo tem quanto tempo de funcionamento?

D. Ilza: Um ano, um ano e pouco, fez um ano dia 13 de agosto.

Marcelo: E aí a Prefeitura entrou com o que, e vocês entraram com quê?

D. Ilza:

Eu comecei assim, sabe, com um pessoal da Prefeitura e eu pedi a doação pros moradores, sabe, pro pessoal dos bairros, e comecei pedi doação, começo dá, então, depois a Prefeitura foi ajudando com recurso dela mesmo, assim como comida, alimento, essas coisas a Prefeitura foi mandando, daí foi melhorando, né.

E aí eu peguei, fiz essa cozinha aí no fundo com dificuldade, fiz a cozinha, a Prefeitura também ajudô um pouco com material também, mais um pouco também veio da associação, do interesse da diretoria e nós construímo, o próprio povo construiu, e tá aí que nem você tá vendo, aí nós já tamo cozinheiro, né.

E o Joãozinho, eu tô falando da Prefeitura mais tem que separar aquelas pessoas que apoiô eu, que nem o Humberto, que é coordenador da regional, ele me apoiô bastante, porque aquele ali mal posso falar dele, porque o que ele pôde me ajudá ele ajudô.

O Humberto, porque é o coordenador de toda regional de Campinas, ele me ajudô, esse num vô falar mais o resto eu vô falar, só conversa, papo furado e mais nada.

Marcelo:

E o povo daqui da favela, está gostando desse projeto já do grupo? E a senhora, está gostando?

D. Ilza:

Tá eu tô gostando. Eu tô gostando pelo seguinte, porque tirô essas crianças.

Porque é meu trabalho, porque o que eu sempre queria é sabê que o grupo, porque eu acho ridin-

culo um pai de família tê um filho e botá na rua prá pedi.

E aí quando montô isso aqui, a gente tirô as crianças da rua. Que nem um dia recebemo reclamação que um proprietário fez, que acho que ele tava assim injuado das crianças que ficava amolano.

Então, desde que nós abrimo o núcleo, né, as criança num saiu mais, melhorô bastante depois que abriu o núcleo aí, o povo tá gostano demais.

Marcelo: Como que é aquela história da festa da Primavera que teve aí dos Santos de São Sebastião? Porque foi São Sebastião o escolhido?

D. Ilza: É então São Sebastião.

Eu fiz uma reunião com o povo católico, né, aí a gente como eu tinha aquelas num sei se era em - pressão, eu devido à minha vida que foi muito assim, meu pai colocava muita coisa na cabeça da gente, assim, a respeito de religião, então eu passei explicá prá gente assim: que a gente tinha que pô na cabeça, que São Sebastião lá chamava Matriz São Sebastião , né, que ele é protetor das pessoas, assim com doença né, ele livra da fome, da peste e da guerra, né.

A fome é aquela estia que a gente num come. A guerra é as briga, né, o pessoal brigano, né fazeno greve.

E as peste é as doenças, né, que nem os médicos num tão entendendo mais as doenças que tão apareceno, né.

Então, é por isso que a gente pois ele como

Protetor lá do barracão da séde prá pudê, pro pessoal tê aquilo como devoção como espelho, sabe. Então, agora eu tô treinando as criancinhas quando eu tô ficando aí eu tô explicando prá crianças qual o motivo de tê posto aquele santo ali, prá nunca faltá o pão de cada dia dentro da séde prá eles cumê, porque a gente tá pondo na cabeça do poder público prá dá mais força prá eles, porque senão as criança da fi ca sem apoio, então eu falei prá criança vocês vão rezá todo dia aqui, e pedi a São Sebastião prá livrá voceis da peste, da fome, da guerra, prá num faltá nada aqui dentro da séde, e foi aí que eu peguei e procure o santuário como protetor e isso vem de muitos antigos, muito tempo, sabe.

Marcelo: Certo. E aí o povo escolheu e gostou, né?
E as outras religiões?
Porque na associação tem outras religiões, não tem?

D. Ilza: Tem. Tem. pessoas que é crente, né, mais não eles num liga, num tem aquela diferença. Por exemplo, tem o Seu Jairo, que é o vice-presidente, ele é crente, mais ele num liga, o que quero fazê junto com o povo que é católico ele também num disfaz. A gente tem trabalhado de corpo unido, né, trabalho de corpo unido, então a gente num podemo bagunçá, a própria diretoria tem que nascê a união dentro da diretoria, né.

Marcelo: E aí Seu Bastiãozinho, tô aqui gravando, b^a tendo um papo com a Dona Ilza, sabendo umas coisas com ela, mas e aí? Você quer falar alguma coisa com ela, rápido, ou o quê? Se tem venha, porque eu vou

conversar mais tempo com ela aqui.

Seu Bastiãozinho:

... (incompreensível) ...

Protegido por nós, pela humanidade, né, mais tem as vezes algum previstinho, mais sempre nós temo lutano ao lado da humanidade e da autoridade, prá arrumá, né, mais.

Marcelo: Então, quer dizer que não tem briga de religião e tudo funciona bem, né?

D. Ilza: Agora, noa outra administração, que era outra diretoria, toda vida foi eu, né, mais que nem a gente tava explicando prá você, por partido político tinha o Seu Sebastião, que era tesoureiro meu, que de vez em quando começo a associação ele era crente, também da assembléia né, mais ele também tinha uma separação que eu também não gostava, nós dois não caminhava muito, porque ele tinha separação e eu num tinha separação, prá mim todas as religiões são de Deus, que se a pessoa falá o nome de Deus prá mim eu já fico muito feliz, mais eu num gosto que a pessoa diga prá mim, eu num gosto de você, Marcelo, porque você é católico, num gosto de fulano porque fulano é crente, não!

Eu gosto, que gostam de todo mundo, minha criação foi assim, meu pai me criou, me orientô prá num tê diferença de religião de humanidade, nós podia sê rico, mais o sangue e o espírito é num sózinho, então, nisso eu me criei e eu tô nisso até hoje.

Então eu não gosto, fico até doente, quando as pessoas vêm prá falá prá mim, aqui no barracão não é o lugar de reza, aqui católico num pode rezá, crente num pode ficá, então já aquilo comigo ele num dava certo, porque eu gosto de apoiá todo mundo, gosto de apoiá a religião e gosto de apoiá o povo também.

Marcelo: Prá senhora, todo mundo pode rezar o que quiser, e ele queria que ninguém rezasse, né?

D. Ilza: Eu não ligo, eu não tenho diferença de uma coisa com outra, e ele não queria que ninguém rezasse, que outra religião misturasse com ele, comigo ele nunca falô nada, porque ele sabia que o que eu tinha que falá, eu num falava escondido, né, porque às vezes eu falava: Eu num gosto de atitude seu porque você é meio diferente de mim, já sujaro meu nome.

Desde que trabalha comigo ele nunca: D. Ilza, a senhora é isso, a senhora num tá certa, porque essa proposta de religião ele falava prá mim: O seguinte é esse, dona Zilda, se a pessoa chega e fala o nome de Deus prá mim, tudo bem, né.

Marcelo: E se a senhora tivesse perdido, a senhora taria trabalhando junto com ele?

D. Ilza: Eu taria trabalhando junto com ele a mesma coisa, sabe, porque eu num tenho esse negócio de ser diferente. Quando foi prá montá a escolinha, ele saiu daí falando que não aceitava, que não concordava, daí eu fiz um abaixo assinado com 400 e poucas assinaturas e na Prefeitura todo mundo concorda, todas as mães concordô de tê a escolinha aí e cabô.

Ele tinha uma política sabe, e política de le nunca acabava, sabe, então eu já num gosto muito de política, gosto de fazê as coisa muito certa, a gente tem a hora de fazê política. Mais também, até o que ocê tá fazeno, tá fazeno política, né? Mais tem também o momento de falá e não agrava ninguém , né?

Marcelo: Tem outra associação aí ?

D. Ilza: Não, ele perdeu que é a associação que trabalha comigo mais ele continuava pondo sempre o pessoal contra a gente, que é essa nova diretoria que ganhô, sabe.

Marcelo: Mudando de assunto, aqui na favela tem muitas casas que têm televisão, as crianças vêem muita televisão? Como que é?

D. Ilza: Tem. Antigamente, o pessoal num tinha, mas hoje em dia quase pôde generalizá, sabe, algumas pessoas bem pobrezinha demais que num tem sabe, mais a maior parte tem televisão.

Marcelo: E o pessoal vê muito, vê pouco?

D. Ilza: É, agora eu gosto que nem eu falei pro pessoal, gostaria muito que o pessoal e a criançada escutasse assim o jornal prá aprendê assim as coisas , vê como é a política, como é o movimento da vida da gente, né. Eu sempre falo aqui pros meus meninos , ocois têm que assisti jornal prá aprendê, cada dia no jornal sai uma coisa, né, vê prá vocês aprendê , né, mais é meio difícil controlá o pessoal prá fazê isso, né. A maioria do pessoal vai assisti novela na televisão, né, eu num gosto muito de novela, eu gos-

to de repórte, assim, prá aprendê alguma coisa, né.

Marcelo: E a criançada, vê muita televisão aí ou não?

D. Ilza: Vê, vê, mais tem muitas que ligam, outros não, né. Então eu acho que se todo mundo fosse unin-do, né, aí era bem melhor, mais é uns, outro não, acho que isso tem que saí da própria casa, do próprio pai ou a mãe ir orientando os filhos, né.

Marcelo: D. Ilza, me diz uma coisa: o que é educa-ção?

D. Ilza: Educação, na minha cabeça, educação. Tem bastante educação, tem educação de nascida de Deus de nascimento, tem educação que eu acho que a pessoa já nasce com ela, né.

Porque tem pessoa que diz assim: Ah, eu num sô mais educado porque eu num estudei, mais isso aí é bobage. Eu não me ponho isso aí na cabeça por-que eu tenho pouco estudo, só tenho até quinta série antiga, mais eu não me importo de num ter feito giná-sio, porque não sei respondê prá pessoa, não.

Porque eu tenho filho de bastante natureza né, tenho uns mal educado, que nem as meninas não são mal educada, os moleque já são estúpido, assim marcriado. Eu acho que é a natureza da pessoa, a edu-cação tem na pessoa, tem educação pelo estudo e a e-ducação de Deus, né, que a pessoa tem aquele dom des-de criancinha num precisa estudo, né?

Porque tem pessoa que tem estudo formidá-vel e é mal educação.

Marcelo: E essa educação que tem na escola, ela é boa, ela serve prá alguma coisa?

D. Ilza: Ela serve, sim, porque na classe ela recebe bastante orientação, porque na escola a pessoa lê muito prá valê, a pessoa num tem assim, num sabe nem falá assim, já aprende na escola e aí vai indo devagarzinho, então é por isso que a gente tem que pô na cabeça do povo que educação num é só estudo, num é só lê, educação na escola tem que aprendê, lê aprendê conversá, aprendê contá, assim aprendê tudo né.

Marcelo: Que correria, né? Sai daqui prá lá e vai lá, tem que atendê telefone.

D. Ilzã: Atendê o povo é um negócio meio difícil, é preciso paciência, é por isso que prá trabalhá com o povo precisa gostá, sabe, que nem no caso aqui, tem vindo muitas pessoas estudantes trabalhá comigo aqui e no fim tem as veis 30, 20, 15 aí some, porque num é todo mundo que gñenta o serviço aqui, não sabe, num é muito fácil, não é fácil de jeito nenhum.

Vem muito estagiário tá? Sabe, depois some de novo, né. A gente vai trabalhá com a senhora, eu fico muito alegre, muito animada, porque tenho mais uma força do meu lado, mais depois some de novo. Porque prá trabalhá aqui que nem trabalho, que nem eu tô trabalhando precisa ter corage e ter fé, né, porque num é fácil, não. Precisa de educação, também, educação de moral com o pessoal, porque prá trabalhá com o povo precisa sê uma pessoa assim, tratá os outros como seres humanos, não como animal, né.

A gente assim trata o pessoal com jeito, por que o pessoal já véve maguado, já véve ferido com tanta promessa, com tanta coisa, né.

No fundo, no fundo, por exemplo, que nem eu, se eu num subé trabalhá com o povo, o próprio povo pode me tacá daqui prá fora, né, porque se eu num subesse trabalhá com o povo com carinho. Porque aqui o povo sempre me apoiô, se num lidá que nem com amor o pessoal então num tem condição então, precisa tê paciência. Precisa tê força e corage, né, porque aqui num é fácil, não, se eu fosse outra mulher, eu já ti nha desistido porque minha batalha aqui é bem dura, sabe?

Aqui eu tenho que saí na Prefeitura, eu tenho que arrumá casa, eu tenho que saí da favela, eu tenho que lavá roupa pro meu marido, tenho que fazê tudo.

Marido, quando chega em casa, num qué sabê se eu saí, só qué achá tudo pronto, né, por isso que eu falo, serviço meu é meio difícil, viu, num é fácil, não.

Marcelo: Esse povo que tem vindo aqui, eu agora há seis meses, tem outros. Como a senhora vê isso aí, acha o que?

D. Ilza: Não, esses que tá vindo aí agora, eu tô vendo que eles tão pegano assim com garra, né, eles tão vindo, nem ocêsis tem dia certo de vim, né, num é todo dia, então a gente tá vendo, por exemplo, que as criança tão mais animada, tão gostano dos tio, tem o Marcelo, o, aquele cabeludão, como é que ele chama? O Nelson, o Alexandre, aquele japonês. As crian-

ça gosta sim, porque o que elas tão precisando mais é de carinho, né, porque às veis nem na casa dos pai num tem carinho, conforme que eles tem aí, e vocês o pessoal de estudo né, entende então ocêis dão mais apoio prá eles, e eles sentem mais cativado porque o que eles precisa na favela é apoio, apoio dos pais, mais que nem apoio dos pais eles num tem.

A criança quando vem aqui e acha uma pessoa que apóia ele, ele nem qué saí do núcleo, porque ele gosta do papo, daquele estudante que vem prá dá apoio prá ele, né.

Marcelo: Aí não tem educação?

D. Ilza: Tem, eu esquici o nome do rapaz que vinha aqui prá dá aula de educação.

Marcelo: Eu quiz dizer assim, o povo aprende alguma coisa aí no núcleo?

D. Ilza: Aprende, as criança aprende, né, por exemplo, as criança tão aprendendo rezá, porque eu tô ensinando as criança a rezá na hora que entra, toma o café, quando sai, falo prá eles almoçá, acabô de almoçá, rezá, né. Então, a gente tem que dá educação prá as criança, né.

Eu até ía comentá isso com a Bel que é a chefe daqui, a monitora, por isso ensina as criança rezá porque se não as criança fica lá e nem põe na cabeça que inxiste aquele santo São Sebastião, lá, né?

Então eu, como lá na Bahia, eu falei prá as crianças que elas têm que rezá na hora do café, tem que rezá na hora do almoço, daí eles pergunta: Tia,

porque que tem que rezá? Porque nós já tem o padroeiro da séde, então vocês têm que pô na cabeça que ele vai livrá voceis da peste, da guerra e da fome, então vocês têm que falá prá sua mãe que é São Sebastião.

Então, é isso que a gente tem que pô na cabeça das criança prá serem mais devoto porque às vez a gente reza, já sofre, já pensô se ficá sem rezá, né.

Marcelo: Me diz uma coisa, essa educação que tem na escola ou alguma coisa que tem, as crianças aprendem aqui? Tem alguma coisa que tá errado, alguma coisa que precisa melhorar na escola?

D. Ilza: Não, a única coisa que eu acho que é, que deveria sê aquí melhorá, sabe o que era?

Era, vamo supô, que tem criança que tá agora em recuperação, né, estuda à tarde, e tão de manhã e tão ficando prá recuperação.

Porque vem de manhã, aí não vem à tarde, e vai de manhã no grupo, né. Então, as crianças num tá muito assim, então as criança fica mais envolvido no núcleo do que lá no grupo, sabe?

Então, a gente precisa tê um contato com a Bel, com Seu Darci, prá pedi eles prá ele éé... pô as professoras monitoras do círculo prá dá umas aulas prá crianças que tão atrasado, né, por exemplo, tem criança aí, que nem meu neto, aí na séde tão atrasado, na Matemática, em Estudo Social porque num tem pessoa prá ensiná, né, e lá no núcleo se tivesse uma pessoa prá ensiná às criança a lição de ca

sa, as criança não ficava tão atrasada, né.

Marcelo: E na escola, a senhora acha que tem alguma coisa errada, tudo funciona direito?

D. Ilza: Não, a única coisa na escola que eu acho que tá errado que as crianças da escola do grupo chega reclamando é que parece que tem uma dividição, sabe, de rico com pobre.

Porque ela chega ne mim e fala assim, sabe, a diretora de lá e tem professora lá que elas ajuda mais assim, filho de papai, quem vai de carro, do que que nós assim, que mora em barraco.

Então as crianças se sente assim, parece que eles tão esquecido, né, então até isso eu cheguei a batê um papo com a professora, com a diretora, porque num tá certo. Eu acho que as mulheres tão completamente errado, né, porque eu acho que pode sê me lhor a pessoa na casa, no dinheiro também pode sê me lhor, somos todos iguais, a matéria nossa é uma só num podemos dizê assim: Eu sô melhor do que fulano, porque quando morre aqui, tudo vai pro chão, não tem nenhum que subirá pro céu, num vai nenhum dizê assim: Eu vô subi e eu vô vuá, então não podemos dizê assim, que um é melhor que outro, são todos iguais.

Marcelo: E as crianças, D. Ilza, as crianças entendem o que a professora fala, gostam lá da escola?

D. Ilza: Óia, tem as crianças, por exemplo, as minhas até gosta, sabe, a Lidiomar, ela gosta de estudar, já o Elton num sei se é falta de interésse, nem sei se é brincadeira dela, que num dexa ele pô na cabeça que ele tem que estudá prá modo de depois a pes

soa melhorá, ficá mais envolvido, então num dá cons_elho, porque eu ensino prá ele, explico prá ele assim, o que que é a pessoa tê, assim, bastante estudo, arrumá um serviço bom, a pessoa estudá mais alguma coisa, aprendê, prá que nem o pai dele ficá trabalhando de sol a sol prá podê dá comida prá eles, né.

Então, é isso que eu falo, porque é preciso estudá prá tê alguma coisa depois, né, prá tê um emprego melhor, né, uma vida mais descansada, que nem eu falo prá ele assim: Outro dia eles vieram e eles até tava rindo de mim, porque entrô e era assistente social, então eu falei: Tá vendo o que vale o estudo, a cor dela não polui nada, né, o que vale é que ela estudô bastante, e que ela hoje em dia é assistente social, né, é isso que eu falo pra eles.

Marcelo:

E tem alguma outra maneira de melhorar de vida sem ser a escola? Porque a senhora reclamou, a gente tem que estudar prá melhorar de vida, né.

D. Ilza:

Tem sim, tem que estudá e se trabalhá também, não só estudá como trabalhá, a gente eu acho, se eu fosse assim, que se eu mandasse assim como um presidente, um prefeito, eu tinha assim, uma idéia de fazê assim uma fábrica prá dá serviço prá essas crianças, as crianças menino, homem, no mínimo de idade 10 a 14 anos, prá cima, já ia começá trabalhá, né. Porque assim nós cabava com a malandrage, assim nós cabava com as trombadinha e dêsse serviço prá essas crianças, porque chegô uma criança que disse prá mim assim, que se alguma pessoa arrumasse serviço prá ele, ele não ia mais robá, e ele tem 10 ano. Pro se vê, né, tem dia que nós fica sem comê, né,

então eu vô roubá, né. Então eu disse prá ele, mais num pode, né. Então isso que eu tô teno aqui é uma experiência muito grande com esse negócio, esse trabalho da escolinha, porque se eles tivesse um jeito, porque tê, tem, é porque eles num qué fazê, e arrumá um serviço prá essas crianças de idade de 10 ano pra cima de 9 ano, porque na Bahia criança de 8 anos já tá no cabo da enxada.

Porque outro dia fui arrumá vaga pro meu muleque, porque ele tinha 10 ano, que passô prá onze, o juiz falô que num dá, porque o menino é magrinho, eu falei: Nós prá nós num quero sabê, nós pode sê magro mais tê corage prá trabaiá, serviço num mata ninguém, porque eu fui criada desde criança trabalhano no cabo da enxada, sabe, trabalhava na enxada e estudava, falei mesmo prá ele.

Esse negócio de dizê, assim, não vô deixá, agora se tão estudano, estuda num horário e trabalhava no outro, agora porque é pequeno, não, dexa dentro de casa, que eles vão fazê mais coisa errada.

Devia sê assim, se eu tivesse mais apoio do pessoal do poder público, eu mesmo ia melhorá aqui o próprio povo da favela, a própria criançada, mais porque não tenho um apoio assim, suficiente, que eu fosse chegá lá e dizê assim: tem uma fábrica que tá pegando criança de 10 a 14 ano prá cima.

Eu chegasse lá, eu tivesse a autoridade prá modo de colocá essas criança, ia vê se esse país num consertava, consertava direitinho.

Marcelo:

Mas aí depois também elas nunca iriam conseguir um emprego melhor também, né?

D. Ilza: Não, mais elas pode estudando, trabalhando.

De repente, fazia assim, a criança estuda num horário, de 10 ano prá cima, estuda num horário e elas trabalhe noutro. Quer dizer que através do núcleo eles ia orientá prá gastá o dinheiro que as criança já ia criando já influência com o ordenado e aí eles estuda mais e eles num ia ficá parado, tem criança que sai, que precisa saí, que precisa trabaiá prá dá de come pros pai, né, com isso melhorava bastante.

Marcelo: D. Ilza, o que prá senhora é Matemática , prá que que serve?

D. Ilza: Matemática, que eu entendo, é contá, né. A Matemática, porque tem gente que aprende no dedo, né na caneta, né. Eu já aprendo na psicologia da cabeça, né, porque meu marido, ele tem só o 1º ano de grupo, né, mais ele tira uma conta que eu vô te falá é só ele somá, ocê pergunta prá ele quanto, ele te responde na mesma hora, ele aprendeu isso da psicologia da cabeça mesmo, num precisô nem de tê estudo , né.

Vê muitas irmão, minhas irmã, nenhuma sabe lê, mais se você dé o dinheiro prá ela, ou fazê uma conta prá elas, tanto com tanto ela dá resposta na hora, é devido à idéia que a pessoa tem, a pessoa já traz, desde criança tá botado naquilo né, a pessoa num tem dificuldade.

Marcelo: A senhora gosta também de fazê assim, mais na cabeça ou faz na mão?

D. Ilza: É, eu faça na cabeça também, somo na cabeça

tudinho. Às veis, quando eu tô bem calma, eu gosto que a pessoa fale assim: D. Ilza, quanto que é 80 com 80 tira dúvida é 160, 160 com 160, eu digo: 320, né? Então já começa multiplicá, dividi já na cabeça, né, então vai pegando o número, então quer dizer que dois tipo, a gente sabe somá, contá, né; somá e multiplicá, porque naquele tempo, hoje em dia as conta são muito diferente das minha daquele tempo.

Porque as conta hoje em dia são diferente, efetúaria diferente prá mim, eu já num faço as conta que as criançada faiz hoje.

Depois eu vô mostrá pro cê como que é, é muito diferente de hoje, eu já num posso ensiná meus menino.

Marcelo: E a Matemática, além de fazer conta, tem mais outra coisa que serve?

D. Ilza: Eu num sei, a minha idéia num sei, porque a Matemática que eu sei é essa de escola mesmo, né, e a gente assim, por exemplo, prá aprendê assim, mesmo na cabeça, eu acho que a única sugestão que eu tenho prá dá, né, num tem assim outra resposta prá dá.

Marcelo: Me diz uma coisa, o seu pai também fazia essas contas assim, também, na cabeça?

D. Ilza: Fazia, ele num sabia lê de jeito nenhum, fazia tudo na cabeça e ninguém passava ele prá traz de jeito nenhum.

Marcelo: Seu pai trabalhava em que?

D. Ilza: Ele era vaquero, trabalhava de lidá com ga

do, nós tinha terra, e nós trabalhava também com terra dos outros também. Porque nós tinha uma charrinha, ele trabalhava com fazendeiro, e o gado que ele ia tirá todo ano da ferrage, onde a gente ferra o gado, ele mandava lá prá nossa fazendinha que nós tinha, né. E ele ficava na fazenda do patrão, e ele ficava com 200, 300 cabeças de vaca, assim animal também, prá podê tirá a renda deles, né, era ameia, era de três, de três um, né, quer dizer que ele, se a vaca tivesse três bizerro, ele tinha um, né, era assim e o animal era do mesmo jeito.

Marcelo: E aí depois vocês não ficaram lá tomando conta dessa chácara por quê?

D. Ilza: Até hoje minha irmã mora lá, mais só que não é nosso, ainda.

Depois meu pai vendeu, depois ele morreu, minha mãe foi cabano com tudo as coisas, então o meu cunhado e minha irmã mora na fazenda deste homem que meu pai era ... que meu pai trabalhava prá ele.

Nós tinha um pedacinho de terra, agora nós num tem, mais nós tinha casa na cidade, mais hoje em dia nós num tem mais, por isso que eu sô uma pessoa muito unida, porque eu falo assim pro pessoal: Gente, o espelho é o meu, um espelho que a gente prá crê, vê no espelho, precisa comprá e botá prá dentro de casa, porque vai resolvê o tanto que hoje em dia a mulher tá trabalhando no barraco.

Eu num tenho orgulho de dizê se na outra encarnação fui eu, foi minha família, foi muito ruim que nós dois tamo nessa situação, num sei, né. Só

sei que pode sê outra coisa também, porque a gente entende encarnação, se ocê ouve falá em carne, osso, encarnação, vamo supô que a pessoa diga assim : Ah, eu num vô ca cara do Marcelo, é porque na outra encarnação ele foi seu inimigo, né, é isso, né, é que nem nós, né, eu num sei se na outra encarnação nós fomo muito ruim, né, porque hoje em dia nós ta mo morando num barraco, nós num tamo morando no que é da gente, né. É por isso que eu falo prá essa gente, o que ocê tem hoje em dia num pode fazê pouco caso dos outro, porque quem tem hoje, amanhã num tem, né.

Marcelo: Mas vai melhorar, ou não vai?

D. Ilza: Se vai melhorá? Vai, sim, se Deus quisé!

Marcelo: D. Ilza, a senhora quer falar mais alguma coisa?

D. Ilza: Se você for me perguntando, daí eu vô respondê.

Tem outra coisa, Marcelo, que eu também queria gravá e eu gostaria também que você e mais as outras pessoas que trabalha com a gente, aqui, sobre a Festa da Primavera, porque eu num comecei, num cumentei, nem chamei jornal, que nem agora, eu liguei pro jornal mais o rapaiz que trabalha comigo aqui num tava no jornal. Então, eu queria fazê uma matéria sobre o policiamento de Campinas, sabe, porque dia 14 de setembro é dia da festa da Primavera, eu peguei um alvará na Prefeitura e eu já tinha caminhado prá Vila São Jorge pro policial de lá, que era o cabo Virgílio, enfim, ficou de mandá umas polícias aqui ,

prá mim, num mandô. Mandaro os policial de Campinas lá pro campo do Guarani, porque veio praqui aquele pessoal pro show do Menudo, né. Então, eles achô que eles tinha mais possibilidade, assim, ele tem mais medo deles morrê do que nós, que somo favelado.

Então ele juntô o pessoal de Campinas e le vô prá lá, pro Guarani, por causa dos Menudo que vieram. Então, e eu fiquei aí sem policial, sem apoio, sem nada, então eu gostaria que o pessoal do comando da polícia que seja militar, que seja P.M., criasse mais um pouco de responsabilidade, né, que o que eles falasse com a gente, eles tratasse, porque não dividi a gente como uma pessoa qualquer.

Eu acho que a própria polícia tá prá apoiá a pessoa, tanto prá rico como prá pobre, nunca com diferença de dinheiro, né, eu acho que tem que sê igual, isto que eu tô revoltada, com a própria polícia, porque agora por diante que eu já falei prá turma aqui vai sê assim, eu já cheguei falá até na Prefeitura prá Madalena, porque agora por diante vai sê assim, nós vamo chamá a polícia, se a polícia num vem na hora, então nós vamo linxá. Porque eu fiquei muito revoltada, porque eu entrei com um pedido que tinha mais de vinte dia, pedino um policial prá vir na festa e no fim não pareceu ninguém, e teve a bagunça que teve aqui, de bandido com agressão, chamei a polícia.

A polícia disse que vinha aquela hora, até hoje, pode sê que amanhã chega, agora a polícia só é bom prá pegá pessoa que não merece, um trabalhador passa prá trabalhá ou prá ir em algum lugar, eles

prende. Porque que eles num vem? porque eles sabe que é bandido e eles tem medo de bandido, eu já avisei prá turma aqui, agora no dia que vamo fazê festa nóis num vamo mais ocupá polícia, não, já que num tem lei aqui de Campinas, então nóis mesmo vamo fazê a lei, quando depois que matá, vem o delegado dizê assim que a pessoa tá errada, e num é. Eu acho que a gente tá certo, porque chama a polícia prá tê um pouco de respeito, né, agora um marginal chega, bate num e depois fica por isso mesmo, parece que eles tem medo.

Eu fiquei muito revoltado e falo mesmo, a polícia de Campinas precisa tê mais um pouco de responsabilidade e não ajudá só o rico, ajudá o pobre também, porque o pobre também é de carne e osso, porque quem véve trabalhando, quem véve fazendo grande prédio na cidade de Campinas é o trabalhado, num é só advogado e o Prefeito de Campinas, então, eles podia pensá que o sossego num é só do rico, é do pobre também, que quem tá com as mãos ealejada de calo de pegá na pá, pegá na foice, na cuié, em tudo, no pincel de pintura, é tudo trabalhado, é tudo uns carente, num é os rico que vai pegá nessas peça prá trabalhá, não, e na hora que a gente precisa deles eles dá os cano na gente, a gente liga, pede eles que nem eu liguei lá prá vigília, diz que daqui a pouco manda a polícia. Se fosse prá matá já tinha matado, já tinha enterrado, e eles num parecia, né.

Marcelo: O que a senhora acha que eu estou fazendo aqui?

D. Ilza: No meu entendimento, eu acho que você tá

fazendo uma pesquisa, uma pesquisa prá você procurá aqui o que tá acontecendo entre a favela, né? Você veio buscá alguma coisa, talvez ocê veio aprendê, vê muitas coisas que ocê não conhecia, ocê vai aprendê.

É que nem eu, eu quero aprendê as coisas que voçeis sabe, porque mesmo que eu num aprenda na leitura, eu aprendo na psicologia da cabeça, na prática, né. Então nós tem que sê assim, é um ajudá o outro.

Marcelo:

Em partes, o que a senhora falou é isso mesmo, e tem mais uma coisa, eu estou preocupado, assim, em procurar ver tudo isso. Essa maneira que a senhora sabe fazer conta, que às vezes a criança não sabe mais fazer conta nem no papel, nem a cabeça como a senhora fazia.

Tentar fazer outras coisas que tem aí de Matemática, prá tentar ver se essa criança daqui, um dia, sabe. A senhora está vendo que é importante na vida, então, era isso que eu queria, mas não é eu chegar aqui e dar o negócio, mas é aprender junto aqui, trocando, colocando o que eu sei de ir aprendendo de volta, assim como a senhora falou e assim muito ligado nessa coisa de educação, de Matemática. Agora, eu estou querendo falar, também, pra isso ficar bem claro, entendeu? E vamos ver se um dia a gente consegue fazer alguma coisa prá melhorar. Eu acho que se eu conseguisse melhorar isso um pouquinho, na área da Matemática, o Adriano, um pouquinho na área de Alfabetização, porque parece que as crianças da favela não aprendem direito na escola, né.

D. Ilza:

Não aprendem porque não têm muito apoio ,

que nem tem gente que, se a criança não tivé a cabeça boa e num tivé interésse, ele não aprende, porque as professoreas não fazem nada pros que não interessa, eu digo por isso, porque meu moleque estudava aqui na Regina Potti, aí eu mudei prá Ana Rita, o moleque foi num instante prá passá de ano, num passava de ano de jeito nenhum, por quê?

Porque era feito favelado, eles num ligava muito prá ele, e o menino num era muito interessado prá eles, né, então eles num tava nem aí, né, eu tirei daqui do colégio Ana Rita, o moleque deu prá passá de ano. E hoje em dia ele num tá bem, porque ele mesmo num quis, né, mais isso aí eu falo e foi positivo. Outra coisa, também, que eu gostaria de falá com você e deixá bem claro, porque quando eu comecei esse trabalho de associação, eu num sabia nada eu num sabia nada, nem o que era movimento popular, eu num sabia nada, e hoje em dia eu sei tudo. Mas também porque eu estudei muito, eu tive umas três aulas com Paulo Freire, acho que ocê deve conhecê, né.

Ele me deu bastante orientação, eu ia lá no Pio XII, o pessoal de lá me orientava, hoje em dia eu desconheço, eu sô bom na Matemática, bom na caneta, bom prá conversá, eu não tenho medo de conversar com presidente, com vereador, com Prefeito, chega na hora se eu vejo que tá errado, eu liquido eles na hora. Porque eu sô positiva, porque eu num tenho estudo muito mais eu tenho psicologia na cabeça, sei o que eles tão falando e eu conheço quando a pessoa qué enganá o povo, eu conheço, então a gente tem que aprendê e não esquecê, tem que aprendê e pô na cabeça dizê assim: outra reunião que tivé com pessoas que a

gente qué tá falando e a gente não esquecê aquilo e aquilo tem que marcá, decorá na cabeça.

Marcelo:

D. Ilza, a senhora acha que está sendo importante, então, eu tenho vindo pouco aqui ainda, né?

Nesses seis meses tenhovindo pouco e agora de um mês, uns 15 dias pra cá eu estou vindo mais e vou vir cada vez mais, inclusive a senhora fala desse povo que está aqui, eu estou aqui e já digo pra senhora, já estou aqui esses seis meses e vou ficar aqui mais um ano e meio aqui, fazendo essa pesquisa e vendo se quando sair daqui deixa alguma coisa aqui porque outro dia eu vou pra outro lugar, mas já estou até dizendo que eu vou ficar aqui, já estou esse tempo e vou ficar mais.

Então comigo não tem perigo, por mais que eu suma é um descansinho, mas é uma coisa rápida, entendeu? Então a senhora está achando que esse trabalho se conseguir melhorar um pouco esse ensino é uma coisa importante? Positiva?

D. Ilza:

É importante, sim, eu acho muito importante outras coisas, pegá mais pessoa que tem outras cultura, estudo diferente pra pô na cabeça do povo, porque eu sô desse jeito, eu num tenho estudo nenhum, mais quando você diz pra mim, eu sô professora de canto, eu já sei o que ocê tá querendo, se chegá outra professora e dizê outra coisa, eu já sei o que tá querendo.

Que nem a parte do Adriano, na palestra, é professor de literatura proporcional, né, então eu nem sabia o que era isso, mais eu aprendi, né.

Então, esse trabalho que foi feito com nós aí, e prá mim, oh , entrô na minha cabeça tão rápi - do, porque eu acho, Marcelo, que as pessoas têm que tê boa vontade prá aprendê as coisas, tem que trocá experiência, inclusive eu até falei com a Maura, ela até riu de mim, eu falei:

Maura, ocê acredita que eu tô numa situa - ção que tô sonhando, viajando? Então ela falô que se eu tivesse com vontade de i, que se eu achasse quem pagasse minha passage, ia pro interiô trocá experiên - cia, certo que se eu achasse quem me apoiasse nessa parte, Marcelo, com a fé de Deus eu ia prá fora prá mim trocá experiência que eu gosto, que tá assim com o povo. Gosto de tá ensinando meu trabalho pro povo, gosto de ensiná minha experiência pro povo, porque tá assim só viajando prá trocá experiência, gosto de po - lítica sabe, eu acho bonito e gosto, gosto mesmo.

Eu fico com raiva quando a pessoa começa a trabaiá e num vai prá frente, né, eu gosto de pessoa que começa e vai até o fundo.

O que eu posso eu fazê e eu fracassá mais e eu cabá mais nesse movimento, é o próprio poder pú - blico que eu acho que se a pessoa tá tendo apoio a pessoa fica mais animado, né, o negócio é esse, não adianta você querê me ajudá mais fica do lado de fo - ra num vai me ajudá, né.

Marcelo: Dona Ilza, me diz uma coisa: quando a se - nhora faz 160 mais 160, deu 320, né. Como é que a senhora faz prá saber, a senhora consegue medizer ou não, como que é a psicologia lá dentro?

D. Ilza:

Parece que o cérebro, o meu assim, ele mexe assim, vai e volta, é igual uma máquina, sabe, ele vai e volta aqui no pensamento. Oê tem que pensa oê num pode ficá induzindo em outra coisa lá fora, você tem que na hora esse pensamento psicológico ele nasce dentro da cabeça da gente, é igual oê tem uma máquina, né, na hora que oê tá somando a conta oê num sabe lê, oê num sabe nada, oê tem que pensa o pensamento fica ali queto, e não fugi o pensamento fora do lugar, e quando fazê a pergunta já tá com a resposta na cabeça.

Sabe porquê? Vou explicá procê, eu estudei muito de cor, naquele tempo, o professor dava aula, era assim era tudo de cor, num estudava, num pegava no caderno, pegava assim só prá lê, ali, decorava ali, tomava aquele caderninho na mão, o livro. Óia, no estado do Brasil, num adianta falá, adianta eu fa lá na Bahia, eu já fui professora lá na Bahia, sabe, já estudei muito, uns 20 ano, e eu era assim do jeito que eu fui educada na escola. Eu também ensinada as sim meus aluno, né, então era assim, como foi descoberto o Brasil, então o aluno dizia assim: O Brasil foi descoberto dia 22 de abril de 1500, então isso tinha que tá tudo de cor. Óia, eu esqueci tudo, sabe, eu esqueci essas parte que eu tinha a Matemática tudo de cór.

Marcelo:

E a senhora só escrevia, ou só falava?

D. Ilza:

Eu escrevia prá criança aprendê e eu fala va também, e aí eles estudava pelo livro, daí eles levava tudo de cór, enquanto eles não desse tudo de cór, eles num passava dali de ano, eles tinha que

tá tudo de cor.

Há vocabulário, vocabulário que falava assim, é que eu esqueci tudo ocê tem o vocabulário então ocê pegava e falava assim, tinha que tê o vocabulário ocê ia fazê aquela pergunta do vocabulário ocê tinha que responde tudo de cór. Eu esqueci tudo, sabe, porque naquele tempo eu estudava quase tudo de cór, a professora me dava aquela lição, então eu fazia pergunta prá mim dá a resposta.

Marcelo: Me diga uma coisa: como é que a senhora resolve essa conta, por exemplo, se a senhora tivesse vinte vacas prá dar prá quatro pessoas, quantas vacas ia dar prá cada uma.

Tinha vinte vacas, tinha que dividir por quatro, vamos supor que alguém lá, o moço lá tinha vinte vacas, tinha quatro filhos, morreu.

D. Ilza: Se tinha 20 vacas, né, então ocê conta de quatro em quatro, né, quatro e quatro são 8, com 8 são 16, 16 com 16 são 32, então eu contava assim, que nem ocê falô, são 5 vaca prá cada um, né. Então é assim, minha cabeça é desse jeito.

Marcelo: E se tivesse trinta, quanto ia dá prá cada um? Com cinco filho, agora.

D. Ilza: Trinta pra cinco dá... dixa eu vê, se for cinco era vinte e cinco né, e agora como é que eu vô dividi pro meio, num dá.

Gisele : Eu sei, é seis vaca prá cada um, num era trinta prá dividi por cinco, então seis vaca prá cada um, seis vezes cinco igual a trinta.

D. Ilza: É que eu já esqueci tudo, eu já esqueci a conta de dividi, deiz dividido por dois é cinco, né, cinco por dois dá deiz para deiz nada, né.

Eu sabia tudo, agora já esqueci tudo.

Marcelo: Depois eu só quero que a senhora me mostre essas contas no papel, que é diferente de agora. Prá deixar registrado, eu tô conversando com a D. Ilza, o Marcelo, e a Gisele também estava aqui, ouviu um pedaço do papo, falou um pouco, o Sebastiãozinho passou aqui, rápido também, é no dia vinte de setembro, na casa da D. Ilza, aqui na favela da Vila Nogueira, na Rua Luiz de Gusmão.

Marcelo: Como que é isso aí, Gisele, o que não entende? O que?

Gisele : Meu pai num entende matemática moderna, a Matemática de agora entende a antiga.

Marcelo: As contas, será que mudaram as contas?

Gisele : Mudaram, mudou o modo de fazê.

Marcelo: Isso aí depois a gente podia ver com seu pai e com o Francisco, marido da D. Ilza, prá ver como que você faz a conta e como que ele faz a conta. Você já entendeu o modo deles fazerem as contas?

Gisele : Não.

Marcelo: Não entendeu, e seu modo de fazer na escola, você gosta dele? Você sabe fazer bem ele?

Gisele : Gosto e sei.

Marcelo: Você vai muito no núcleo, não vai? Você gosta de lá?

Gisele : Vô, gosto.

Marcelo: Porque você gosta do núcleo?

Gisele : Ah, porque é um lugar que tira as crianças da malandragem, de roubá, da rua, eticéteras coisas. Tem de tudo, a gente brinca, a gente passeia, vamo no lago do Taquaral toda quinta-feira, andá de bondiinho, tem agora os meninos tão fazendo artesanato e as meninas tão fazendo pintura no tecido.

Marcelo: Você vai no núcleo desde quando?

Gisele : Desde o ano passado, desde quando começô o núcleo.

Marcelo: Você tá em que série?

Gisele : Terceira série.

Marcelo: Tem quantos anos?

Gisele : Dez.

Marcelo: Em qual escola você está?

Gisele : Adalberto Nascimento.

Marcelo: É perto mais daqui ?

Gisele : É lá no Taquaral.

Marcelo: Você sentiu alguma diferença depois que você entrou pro núcleo?

Gisele : Senti, a diferença foi que eu num parava dentro de casa, antes que eu num tinha o núcleo, eu só ficava nas casa dos vizinho, conversando, brincando, aí depois não, depois que eu fui no núcleo, aí eu chegava em casa, almoçava, trocava de roupa e ia pro núcleo, foi aí que melhorô, foi aí que eu senti

a diferença. É aprendendo peça de teatro, inclusive a Rosimeire falô assim, se quisé que escreve a peça , ela escreve.

Marcelo: Então, depois você me mostra como que você faz a conta, como teu pai faz?

Gisele : Só que eu faço diferente, é, a professora faz pelo longo, quer dizer, a gente faz pelo longo e ela faz pelo pequeno, só que ela explica do jeito que a gente sabe, e ela, prá fazê a conta, prá vê se tá certo, ela faiz de outro jeito.

Marcelo: Essa Matemática que você aprende na escola você usa em algum lugar? Aonde?

Gisele : Uso na brincadeira, no supermercado.

Marcelo: Qual brincadeira?

Gisele : Brincadeira de escolinha.

Marcelo: Como que é a brincadeira de escolinha?

Gisele : É assim, tem a professora, tem a diretora, tem a fiscal, tem o servente, tem a cozinheira e tem escritório. Aí, né, aí começa, tem os alunos, aí a professora vai dá aula e ensina tudo, aí depois disso aí ela ensina Matemática.

Marcelo: Um dia que vocês tiverem brincando de escolinha vocês me chamam?

Gisele : Toda sexta-feira a gente brinca.

Marcelo: Do que mais você gosta de brincar?

Gisele : De casinha, de boneca e umas brincadeiras de fazê peça de teatro, jogo vôlei, pulá corda, brinca cá de esconde-esconde, pega-pega.

Outro dia eu tava brincando de pega-pega com as menina do barracão, mais levei um tombo! Pulá amarelinha, ah, tem um monte de brincadeira que eu num tô lembrando.

Marcelo: Tem alguma brincadeira que você já tenha conversado com seu pai, com sua avó, com sua mãe , que eles faziam também?

Gisele: É, tem. A brincadeira de conta na cabeça , tio Valmir que ensinou.

Marcelo: E essa brincadeira, a sua mãe já tinha feito alguma coisa assim ou não?

Gisele : Não, eu que fiz com meu pai e com minha mãe.

Marcelo: Como que é a brincadeira?

Gisele : É assim, pensa num número de um a dez, divide por dois, agora coloca mais seis, agora diminui mais três, quanto que deu?

Marcelo: Sete.

Gisele : Ah, tá vendo? É assim, o tio Valmir que sabe, e tem outra também, que a gente faz na lousa, que é prá advinhá o número quanto que deu.

Marcelo: Será que a D. Ilza não brincava assim de alguma brincadeira quando ela era criança?

Gisele : Num sei!

Marcelo: Vamos perguntar prá ela?

D. Ilza, dentre essas brincadeiras que ela falou aí, tem alguma brincadeira que a senhora fazia também ou não?

D. Ilza: Ah! Era diferente. Eu nunca gostava muito de brincadeira, não, a única brincadeira que eu gostava mais era brincá de roda, só isso, fazê samba, assim.

Marcelo: Bom, agora vamos parar com a entrevista , né, se não nós vamos ficar sem saliva, daquiá pouco não é?

ENTREVISTA 2

ENTREVISTADO: SEU JOÃO

Marcelo: Seu João, isso aqui é uma entrevista, prá gente tentar ver todo o conhecimento que vocês têm, prá saber mais da vida aqui do pessoal da favela prá ver depois o que a gente pode fazer. Eu sou professor de Matemática e eu quero ver, depois, se a gente consegue fazer uma coisa certinha aqui, e vamos ver como é que vai sair esse trabalho.

S. João: A pessoa tem que tê interesse dele também, né, tudo é importante prá ele, né, se mora num lugar, tem que puxá pro lugar dele, né, que é interessante prá ele, né, alguma coisa ele tem que produzí prá ele memo, porque aí ele produzindo no dia de amanhã e venha tê uma coisa melhor prá ele, né.

Se ele corta o terreno, por exemplo, ele já pode construí uma casinha melhor prá ele e daí já começa produzí outras coisas, fazê outras coisa melhor, né. Aí já vem a água que nem ocê tá vendo, tem água ligada, você pode puxá água ligada, prantá outras coisa melhor. E o companheiro que tá lutano junto com a gente, a gente já puxa ele também pro lado da gente, prá indicá a gente as coisa melhor prá gente.

Trocando opinião, a gente talvez tem opinião melhor do que a minha, então já serve, mais e aí a gente já vai começá pela aquela idéia dele, né, porque ele tem estudo, que é mais do que o meu, às veiz tem mais técnica que eu, então a gente vai práquele ali, então lá diante a gente já vai vê aquilo que o colega feiz prá gente e vai indo com aquilo ali.

E aí vem vindo os filho assim, atrás, ensinando, assim, assim, viu como é que eu fiz?

Então a gente vai ensinando o filho também assim, e vai indo prá frente também.

Marcelo: Você ensina muito para seus filhos ou não?

S. João: Ah, a gente precisa ensiná um pouco, né não?

Se a gente num ensina e deixa, os filho vai entrano prá outro caminho, e a gente num qué naquele caminho, a gente qué no caminho que a gente foi criado, né, dos pai, dos avô da gente, é aquilo que a gente já tem de raiz, desde o começo da vida da gente, né. Eu num quero ver eles sendo marginal prá rua, sendo um bandido preso lá, isso é muito desgosto pro pai, viu. Então veno o filho trabaiano, saino cedo e chegano de tarde, é um prazer pro pai, né, e prá mãe também.

Eles têm hora que óia assim os companhero deles; cêis tão vendo a polícia correno atrás dos bicho aí, oh isso aí num é pros meus fio, isso aí.

Que prazer tem uma moça namorá um rapaiz desse daí, e casá com um bicho desse daí, só pô fio no mundo e não achá responsáve. O home tem que casá, e sê responsáve dele, né, dele e da famia dele tudo, responsáve por tudo.

Agora, ele desde piquinininho que ele já tem que entendê, o pai já vem puxano ele, ensinano ele, explicano prá ele como é que vem a famia, ele já vai veno como ele vai entrá no mundo, né, e já vai ganhano a experiencia no mundo já.

É assim. Assim, assim se vê o perigo, vamo supor: - Vamo tomá uma cerveja em tal lugar.

Se sente que aquilo lá já tá errado, hein.

- Oh, num dá prá eu í, não, tenho outro ne-
gócio prá fazê aí, oh, outra hora nós vai.

E ocê vai disviano daquilo, daquilo ali, se
ocê num disviá, meu fio, se foi uma veiz, achô bão,
aí ocê vai continuá prá sempre e aí a coisa vai, tru-
pica lá diante quando ocê trupicá, aí num tem mais
jeito.

Marcelo: Seu João, o senhor falou de raiz, como é
essa história?

O senhor veio da onde?

S. João: Minas Gerais.

Marcelo: Da onde de Minas?

S. João: Uberaba.

Marcelo: E como é que era a vida de lá? Como que era
as raízes?

S. João: Eu saí de lá quando eu era rapaiz, eu era
criança, criança tem pouca memória mais a gente já
recorda bem, o que os pai da gente já vinha puxano
a gente já assim, ensinando bem assim.

Agora, num fui bem de escola, sabe, não por
causa dos meus pais, por causa de mim memo, às veiz
meu pai mandava prá escola, invéis de í prá escola,
ia brincá. Mais hoje eu me sinto rependido, porque
num foi farta deles me ensiná, né, porque eles que-
ria ensiná mais eu num queria aprendê.

Mais graças a Deus, com a idéia que eu te-
nho eu viví muito bem, graças a Deus, eu só peço a
Deus em nome do pai que eu tenho lá no céu, que eu
tenho muita fé nele, né, isso aí é o principal da

pessoa e a gente vai em frente, né, e com a pouca idéia que a gente tem, a gente vai ensinando um pouco que a gente tem pros fio da gente e encaminhando também na escola, aprendeno alguma coisa também, né.

Marcelo: Com que idade veio prá cá?

S. João: Prá Campinas, eu vim casado, já prá cá, em 69.

Marcelo: E quando o senhor saiu de Uberaba, o senhor foi prá onde?

S. João: Eu fui prá Fernandópolis, na barranca do rio, divisa do estado de Minas, estado de São Paulo, estado de Minas, fui de lá prá lá.

De lá fui, eu tinha 16 ano. Quando fui saí de Uberaba e fui prá lá, daí fui formano, fui formano, depois meu pai era um home daquele meio perverso sabe, era daqueles minero meio ruim também, sabe, era bão mais era ruim da raça.

Foi ino, foi ino, mudô prá cá, as minhas irmã foi ficano mais mocinha tudo, e o véio gostava muito de viajá e de boiada, viajá nas estrada com a boiada que tinha por alí e saía em lombo de burro, naquele tempo, ocê lembra, né? Num sei se era do seu tempo, as boiada era tudo em lombo de burro, sabe, passava aí 2 mês, 3 mês, tocano o bicho aí prá estrada, posava debaixo de árvore ou amanhecia o dia debaxo de árvore, chuva, em lombo de burro, heim, passava 2, 3 mês em lombo de burro, e quando chegava em casa tarveiz a véia ía explicá alguma coisa e achava ruim ainda. Foi nesse meio tempo uma irmã minha faleceu, quando num era prá falecê, e naquela é-

poca nóis era em 3 irmão, 2 irmão, 1 irmã, e ela faleceu e minha mãe ficô muito chocada com aquilo ali, né, foi falá com meu pai, meu pai ficô meio retraído, meio bruto, num sei o que, minha mãe pegô, ele saiu prá viajá, minha mãe pegô e veio embora prá casa da minha vó em Araçatuba.

Na casa da minha vó nóis ficuemo uns par de ano, nóis ficuemo uns 3 ano junto com minha vó em Araçatuba e a minha mãe veio prá casa de uma tia minha, aí ela amigô com um italiano.

O italiano era bão rapaiz. Trabalhaddô, tinha fartura dentro de casa, muito honesto, trabalhaddô.

Mais depois ele foi buscá nóis prá cabá de criá, né, prá formá dentro de casa, mais ele tinha um fio dele, casado, que queria mandá ne nóis. Nóis bão. Tudo bem, e foi ino, foi ino, ele casô e ficô morano dentro de casa e ele já tinha aquela mania de mandá na muié dele e mandá ne nóis, né, mais ele já num podia mandá ne nóis, quem mandava ne nóis era o pai dele, né, era nosso padrasto, quem tinha o direito de mandá era só o pai dele, mais ele queria sempre mandá.

E um dia, meu pai falô :

- Óia, nóis tiramo o café tudo limpo, tamo com a roça tudo limpa.

O véio passô a mão numa espingarda, foi caçá e uma cestinha de catá tomate, também. Foi caçá caçá passarinho e dá uma volta também, né, e nóis tava deitado, ainda, e ele falô:

- Óia, a hora que ocêis levantá, ocêis casca mio, trata dos porco, racha lenha, carpi esse quintal tudo prontinho, dexa tudo prontinho aí, daí depois ocêis vai jogá bola, vai caçá, vai prá onde ocêis quisé, viu? E o fio dele tava dormino, ele levantô e falô:

- Encha essa moringa de água que nós vamo tudo prá roça.

Eu falei:

- Não, seu pai falô que é prá gente rachá lenha, tratá dos porco, cascá mio e limpá o quintal, aí, e dexá tudo prontinho e depois nós vai brincá prá onde nois quizé.

- Não, vamo embora prá roça.

Daí eu falei assim: - Óia, rapaiz, o meio que faiz é ocê mandá na sua muié e o seu pai mandá ne nós, sabe, mais ocê num manda ne nós, não, é bão ocê ficá lá pro seu canto.

- Ocê cala a boca, se não eu vô tê quebrá esses dente da boca.

- Bão, se ocê for mais home do que nós, ocê pode vim.

E ele veio, rapaiz! Ele veio e o pau que - brô. Daí foi irmão no meio, muié dele, foi tudo.

Quando o véio chegô, o véio foi ficá sabeno como é o negócio. O véio, em veiz de í a favor eu e contra o fio dele, foi a favor do fio dele e contra eu.

- Oh, negão, eu num vô criá questão, por - que eu já tô criado, formado, e a minha mãe já tá véia, cuitadinha, já tá também no fim da vida dela num quero ficá comprano desgosto prá ela, não, dexa ela vivê em paiz aí, com vocês e vô me embora eu.

Daquela veiz indiante saí e fui prá Mato Grosso de pião, andá sózinho, andei dano umas cabeça da, trabaiei em Curitiba, no Paraná, 2 ano na saca - ria.

Marcelo: Quantos anos o senhor tem hoje?

S. João: Eu tô na idade de 48 anos.

Mais rapaiz, eu, graças a Deus, eu com os poder de Deus, eu consigo tudo na minha vida, viu, eu sô pobre, mais eu tenho amizade com todo mundo.

Eu encontro com criança na rua, eu quero bem, eu encontro com veínho, se for preciso tomá bença a gente toma bença, encontro com uma senhora, respeito ela, encontro com uma moça, gosto de brincá tamém, tudo isso aí é amizade.

No serviço, o meu gosto muito de tê amizade com todo mundo, tê relação com um, com outro, porque a gente trocane opinião com bate papo, tarveiz uma coisa que não serve prá você, serve prá mim, o que num serve prá mim, serve prá você, então a gente converçano, entra na cabeça um do outro, né, então é coisa que tem que transá uma amizade.

Marcelo: O sênhor conheceu D. Maria, foi lá em Mato Grosso, ou não?

S. João: Não, ela foi conhecida aqui no estado de

São Paulo, em Fernandópolis. Aí em Fernandópolis eu fui prá lá, prá Mato Grosso, vortei prá cá; depois óia bem como é que é a vida, não?

Comecei namorá outra moça, num foi ela não foi outra moça e deu certo de casá, né, e mudei de Fernandópolis prá lá prá fazenda, onde o pai dessa moça morava, chego lá, o administradô não gostava muito de mim, priguiza eu nunca tive, graças a Deus. Eu enfrentei um retirero de leite, um paraguaio, ó rapaiz, tinha mais o menos uma base de 50 vaca prá tirá leite, e eu duas hora da madrugada, nós tirano leite, de chuva, e nós lá debaxo tirano leite, cabava de tirá leite, tratá de porco, dexá tudo limpinho tudo no jeito.

Depoi, rapaiz, a bixa me enventô de virá a idéia, e tava tão bem que o administradô me dava óio me dava arroiz prá mim, me dava feijão prá mim, me dava carne, me dava de tudo, o meu ordenadinho era poco, mais vinha livrinho prá mim, entendeu? Era só um cargado que eu quizesse comprá, meió, porque o resto ele quase me dava tudo, né.

Mais num adiantô nada, fui dá conceio, mais parece que o conceio era mal, num queria sabê de conceio. Aí começô saí prá umas banda prá lá que num deu certo e eu comecei vê aquilo lá, porque eu num podia saí do meu serviço e o vizinho meu, que era paraguaio falô assim prá mim :

- Seu João, eu sinto muito, o senhor é um home trabaiadô, o senhor num precisa disso aí, não, o senhor num precisa vê isso aí que num tá dano certo pro senhor, não.

Aí, peguei, fui em frente e vi, aprovei, e gente; num adianta matá, num adianta batê, porque se eu matá, eu vô na cadeia, se eu batê, fica pió, aí num adianta nada, que quem tem que aprendê, aprende desde criança e não depois de véio, certo?

Daí eu larguei, separamo um do outro, eu vim embora pro estado de São Paulo, casado com ela, heim, e foi daí que eu fui conhecê, fiquei quatro ano sózinho, aí que fui conhecê essa daí.

Ela era casada, também, e ela tinha um menino, e esse menino mora com nós hoje, é casado; então conhecemo alí foi tudo bem.

Mais ó rapaiz, parece que quando eu chegava perto de uma moça prá namorá ou prá arrumá outras coisa tinha medo, porque ocê sabe, né, que o gato que é queimado com água quente, de água fria, ele é descartado, né, tem medo já.

Será que isso vai dá certo, sei não viu! E ficava sismado, tinha medo de certas coisa, mais foi ino, foi ino, a necessidade obrigô, sabe, a necessidade obrigô porque vai chegano num ponto que você se acha tontiado sozinho, certa hora ocê tava bateno papo com seu colega, o colega tem namorada, sai com a sua namorada, como num tenho, fico lá sózinho, então eu também tinha que arranjá uma namorada ou argu ma muié prá eu casá, amigá que for. Daí eu amparo ela e ela ampara eu, né, zela de mim. Daí encontremo com ela, batemo um papo, era uma famia muito braba, o véio era brabo e a véia era carioca, heim? Coitada, hoje em dia ela tá lá rumo lugar do céu, né.

Marcelo: D. Maria é da onde?

S. João: Ela é de Nova Granada, estado de São Paulo, aí nós viemo morá junto. Com a primeira, rapaiz, moramo um ano só junto, com essa daí vai ino prá vin te cinco ano, graças a Deus!

Marcelo: Quando vocês vieram aqui prá Campinas, vocês vieram direto aqui prá favela na Vila Nogueira ou não?

S. João: Não. Viemo, viemo não.

Meu sogro morava aqui no Framboiante aqui do outro lado, eu como num tinha aparência de comércio, tava por fora de comércio, trabaiava de servente, num tinha profissão, num tinha nada, fui trabaiá de servente, né.

E vim morá junto com o véio do meu sogro, o véio do meu sogro tinha dois rapaiz e uma cunhada minha que era sortera e o casar de véio, tinha dois cômodo só, mais por causa de eu tê bastante criança, procurava casa prá alugá, e prá quem tem criança bastante, nós num aluga. A casa tá pintada de novo, nós num pode alugá das veiz estraga a pintura, ía com outro, era a mema coisa.

Oh! Nossa Senhora Aparecida, será que eu vô tê que ir embora traveiz de vorta, oh, num é possível. Mais Deus há de tê dó de mim.

No fim, deu certo, de dois cômodo prá alugá, mais também quando dava um trovão lá no céu, já tava choveno dentro de casa, e o homem falô, se tivé choveno aí, ocê pode arrumá esses dois cômodo. Mais

chovia prá caramba, rapaiz, dentro de casa.

Daí eu melhorei um pouquinho lá tudo, daí esse menino mais véio meu, que é casado, que mora aí embaxo, aí, houve um acidente com ele, rapaiz, tinha fazido dois dia que tinha entrado na firma prá traba iá, o documento tava lá na firma, lá.

Eu venho prá casa, chego lá em casa, a muié pega o menino todo acidentado, tudo quebrado, a perna quebrada em dois lugá, arreventado, leva pros Irmãos Penteado, lá.

Chega lá, enterna o menino e engessaro o menino tudo, num podia nem andá, não, ficô só o meinho de fazê xixi, só, o resto, num podia nem abri a perna, nem fechá, tudo cheio de gesso.

E meu Deus do céu! Eu já tô sem sorte, faiz dois dia que entrô na firma, toca eu í lá buscá a carteira registrada, prá ponhá o menino no I.N.P.S., fui lá buscá a cartera, fui no I.N.P.S., daí tudo bem, tratô tudo bem.

Daí prá cá descontrolô meus negócio, o alu guér já era barato, mais daí descontrolô tudo, era uma coisa e outra, a muié num podia também tá saindo porque tinha mais criança, ela tinha que ficá aí prá oiá as meninas, foi ino, foi ino, foi preciso saí da firma, saí da firma num pôde pagá o aluguer da casa mais. Atrasô tudo, aí o home, dono da casa, muito bom, coitado, ele também era também muito trabalha - dor, falô assim:

- Óia, João, ocê num vai tê mais condição de pagá mais aluguer não. Mais eu vô ajeitá um jeito

prá você.

Ocê vai dá um jeito, nós vamo arrumá madera prá você, arrumá teia, cê faiz um comoduzinho que tem na prefeitura por aí, que dá procê livrá desse aluguer e ocê se vira, entendeu? Vô dá procê si virá.

Daí ele me arrumô tábua, me arrumô teia , esse home era o dono dessa casa que eu morava, lá , sabe, ele arrumô tábua, madera, teia, comprô tudo , trouxe, fomo lá, fiz um comoduzinho e daí prá frente morava ali em cima, e dali como num tava bem bom, mudei prá cá, aqui eu tô com 16 ano de propriedade, e lá morei um ano só.

Marcelo: Então, vai prá 17 anos que o senhor mora aqui na Vila Nogueira?

S. João: Mais lá eu saí divido vizinho, save, divido vizinho, porque num tinha onde lavá roupa e tinha uma mina, sabe, e a mina era de quando eu fui prá lá, limpei tudo, sabe, prá lavá roupa dava, num dava prá bebê, mais prá lavá roupa dava, né. E tinha uma senhora que era largada do marido, um povo assim, ocê sabe como que é, né. A muié ia lavá roupa, sujava a água, bagunçava o coreto, queria brigá, pegava água, separado prá mim bebê água na rua no vizinho, né.

As criança ía buscá água, as meninas dela ía atrás, derrubava água no chão, fazia vortá prá traz, buscá, fazia pirraça, né.

Falei prá minha muié num adianta ocê brigá com esse povo, porque isso aí é procurá encrenca, com esse povo num adianta, vamo saí disso aí.

Aí peguei, mudei prá baxo e tô aqui até hoje

je, graças a Deus!

Num tenho mais outra coisa meio, porque ocê sabe, com nove fio prá criá, meu fio, tem um pouquinho de história, que nem um bom casal de minero que num podia comprá porque que nem profissão num tinha, porque antes trabalhava de servente, né, fazê o quê, mais hoje tão tudo criado, e eu tô aqui, mais se for preciso mudá de lugá a gente muda.

Tenho nove fio, tudo vivo comigo, graças a Deus! Tão tudo forte, comigo, e vão casano, aí vamo entregano tudo na mão de Deus, né, eu criei, né, agora casô, entrego na mão de Deus, Deus que vai oiá por vocês, daqui prá frente num sô eu mais, não, eu dô conseio, se eu vê alguma coisa errada chamo atenção e aconselho, aconselho, num quero vê distraviá um do outro, assim como ocêis foro morá junto, eu quero que ocêis continue igual eu tô continuando com sua mãe, mema coisa, quero o bem de tudo mundo.

Marcelo: Quando o senhor chegou aqui, tinha muito barraco?

S. João: Não, naquele tempo, não.

Marcelo: Quantos barracos tinha?

S. João: Aqui tinha mais o meno cinco barraco, só, aqui prá cima num tinha nenhum, essa beraça de córgo também num tinha nenhum, aqui prá baxo só tinha um menino aqui, um que ficô alejado, agora paralizado das duas pernas. Então tinha o véio com a finada véia, também que hoje já são falecido e um senhor que morava aqui, e eu que tinha dois comoduzinho só, e mais o finado Vardemá, que morava aí, ó, que faleceu tam-

bém e seu mané, que morreu também. Cinco barraco tinha aqui só, daí prá cá, meu filho, a coisa foi penetrano, foi penetrano, e encheu tudo.

Marcelo: Já tinha água da Prefeitura naquela época ou não?

S. João: Na rua?

Marcelo: É.

S. João: Na rua não, e nem ligação de luz, sabe, os poste tinha, sabe, mais não tinha a rede ainda não, ainda não tinha, aí com o tempo veio melhorando, eu mesmo peguei força de vizinho aqui muito tempo, acho que uns quatro ano eu peguei força prá caixinha aqui. Quando ele mudô, ele vendeu o barraco lá e mudô, né, e a famia que comprô pegava o talão de luz, guardava e fazia as conta conforme eles queria, lá, talvez ocê tinha que pagá cinco, ocê pagava dez, como você num via conta, prá luz não cortá, ocê pagava, né, fazê o que, num vamo criá richa por causa disso, né, vamos pagá isso aí e tudo bem, e a água tá prái em todo lugar ligado, mais eu tenho um pocinho, se eu ficá praquí eu vô tê que puxá, porque essas valeta aí, com tempo, contamina a água, então eu vô tê que puxá água da rua, aí dexa isso aí prá uma horta, prá alguma coisa que não ocupa.

Marcelo: O senhor faz uma hortinha aqui atrás?

S. João: Agora tamo meio aí sem, mais um pouquinho tem, sabe, mais tem veiz que eu pranto, verdura, tomate, alface, cove, armerão, tudo isso aí tem.

Marcelo: E a garotada participa ou não?

S. João:

Tem que ajudá também um pouquinho, um puxa uma água, outro cavoca a terra aqui, outro lá, de sábado, eles tão à toa, aí, vamo fazê um serãozinho lá, vamo ajudá que é fazê uma forcinha alí, cavocá aqui. Como é que faiz aqui, pai?

Vai cavocá aqui, que eu vô atraiz aqui ajeitano e vai ajeitano a terra, muitos tem esterco do gado por aí afora, aí eu preparo a terra e dexa a chuva chovê, daí molha a terra e nóis pranta aí.

Aí pranta e dexa chovê e vai tratano do bicho, quando tá quereno dá alguma doença, vô lá, compro veneno e aprico nela, mais um veneno que num prejudica, né, quando passa o veneno, passa uns quatro, cinco dia sem pegá nada, né, porque aí é perigoso.

Mais horta era prá tê muito aqui, mais com medo de eu prantá e depois a Prefeitura mudá, eu fiquei com medo de perdê, né. Mais senão eu tinha um senhor de um pomar aqui, laranja, manga.

Aí eu tenho um pé de abacate aqui, que quando dá, eu vô contá procê, eu num como tudo, deu pros meu fio, deu pros meu vizinho aí tudo aí afora, banana aí, tem tempo aí que tem cacho de banana "desse tamanho assim", oh, mandioca, batata, e ajuda, rapai. Se ocê for dependê só do dinheiro que ocê ganha, num guenta não.

Marcelo:

Tem batata aí atrás?

S. João:

Agora num tá tendo porque agora, em essa seca braba num tem jeito, né, mais com o tempo, quando chove, a mulher cavoca, pranto o bicho e vamo prá frente, né, banana, aio; ocê pensa que eu compro aio na

minha casa, compro não, aí meu é tudo guardado aí, todo ano só num pranto cebola, cebola dá um pouco de trabaio, mais acho que esse ano vamo até prantá, lim pamo aí a berada aí, oh, dexamo o terreno meio no jeito, aí quando chega o tempo de prantá é só prantá.

Marcelo: Depois o senhor me mostra o pomarzinho lá?

S. João: Mostro, tem moranguinho, tem armerão, tem outras coisas lá, agora andei cortano uns par de pé porque já tava ficano véio, a terra já tava ficano pisada, com essa seca braba a gente prepara o terreno, mais num tem jeito de prantá porque tá seco, né, então a gente tem que dexá chuvê bem, prá molhá a terra, daí ocê pranta e vai agoano aos pouco, né.

Marcelo: Me diz uma coisa, seu João, como é que o senhor vê a associação de moradores, ela é boa, não é boa, como é que é?

S. João: Ocê sabe, né, os vizinho aí num sei o quadro dos vizinho, a gente, talvez, a gente vê uma pessoa que gosta de mexê muito nas coisa aí por aí afora, robá, né. Ocê sabe que ele é, mais ocê num vai precipitá, nem você nem ele, né, eu prefiro tê amizade com aquela pessoa prá num dia de amanhã, num ficá sabeno que ocê fica entregano ele, essas coisa aí, prá num causá perigo. Porque já vi perigoso aqui, viu, depende da gente, agora se ele chega prejudicá a gente, tem que i na artoridade, né, avisá a artori dade que num pode, né.

Eu num vô chegá nele e dá pancada que num adianta, né, e ocê sabe, se ocê criá richa com uma pessoa dessa daí, ocê tá catano na morte.

Marcelo: Mas me diz uma coisa, a associação de moradores que foi criada aí, ela serve prá alguma coisa, não serviu? Quando foi criada; o senhor gosta da associação; como que é?

S. João: Eu gosto, a associação até que é legal, viu, encrusive tem muito rapaiz, muita moça, gente trabaiadô, gente honesto, tem rapaizinho de novo aí, que abre a mão um poquinho. E a gente num pode abri a mão, eu digo, fio, a gente tem que cativá desde piquinininho assim, e quando chega um tamanhozinho ocê arranja um emprego procê, compra teu sapato, tua roupa, tá veno como é que é, ocê qué í num jogo, num cinema, ocê tem seu dinheirinho no bolso, entendeu? Qué í com o coleguinha no cinema, o que for, vai, dia de amanhã, se ocê arrumá uma namoradinha, ocê for saí com ela num cinema e algum jogo, em quarqué aniversário, ocê vai, depende de ocê mesmo.

Agora, se ocê ficá bateno rua aí, do meu eu num posso dá, não, porque daí vai fazê farta prá boca, né, se eu dé prá você, vai fazê farta na boca então num adianta. Aí ele vai entendeno o que eu quero dizê prá ele, agora tem uns que começa abri mão, daí já proveita, já quando é prá eles encontrá com os coleguinhas prá rua aí, vem de fora e o time daí memo, vem de fora, trama o negócio quando vê, aí eles ... aí danô, desgosto pros pai.

Marcelo: Mas na associação de moradores tem isso ou não?

S. João: Aqui tem uns par dele, aí, mais num importa falá, os pais são grandes amigos da gente, eu considero muito eles, mais os fio, coitado, dão muito

desgosto pros pai.

Marcelo: Mas não são todos, né, agora tem gente tam bém que não está na associação, né?

S. João: É, são gente que a maior parte são de fora, veio de outro bairro, de fora prá cá.

Marcelo: Tem assembléia na associação aí ou não? Tem reunião ou não? O senhor vai?

S. João: Vô, tem as veiz que eu vô, participo sim, mais tem muitas veiz que vô lá, me caba o ambiente assim, às veiz ou vô falá uma coisa, às veiz eu posso falá, naquele ambiente, porque eu sinto que tar - veiz vai dá certo prá todo mundo, deu certo prá mim vai dá certo prá todo mundo, mais tarveiz a pessoa acha ruim se eu falasse ali.

"Mais seu João num divia falá isso aí porque ele sabe que eu num gosto disso aí" é pessoa que vive num outro sistema, né. Eu sô dum sistema, ele já é de outro, ele vai mais num qué recebê de você sabe.

Marcelo: Como que é um sistema e outro sistema?

S. João: Ocê tem um sistema de vivê, né, tem um por te de vida diferente e eu já tenho outro sistema, né, ele num concorda com o que ocê fala, por exemplo, ocê fala alguma coisa prá mim e eu num concordo com o que ocê fala, e a gente tem que concordá também um pouco. Que nem eu tava falano procê né, ocê tarveiz é uma pessoa mais estudada, mais avançada, tem mais ex periência, assim exprica prá mim como é que tem que fa zê.

Óia, é assim, assim, e a gente tem que pegá dalí prá frente, criano aquilo alí prá gente, pegano de lá, passano prá cá, a gente vai formano aqui lo alí prá gente, né, e outros não, outros num qué, tem veiz que ocê puxa o ambiente prá você mais ele num qué, em veiz dele í prá frente, ele vai prá trás num adianta.

Então, muitas veiz que tem marcado uma reunião ali, eu tenho vontade de í lá dá um palavriado, mais ocê vai lá, ocê fica só oiano, num adianta, né, num adianta. Ocê vai lá, ocê tem vontade de falá alguma coisa, ocê vai falá, a pessoa já fica meio estranho, que num adianta a pessoa falá, porque ele manda na família dele, na minha família ele num manda, então num adianta, né.

A gente às veiz procura ajudá alguma pessoa, dá conceio.

Marcelo: Agora, esse projeto que teve aí de aproveitar o barracão prá crianças não ficarem na rua, o que o senhor acha disso?

S. João: É uma ótima, né, eu gosto desse tipo de coisa, sabe, porque eles tão alí brincano, passano aquela hora alí, eles num tão dano trabaio pros pai e as mãe tamém tão trabaiano. Eu vejo pai e mãe aí, coitada, que eu vejo aí, certa hora eu falo prá minha mulher.

Tem certas mulher que dá dó delas, viu, passa aí com as criancinha no braço, vai levá lá na creche, trabaia o dia inteiro, chega de tardizinha passa lá de novo, passa, pega, vem fazê sua janta dentro de casa, vem dá banho nessa criança suja, enfren

tano essa dureza. Então tamo alí no grupo, alí, oh , tá brincano alí, passano tempo, alimenta alí, faiz um abrigo com outro, troca opinião com outro, às veiz a professora tá alí, fala com eles, brinca com eles. Brinca com eles ensinando que num pode fazê coisa errada; tirano fora o pai e a mãe que tem que ganhá o pão prá eles lá, né, às veiz tem irmã, né, mais a irmã também tem que trabaiá, né, dá no duro tamém né, se não, nem um nem outro, né.

Marcelo: O que o senhor acha, tem um projeto da Prefeitura da monitora, o que o senhor acha de eu estar vindo, a Maria estar vindo, outras pessoas vindo, como é que o senhor vê isso aí?

S. João: Eu acho uma ótima, porque é aquilo que eu tava falano procê, talvez um que tem mais inteligência, mais estudo, mais capacidade, ele já tem.

Esse povo, a maior parte que mora em favela, eles num tem dinheiro certo, num tem idéia, capacidade, têm prá uma coisa, num têm prá outra, entendeu como que é? Então por isso ocê já tem isso na cabeça, ocê pode dá aquela opinião prá pessoa, então ela pode pegá aquilo alí prá ele e formá aquele grupo e achá aquilo alí tá certo, e formá e í prá frente, então é uma coisa que é certo né.

Nóis precisa de uma coisa que nem eu tava falano prá você agora poco, que assim o salãozinho tá muito perfeito, bem feitinho, mais diviá de tê feito maior, diviá tê conversado com a Prefeitura, e o fiscal da Prefeitura vinha. Principalmente aqui nesse pedaço, esse encanamento desse daqui não, diviá de tê jeito direto lá porque aí a água num fazia

curva, né, então ela ino reto, pegano o encanamento e ino reto, então ela já num prejudica tanto, tinha que tê começado, antes de começá. fazê esse salão aí fazê por baixo, aí cortada por baixo e ía embora e daí precisava mexê em mais nada.

Marcelo: Além do esgoto, o que o senhor acha que precisava prá melhorar, assim, a vida do povo da favela?

S. João: Eu acharia, no meu modo de pensá, eu acharia esse tipo de maderá assim, dá prá gente morá, mais num é uma coisa definitivo, uma coisa que ocê tem que fazê um reboque, uma pintura mió, um teto mió, fazê, uma coisa mais bem feita, né, então enquanto nós num organizá nós num pode fazê. Tarveiz ocê compra o materiar, encosta, ocê vai fazê pranta, eles vêm cortano, cortano dá num outro lugar e daí ocê como é que faiz? Cimento caro, rapaiz, areia caro, terra, tudo caro, então a gente tem que pensá desde antes, então. Então a gente qué fazê alguma coisa mais num pode fazê, né, enquanto a gente num organizá aquilo alí num pode.

Marcelo: Seu João, que tipo de festa, assim, ou coisa de vida, que tinha antigamente que era bom, e hoje em dia não tem mais aqui na favela?

S. João: Tinha. Andaro fazeno umas festinha, aí, mais era o tar negócio, quando ocê põe na cabeça que qué fazê alguma coisa, então ocê tem que puxá de lá prá cá, organizá ela primeiro, prá depois ocê fazê, prá num dá próbrema depoi, né. Num dá próbrema por que acontece o seguinte, ocê vai fazê uma festinha aqui, então ocê tem que í na Prefeitura, tirá um arvará e pelo arvará vinha a polícia sabe, prá oíá, e

acontece se num tem polícia, muitos nego enche o tacho de pinga, aí, o que for já qué brigá, outro já vai dano conseio, um qué, outro num qué, e aonde que confunde as coisa, então em veiz de participá duma festa, vai estragá a festa, então num pode, né. Então precisava tê uma pessoa que puxasse por aí, prá tê um melhoramento.

Tamo fazeno uma festinha, produzino alguma coisa, surge o dinheiro, aí o dinheiro sai, a gente pranta aquilo alí, e a gente já vai comprano tijolo, comprano uma outra coisa, fazeno melhoramento, né, desmanchano um e fazeno outro, né.

Marcelo: Que nem aquela cozinha que fizeram alí, já melhorou um pouco, né? Seu João, agora eu vou fazer uma pergunta para o senhor, o que quer dizer educação?

S. João: Eu acho que a educação já vem assim, no meu modo de pensá e ponto de vista, a educação já vem assim, dos próprio pai, dos avô, desde piquinininho, já vem vindo. Que nem eu fui criado num sistema, então, eu já acho que eu tenho que criá os meus fio daquele jeito alí, né, puxano eles.

Agora o respeito tem que tê na família, agora hoje em dia já mudô tudo, rapaiz, hoje em dia ocê vê certas coisa, ocê tá andano na rua, ocê vê uma criança que tá em má situação, ocê qué ajudá aquela criança, sei lá, fazê alguma coisa, mais ocê tem medo, num pode ponhá a mão, ocê vai ponhá a mão às veiz o próprio pai o que for, cria uma confusão com você.

- Oh! Mais ocê tá fazeno o que com essa

criança, aí, ela tem pai, tem mãe.

Mais num é, ocê tá quereno ajudá aquela pessoa, tá quereno ajudá, mais não, já vem com aquela estupidez, então aquela educação vai ficano prá traiz.

Ocê pensa nela, mais ocê num pode fazê, por que vai ajudá a pessoa, ela já vem em cima docê, então num tem jeito. Tem que tê pessoa acompanhando, pessoa que entende bem, que daí eles já puxa, vem chegano, vem trocane opinião, conversano, entendeno, po de sê que ele num entenda agora, mais ele leva aquilo na cabeça.

Vai embora prá casa, prá casa, chega lá, vai fazê um serviço, vai começá a pensá.

Ocê sabe que o home tá certo, tá certo, eu vô vortá lá, vô conversá com ele, acho que ele tá certo.

Marcelo: Seu João, e ensino o que que é ensino pro senhor?

S. João: O ensino já vem dos próprio pai, o pai ensinano coisa pro fio que nem:

- Ocê sabe encava enxada?

- Não, num sei.

- Então vem cá que eu vô ensiná ocê.

Então ocê vai veno tudo certinho, então assim ele vai aprendê.

- Ocê sabe carpí? Ocê sabe fase isso?

- Não, num sei.

- Então vem cá que eu vô te ensiná ocê ,

ocê já vai aprendeno desde pequeno; ocê sabe tirá leite?

- Num sei.

- Vem cá que eu vô te ensiná, ocê vai aprendeno um poquinho hoje, um poquinho amanhã, vai aprendeno.

Ah! Tem que fazê manguerão prá criá porco, então vamo fazê, vamo reuní todo mundo aqui, vamo in fincá os pau aqui, abrí um buraco prá separá porca prá lá, capado prá cá, prá engordá prá lá, e tudo vem dali, né. Agora hoje mudô muito, agora hoje se entende né, mais é difícil, é difícil, o povo já mudô muito. Que nem eu ando prá rua aí, eu vejo coisa de arrupia o pelo, rapaiz, vejo coisa assim que óia, Nossa Senhora!

Que situação, meu Pai do céu! Parece que nós tamo ino pro fim do mundo, num tem mais jeito, memo, acho que prá dá jeito nisso aqui só Deus, e óia lá, ainda, heim!

É um tar de muié largá do marido, marido largá de muié, o marido enche o taco de pinca, começa brigá com o marido a muié discute, começa aprontá prá ela por fora aí, rapaiz, quando vê, a muié com a barriga daquele tamanho daqui a poco vem os fio, o marido num assume a responsabilidade, a muié já fica nervosa, começa judiá daquela criança, sendo que ela num tem curpa, num tem nada a vê, sendo que ela num pediu prá vim no mundo, entendeu?

Aquele devia sê tratado com muito carinho, com agrado, porque ele num pediu prá vim no mundo, né.

É aonde que você nisso indiante, ocê qué chegá prá confiá aquela pessoa.

- Gente, vamo fazê o seguinte, eu acho que essa criança num pediu prá vim no mundo, pediu? Acho que não, né?

Ocêis tem que tomá cuidado, né, assumí essa responsabilidade, tratá dessa criança, zelá dela, prá no dia de amanhã ela sê uma pessoa mais comportada, num sê uma pessoa revortada, nervosa.

- O meu pai num me criou, nem conheço meu pai, nem conheço minha mãe.

Ele tem que sabê que tem pai, que tem mãe que foi criado, mais hoje em dia eu vô contá procê, é esse negócio.

Marcelo:

E escola, prá que serve?

S. João:

A escola já vem prá pessoa sabê a leitura, prá se defendê um poco da leitura, né, então ele vai aprendê a lê, daí ele já vem, favorece mais, ele já num certo ponto, prá ele tê, tirá um documento mais fácil, num passá vergonha em frente um banco, numa leitura, num cartório, ele vai assiná, já começa a tremê a mão, uma leitura feia prá caramba.

Então, é como eu, eu sô desse jeito, prá lê eu sô difíci, passo vergonha, mais passo vergonha e num passo, porque, graças a Deus, eu vivo, tem muita gente que tem leitura e num sabe nome de muitas coisa, eu num troco a minha cabeça a troco de muita gente que tem leitura, não, não, num troco, não.

Graças a Deus eu sei de muita coisa, sei

chegá na hora que é preciso chegá, sei saí na hora que é preciso saí, no meu serviço, sei comportá meu, colega, meu amigo, tudo, né, tudo que vem chegano, a gente tem que sabê recebê, percebê o ambiente, contá prá gente quando num tá.

Ocê, óia na pessoa, ele mesmo conta prá gente o que ele já quer dizer, sabe, ele num precisa conversá comigo, não.

Num precisa conversá comigo, não, ele mesmo já no oiar ele já me conta prá mim o que que ele quer dizer já prá mim, tá veno como que é? Sinto da pessoa de longe.

- Oh, aquela pessoa vai me dizê quarqué coisa prá mim. E vai me dizê memo, e eu já vô em cima conforme for, eu já sei o que ocê qué me falá prá mim, já, eu sei o que que é. Ocê tem que notá quem é quem num é, tudo isso aí ocê tem que notá, entendeu?

Marcelo: E além da leitura, a escola serve prá mais alguma coisa?

S. João: Serve, serve a leitura faiz parte de muita coisa, se ocê num sabe lê, ocê vai pegá um livro aí, um livro é de muita importância, muito ensino, muitas coisas, mais se ocê num sabe lê, prá ocê num serve, num presta nada, então, em vez do livro ficá com raiva, ocê que vai ficá com raiva. É, quem vai ficá com raiva é você, porque, puxa vida, será que eu tamém num podia sabê a meno um poquinho. Não, mais a burrice foi minha memo, num foi dos meus pai, meus pai quis ensiná, eu num aprendí porque eu num quis, né, então hoje eu num tenho nada a cramá, graças a

Deus foi por causa da minha idéia, tinha uma idéia muito fixa.

Graças a Deus, apesar que eu tenho muita fé nos meus pai lá no céu, né, que me ajuda muito , me dá paciência, me dá calma, se a pessoa tá meioner voso. Assim, não, oh, vamo devagardinho, tarveziz amanhã ocê resorve o problema, às veiz num dá prá resorvê hoje, amanhã ocê resorve, ocê vai prá casa, agora ocê deita na sua cama, amanhã cedo levanta tranquilo chega, conversa com a pessoa, resorve o problema, às veiz ocê vai conversá com ele, ele tá nervoso, ocê tamém tá nervoso, vai se ofendê e mais tarde dá uma briga, uma discussão sem precisão.

E a escola, tarveziz, ocê tá com uma pranta na mão de uma casa então, ocê tem que sabê lê, prá ocê conhecê os número, a metrage, prá ocê podê começá, né, começá a casa, alí.

Agora, se ocê num sabe lê, num sabe nada como é que ocê vai esquadrejá uma casa, ocê vai tirá a medida dela, um lado tá com 10 metros, outro lado tá com 5, como diz, o outro chega e diz quem é o construtor daqui, é fulano de tar. Oh, rapaiz, ocê é um bom construtor, heim? Ocê é um ótimo construtor ocê num tá veno. Não, mais eu fiz pela minha cabeça, eu acho que tá certo assim.

Então, ocê já viu, né, antes de começá en tão puxa lá o chefe lá, que nem por exemplo: ocê que é engenhero, fulano dá uma expricação aqui prá mim, é assim, assim, ocê mede tanto lá, tanto aqui, ocê óia aqui, esse número aqui é a medida, aqui tem número tanto, aqui tem tar número, isso é a medida, a ar

tura, depois ocê tem que vê dois e oitenta, dois e noventa, a casa oficial, né, agora, de fundo é mais baxa, dois e cinqüenta, é aonde eu aprendi, sabe?

Marcelo: O senhor aprendeu isso aonde?

S. João: Por mim mesmo, eu tenho uns cunhado meu, que é irmão dela, que é tudo pedreiro, né, eu trabalhava de servente com eles naquele tempo.

- Oh, João, larga mão de sê camelo dos outro, e pega cuié e cita alguma coisa também.

- Mais eu tenho medo, rapaiz, de errá, e o patrão chegá ne mim, dá uma carcada ne mim.

- Mais todo mundo erra, rapaiz, todo mundo erra, seu erro é humano.

E aí, rapaiz, o nossos fio veio cresceno, a necessidade foi obrigano a ganhá um poquinho, mais porque se não ganhava, o caminho ía ficano estreito, então ocê tem que chegá lá, né.

Então foi ino, foi ino, e hoje tamo aí, hoje trabalho bem de pedreiro, sabe, num tenho leitura, mais que diz de número eu conheço tudo, uma pranta de uma casa, se ocê jogá na minha mão, aí, eu vô embora, e num tenho leitura, não, heim.

É por isso que eu falo procê, a leitura, ela serve muito bem, num vô dizê que não, é uma grande coisa prá uma pessoa, se ele tem leitura, ele é outra pessoa, né, mais conheceno um poquinho já dá prá se vivê, né, prá trabalhá em algum negócio já dá, né.

Marcelo: Essa casa aqui, o senhor fez com planta ou

fez na marra?

S. João: Não, eu num fiz com pranta, não, o que deu na minha cabeça, aí eu fiz, né.

Marcelo: Uma boa idéia, né, porque ela não saiu com lado de dez metros, outro de cinco, né?

S. João: Ocê sabe que isso aí, rapaiz, as coisa meio feito às pressa, óia, quando um lado tá apertado, um dormino, um em cima do outro, então a gente junta tu do os fio, vamo fazeno tudo devagarzinho, faiz aqui dum jeito, faiz lá de outro jeito e vamo aumentá isso daqui, os home pega de lá, as menina pega de cá, os rapaiz prá lá, vamo aumentá mais isso daqui.

Agora se no dia de amanhã a Prefeitura for mexê, em alguma coisa, tudo bem, se num mexê, se a gente pudé fazê de tijolo, nós faiz de tijolo, agora, se num pudé, tem que partí prá outros lado, né, prá outras banda, mais isso que eu tava quereno fazê de tijolo, né, então eu tô esperano aí esse problema a D. Ilza, o S. José, que vai resorve isso aí prá cortá, então tamó esperano.

Marcelo: Prá contar o que?

S. João: Os lote, o engenhero vem, vem medino, né.

Marcelo: Ah, sei. Vem vindo chuva aí, né?

S. João: Hi, mais eu tenho um medo de chuva, rapaiz. Calor assim, eu vô contá procê, é perigoso, tempestade, né, e aí já molha a casa, mais graças a Deus nós tem dado sorte, viu.

Tem hora que eu penso em í comprá tijolo, encostá aí, sabe, mais tem hora que ocê num sabe se

vai cortá, no que vai dá, então tem que cortá primeiro prá vê. Que nem, os engenhero vem cortano de lá prá cá, que nem ocê faiz aqui, se eles vem cortano, dá aqui, então aquela casa que ocê feiz num fica nem pro outro nem prá você, sabe.

Se descontrola a medida, eles lá, né, tem que mudá, e a gente tem que esperá mais um poquinho.

Enquanto isso os fio vai casano, vai abri-no, vai saino, já saiu um.

Hi, rapaiz, tenho sofrido muito na minha vida, mais o que eu sofri foi prá mim aprendê, viu. Num acabei de aprendê mais o que eu tenho de poquinho de cabeça dá prá eu criá um pouco os fio defende um pouco a vida, né.

Agora, antes de eu morá com ela, eu morei no Mato Grosso, trabaiano, trabaiei dois ano em Curitiba no Paraná na sacaria dois ano, trabaiei em Londrina, trabaiei em Maringá, Colorado tudo isso aí trabaiei. Depois eu vim pro estado de São Paulo, visitá minha mãe, num vortei mais prá lá, deu certo, arru-meí uma companhera, tô viveno até hoje, aqui em Campinas, e aqui em Campinas num tenho que falá mal dela, não.

Graças a Deus tô viveno, é uma cidade que eu quero bem, viu, tenho amor em Campinas tenho memo.

Marcelo:

Me diz uma coisa, o que o senhor quer é que os seus filhos melhorem, né, acho que é isso que todo mundo quer, né, então como é que o senhor acha que é o caminho prá eles fazerem coisa melhor?

S. João:

O caminho melhor seria o seguinte:

Eu sempre falo prá eles, gente, é o seguinte, eu já tô véio, já tô no meio do caminho prá lá, então eu já até avisei ocêis já, ocêis são novo, então ocêis tem que pensá no cêis agora, então vamo fazer o seguinte, ocêis pricura estudá, sabê leitura, sabê lê, escrevê, mais o meno, conseguí um bom emprego prá você ganhá uma grana, num precisa ganhá muito bem, ocê ganhá mais o meno que aí ela sobra um pouco do alimento seu, e o resto ocê aprica num imóvel, num terreno, memo morano comigo.

Mais ocê tem que pensá no dia de amanhã, que ocê vai pagá, então ocê tem que pensá já na sua família, entendeu?

Então teno o terreno, ocê já vai construí uma casa, você num vai pagá aluguer, ocê vai depender do que é seu mesmo. Cê vai já encaminhar cada um que vai casano, se pudé í comprano um terreninho, previnino, né, e amanhã casa e já vai pagano o que é seu, pelo menos já tem o terreno pronto, já vai fazer no e num pode fazer tudo duma vez, vai fazer um cômodo, entra dentro, e nas hora vaga vai botano tijolo lá, e vai mexeno de noite, lá, a muié faiz massa e ele vai sentano tijolo lá, e vai embora, quando vê tá outro cômodo dele lá.

Marcelo:

Como que faz prá arrumar um bom emprego?

S. João:

Prá arrumá um bom emprego, rapaiz, isso aí depende muito da pessoa também, né, hoje em dia tá ficando difícil prá arrumá um bom emprego.

Ocê, prá arrumá um bom emprego numa firma,

quase que ocê precisa entrá lá com uma gravatinha ,
uma borboletinha quarqué coisa, que nem devogado, se
não os cara vê ocê lá e:

- Puxa vida, da onde que veio esse home?

Tarveiz o cara tem uma boa inteligência ,
trabaiadô, honesto, mais eles não, eles num vão atraiz
disso mais, eles tão ino atrais mais de beleza, de
cara bonito, de cara cheio de coisinha, sabe?

E aonde tá dano muito pepino, nos emprego ,
é isso aí, eles tão correno atrás dessas coisa.

Às veiz a pessoa tem o rosto avançado tudo
mais tarveiz ele num tem uma idéia fixa, vai passá
dor de cabeça pro patrão e aquela coitado feio, todo
esfarrapado, ele vai lá, num dá dor de cabeça.

No emprego, tem que sê assim, a pessoa tem
que sê formado bem na leitura, uma leiturinha assim
e uma boa presença, né, tem que respeitá a pessoa
quando tá com outra, conversá, entendê, né, tudo is-
so aí né, que é importante.

Agora, tem muita gente que não, ele num po
de chegá lá no emprego num arrumá emprego e ficá den-
tro de casa, daqui a pouco:

- Oh, vô trabaiá de servente, daí vai tra-
baiá de servente.

Marcelo: E a garotada nova, aí, é bom eles irem na
escola ou arrumar um servicinho prá fazer, a garota-
da de dez, quinze anos?

S. João: Oh, rapaiz, encrusive os meus, os meus, gra-
ças a Deus, até hoje, não me deu dor de cabeça, não.

Óia, essa daqui tá em casa porque tá doente, o máximo tem escola, mais o resto de manhã cedo, não fica ninguém, ajuda um poquinho a véia aqui, arruma a cozinha, lava alguma coisa, lava uma roupa, caba de lavá cada um dá um jeito, agora a noite vem chegado.

Marcelo: Escola. Tem algum que está na escola?

S. João: Só o Marco e a outra pequena, né, a outra tava estudano tamém, parô um pouco aí, agora ela vai começá tarveiz de novo, e o resto tá trabaiano.

Marcelo: Eu passo fazer uma pergunta para você, assim, você já falou muita coisa que eu achei bonita.

Eu quero fazer uma pergunta daquele negócio que o senhor falou da gente aprender um com o outro.

Eu queria fazer uma pergunta prá você: O que é a Matemática prá você?

S. João: Bom, a Matemática, prá mim, ela é uma coisa muito boa, mais tarveiz eu num sei expriçá, porque eu num sei ela, né, éisso aí, agora tarveiz a pessoa sabe a Matemática, ela que vai expriçá prá mim o que significa ela, né, prá mim, tem que sê ensinada por outra pessoa, porque se eu num tenho ela, então eu vô, pego de outra pessoa que sabe mais que eu aí ela vai expriçá como é que ela é começada, como ela é criada, prá que que ela serve, né, tudo isso aí tem que sê expriçado.

Ela vem de lá prá cá prá mim, né e é aí que eu vô pegá ela, e sabê como é que eu vô fazê com a Matemática.

Então a escola que eu tenho é curta prá isso aí, né, eu tenho a idéia, né, mais num tenho a escola, o curso disso daí, né.

Marcelo: Mais me diz uma coisa, seu João, prá fazer uma casa dessa, num precisa ter Matemática?

S. João: Não, num precisa, a casa é o seguinte:

Ocê tem uma idéia fixa, teno uma idéia do que você vai fazê prá começá ela, né, então se ocê num tem a pranta dela, então ocê faiz um rascunho, ocê pega um caderno, ocê faiz um quadrádinho, desenha a casa, então ocê põe todos os cômodos, tem tantas pessoas dentro de casa, né, então eu vô desenhá quantos cômodos eu vô sê preciso fazê. Esse daqui, com tantos metros, a mema medida do de lá passa prá cá, aqui tamém, esse aqui tamém pode sê mai menor, que vai ocupá menas pessoa, né, vai dormi menos pessoa, mai menor um poquinho, o banheirinho com tantos metros, esse daqui com tantos metros.

Então, no fim, eu somo na idéia, na idéia, eu num sei escrevê, não, eu somo na idéia, junto ele tudo, a metrage do que tá ali, somo, lá na idéia já sei quanto que ela vai dá, daí pela metrage eu já peso os tijolo na medida, já pesso na medida.

Marcelo: E isso num é sabê Matemática, seu João?

S. João: No meu modo de pensá, acho que num é, talvez é ela, né, é ela mais a gente num tá acostumado rapaiz, é o tar negócio, eu jogo tudo aí, somo aí na idéia, junto com aquele um que tá na idéia, aí já sei quantos metro vai dá, e já sei quantos tijolo eu vô gastá nela alí, prá levantá ela.

Marcelo: O senhor já trabalhou muito de pedreiro?

S. João: Não, não, rapaiz, eu tô mais o meno com vinte ano de pedrero.

Marcelo: Esse poço que tem aí fora, ele tem tijolo aí em volta ou não? É só terra?

S. João: Não, é só terra.

Marcelo: E como é que o senhor fez prá fazê o poço?

S. João: Ah, rapaiz, esse poço aí eu vô contá procê foi o único poço que deu sorte prá mim, foi esse poço aí, porque incruzei quando eu vim morá aqui, eu fiz um aqui, num deu certo, a água sujava, dava que nem ferruge na águaalí.

Daí eu mudei lá prá trás, fiz lá atraís ta mem, afundei mais na metrage mais fundo, mais a água sempre sujano, dava num segundo ferruge, a terra não permitia, dava ferruge na água.

Aí o vizinho veio aí morá do lado, fez um poço aí e a água dalí deu boa, sabe, então eu falei:

- Eu tamém vô furá um tamém do lado de cá, vô vê se eu acerto aqui, porque tem muita água, quem sabe dá certo.

Aí eu furei, e já tá com onze ano já, e num chega tê dois metro, não, ele tem um metro e cinquenta de fundura, só, quando num chove muito, em cada semana, toda semana precisa esgotá, esgota ele então eu tiro os pexinho de dentro, ponho numa vasilha porque tem peixe aí dentro, ponho numa vasilha separado, aí esgoto ela tudo.

Prá esgotá dá trabaio, rapaiz, é uma mina, rapaiz, quando encontra a água, sobre prá cima, a bixa pula longe, clarinha, a água.

Eu tô pensano, rapaiz, no dia de amanhã, puxá água encanada, porque se eu vô fazê algum melho_{ramento} aqui, eu tenho que puxá um banhero, e banhero necessita de água encanada, porque aí coloca uma caxa d'água em cima prá descê o encanamento.

Marcelo: O senhor fala que num sabe Matemática, mais sabe a metragem, tudo, então quando o senhor vai pagar o ônibus, também não tem problema nenhum?

S. João: Não. Não, encruzive a mulher, quando eu e minha mulher vamo fazê a compra junto, encruzive ela qué que eu vá junto com ela tamém, encruzive ela sa_{be} lê muito bem, mais ela num sabe fazê umas conta direito.

Eu pego esse objeto aqui, ele tem um preço né, põe no carrinho, esse aqui tem tanto, então eu pego esse outro aqui, tem outro preço, então eu já somo esse daqui com esse daqui, põe no carrinho, já tô sabeno quanto que tem lá, então vô ino pelo dinheiro que tem no meu bolso, vô pono lá, aí eu sei falá:

- Oh, isso aqui já dá tanto, e conforme o dinheiro que eu tenho aqui no meu bolso, num vamo pegá mais senão nós vamo passá vergonha lá.

- Chega lá, dá em cima certinho na cabeça.

Eu vô trabaia prá um professor, ele vai me pagá por hora, né, tanto por hora. Então tem que fazê a conta prá vê quanto que vai dá por dia, tanto

por dia.

Então se o cara farta dez mir réis que for eu sei.

Marcelo: Vocês aqui manda as crianças os que não são mais criança, o Marco, vocês mandam eles fazerem com pra prá vocês, ou não?

S. João: Quando é pequena.

Comprinha pequena, um pão, um leite, a gente manda, né.

- Óia, o pão custa tanto, o leite custa tanto, então dá tanto, entendeu? Tem que vortá tanto aqui em casa.

- Tem que vortá tanto ocê tá vendo eu explicá procê. E se gastá com doce lá aí eu já fico sabeno, já num vorta que nem eu dei a conta prá ele, vorta menos, né.

Marcelo: Agora, já teve vezes do senhor não falar prá eles e eles fazerem a conta, assim, ou não?

S. João: Encruzive, eles já tão mais ou menos por dentro já, manda buscá um pão, dá o dinheiro.

- Quantos pão é prá trazê, mãe?

- É prá trazê treiz, um saco de leite.

- Quanto tá o leite?

- É tanto.

- Então o pão é tanto, dá tanto, né mãe?

- Óia, num me gasta mais o resto, heim. O troco é prá trazê aqui em casa, num vai ficá comeno

doce pro buteco, não, vem traiz aqui.

- Vai lá comprá traiz o dinheiro.

- Tá certo, mãe.

- Tá tudo certo.

Tem hora que o bixinho também tá com vontade comprá um doce, também a gente num vai falá que não, né, sai de casa e num compra nada, fica aí perdendo a viagem e fala:

- Oh, mãe, o pai num deixa comprá nenhum doce prá gente.

- Então, vai lá comprá um doce, mais num vai acostumá, não, heim.

Então aí vai e compra, tudo bem.

Mais é legal, rapaiz, eu faiz muito tempo que moro aqui nesse lugarzinho, num tenho que falá não, é a gente mesmo se defende, se vê alguma coisa errada, se ocê tá sozinho, ocê num vai chegá de uma hora prá outra, né. Se ocê tem um amigo, um cunhado, que for, se ocê quisé dá um conseio.

- Gente, ocêis tão discutino isso aí, vamos cabá com isso daí, vamo embora prá lá, dexa prá outra hora.

- Ocê sabe que ocê vai brigá aí, a polícia vem, aí tudo mundo vai ficá sabeno disso aí.

Marcelo: E o Marco? Vai voltar pro núcleo ou não vai?

S. João: Ocê sabe, rapaiz, a chefe dele, outro dia veio perguntá prá muié, porque num dexa ele vim aí sabe. A Rita expursô ele de lá, e eu achei que a dis

cussão num foi muito honesta, não, porque o negócio tem que sê meio organizado, né.

Porque chama ele a atenção, chama o pai e a mãe, exprica prá eles:

- Oh, fulano, tá aconteceno assim, assim, tá aconteceno.

Não expursá, né.

Marcelo:

Agora ela está de férias, né?

S. João:

Ela tá de férias, e ela expursa muita criança daí, sabe, eu acho que num deveria de expursá, não. Agora tem uns molequinho aí, esse molequinho já foi expurso da escola lá de cima, num vai mais lá na escola, num obedece ninguém lá dentro; falá prá ele e num falá é a mema coisa, agora, batê, o pai vem criá pensão aí num pode, né, aí o que fazem, expursa ele de lá, né, ele vem aí, o moleque faiz o que qué, aí rapaiz.

Eu num vô conversá com ela, quero que ela fique aí, mais no dia que tivé uma reunião aí, então nós vamo conversá.

Marcelo:

Então pede prá fazer uma reunião aí, porque às vezes vai esperar fazer e demora.

S. João:

Então nós vamo falá com os pais, fazê uma reunião aí, prá vê como é que vai ficá, porque eu acho que isso aí, num pode sê assim, né.

Se a criança erra, então vamo chamá o pai, a mãe e não expursá.

- Óia, ocê num me faça mais isso daqui, heim, num me faça mais porque se fizé, ocê vai saí

fora e num vai vortá mais, então obedeça:

- Se fulano quer brigá com você, ocê num briga com ele, vê o que ocê pode fazê com ele aí.

Marcelo: Seu João, eu gostei muito de saber da sua Matemática aí, que o senhor diz que não é Matemática acho que vai ser muito bom aqui. E das coisas da compra, foi muito bom, e depois se o senhor lembrá de mais exemplos de coisas que o senhor acha que usa Matemática, assim mesmo sem saber, o senhor diz prá mim, né, porque na passagem usa, na compra usa, prá fazer casa usa, bem, no olho aqui vê sabe quantos tijolos precisam, sabe fazer essa casa bonita, toda bem arrumadinha, não tem nada torto, tudo certinho.

Agora, se o senhor quiser falar mais alguma coisa, prá gente terminar aqui a entrevista.

S. João: Não, outra hora a gente conversa mais um pouquinho, quando tivé mais tempo.

Marcelo: Não. Tempo tem. Se o senhor lembrá mais coisas de quando o senhor usa Matemática, na hora do trabalho, o senhor diz prá mim.

S. João: Num metro quadrado, quantos tijolo baiano ocê acha que vai num metro quadrado.

Marcelo: Como que é tijolo baiano, é aquele comum, quadrado, furadinho?

Eu acho que vão ... uns doze.

S. João: Vai vinte e cinco tijolo.

Marcelo: Vinte e cinco tijolo?

S. João: Por metro quadrado, porque são cinco impia da de cinco, né.

Marcelo: Como que é o tijolo?

S. João: É aquele que tem 8 furo, 8 furinho só.

Tem uns que tem 19, outros 16, esses tem 20, né. Daí ocê soma 20, 20 com 20 dá 40, mais 20, com 20 dá 80, né, daí ocê põe mais 20, são um metro né.

Marcelo: E beleza, não? Então quer dizer que um metro quadrado dá 25, heim? E eu pensando que era uns 12.

S. João: Às veiz quebra, né, na marração quebra um no meio, então lá dá amarração e aqui dá amarração, né, daí ocê divide um pedaço lá, outro aqui, agora os de cima já vai intero.

E é isso aí, rapaiz.

Marcelo: O senhor faz tudo na cabeça, né, num escreve nada, não?

S. João: Não.

Marcelo: Sabe dizer quantos vergalhão precisa também, sabe dizer tudo. O senhor tá fazendo alguma casa por aí, não, né?

S. João: Não, encruzive, eu tô trabaiano de guarda, agora, rapaiz.

Eu trabaiei dois ano numa chácara aqui em baxo, eu e um cunhado meu, que é irmão dela.

Então, eu tava trabaiano, tava ino tudo bem rapai, mais começô entrá um pedrero novo lá, ocê sabe que é quando o bixo quando é novo, eles num sabe dá valor no serviço deles, sabe. Além deles num

dá valor no serviço deles, eles estraga o ambiente teu, compreendeu como que é?

Então ocê tá dentro de uma linha que ocê tem que ganhá um dinherinho prá ocê se vivê, se controlá, ocê tem que comê e sobrá um poquinho pro remédio.

Aí tem que carculá aquilo alí, os outros num pensa, pensa só em comê só, e tudo bem.

Então eu falei pro meu cunhado:

- Óia, o negócio tá ficano meio esquisito, vamo pará com isso daqui.

- Eu vô pará, se ocê quisé continua com isso daqui, tudo bem eu vô pará.

- Num vô ficá lá trabaiano de graça prá ninguém, porque eu preciso comê, bebê e tratá da minha família, também, agora eles acha que precisa disso daí então fica prá eles isso daí e nós vai embora.

Aí eu saí. Campinas tava ruim de serviço pra pedrero, mais ruim mesmo, encontrava com colega, falava:

- Oh, rapaiz, mais tá ruim, viu, num encontro serviço em lugar nenhum de pedrero, não, e quando acha, já qué sabê quanto ocê cobra prá fazê.

Ocê que é pedrero véio, ocê sabe quanto custa o metro, ocê dá, é tanto.

- Oh, ocê passa aqui amanhã, que a gente resorve.

Amanhã ocê vorta lá e fala.

- Oh, rapaiz, eu achei um que faiz pela metade.

- Então, se ocê acha que ele faiz pela metade, então ocê dá prá ele, então eu fico de fora, é mió.

Aí eu fiquei ino prá lá, prá cá, nunca dava certo, então eu fui no tar de Voksvagem, pra sê vendedor de carro, né.

Chego lá, um colega meu falô:

- Seu João, tão quereno arguém prá serviço lá em Valinho, o senhor entra lá.

Então eu fui conversá com o véio, lá, o véio é major aposentado e ele é o chefe da firma, lá.

- Oh, major, num tem serviço de pedrero aí não?

- Óia, João, serviço de pedrero num tem não, vai tê daqui uns dois, treis meses lá em Valinhos, nós vamo iniciá um barracão novo lá, mais vai demorá, e justamente nós tamo precisano no momento de um guarda, ocê num qué trabaia de guarda, não?

- Óia, seu major, eu nunca trabaiei de guarda, eu nem sei pegá arma de fogo na mão, isso aí é um negócio meio estranho, eu não me dô muito com esse tipo de coisa, não.

- Não, mais ocê num sabe atirá?

- Atirá eu sei, mais eu acho que eu num pego bem esse negócio de arma, pindurada no ombro é estranho prá mim, num gosto disso daí.

- Não, mais ocê tenta, vamo vê se dá certo.

Aí eu entrei, rapaiz, e eu com essa brincadeira, já tô lá 6 mês, já, registrado, recebo meu ordenadinho, num é grande coisa, mais prá comê, dá, né.

Marcelo: E lá de vigia, o senhor só usa Matemática, prá calcular as horas, né, o resto não precisa, não.

S. João: Picá cartão, oiá. o relógio lá vê se tá da no a hora certinho, talvez o telefone toca lá, vô atendê o telefone, quem é fulano de tal, ocê liga prá fulano de tal, marca isso aí, pego a lista, telefônica, vô na lista, acho o telefone, acho o número do telefone dele, já ligo prá ele também.

Marcelo: A lista lá é de dentro da fábrica, né?

Tá tudo certo, então, seu João, o senhor , lembrano de mais coisa, aí o senhor fala, então, que eu acho que essa chuva vai caí da boa aí, não?

S. João: Que Deus traga uma chuva bem mansa prá nós prá molhá bem a terra.

ENTREVISTA 3

Entrevistada: Josefa.

Marcelo: Hoje é dia vinte e sete de abril de mil novecentos e oitenta e seis, vamos começar uma entrevista com a Dona Josefa. Dona Josefa, de onde que a senhora veio?

Josefa: Eu vim de Fernandópolis.

Marcelo: Fernandópolis da onde?

Josefa : Alagoas. Éta já menti!!

Marcelo: Não tem problema. (risos)

Josefa : É aqui estado de São Paulo.

Marcelo: E antes de Fernandópolis?

Josefa : Vim de Arapiraca, Alagoas.

Marcelo: E antes de Arapiraca?

Josefa : Pra aqui.

Marcelo: Certo, mais antes pra trás.

Josefa : Prá trás vim pra Piracicaba.

Marcelo: E a senhora nasceu aonde?

Josefa : Nasci em Bom Conselho de Topacaça, que é Vila de Garanhões.

Marcelo: Garanhões, Pernambuco?

Josefa : É, Pernambuco.

Marcelo: Conta uma coisa pra mim: como que era lá onde a senhora nasceu, tinha muita festa, muita coisa?

Josefa : Viche Maria!!! Mais tinha tanta festa, zabumba, cada festa linda! Reizado, num sei se você sabe daquele que tem que pô com aquele chapéu assim na cabeça e sai dançando. Ah! Mais era uma beleza, viu!

Marcelo: Eu num sei muito como que são essas festas, não, explica prá mim direito?

Josefa : Você num sabe?

Marcelo: Num sei, eu num nasci lá, eu num conheço.

Josefa : Nossa! É uma beleza, viu! Tem a festa do Zabumba, tem

butiquim, aquelas coisa alí, tem carrocé, tem roda gigante, tem barco, tem tanta coisa boa lá!

Afe Maria!!! Lá era uma beleza, viu?

Marcelo: Qual a festa que a senhora gostava mais lá?

Josefa : Eu gostava mais daquela festa de Santo Rei; Santo Rei , não, daquela de ... isso mesmo, festa de Santo que chama de festa de Reise, dia de ano.

Marcelo: E o pessoal ía muito fantasiado, e tinha dança?

Josefa : Viche!!! Tinha bastante, vale que tinha lá que o povo gostava de fazê.

Marcelo: E quando a senhora foi pra Alagoas, tinha muita festa boa lá também, ou não?

Josefa : Tinha. Oh viche!!! Era quase o mesmo jeito tamém.

Marcelo: Tinha alguma diferente ou era tudo igual mesmo?

Josefa : Tudo igual; só essa de Reisado que o povo, que eu nunca tinha visto, que quando eu cheguei em Alagoas que começou essa festa que era do Reisado assim: sofona, compra aquele chepêu todo enfeitado de espeio. Até eu dancei tamém, até eu fui dançadera dessa festa quando eu era sortera.

Marcelo: Por que que a senhora saiu de Pernambuco para Alagoas?

Josefa : O meu pai que levô nós pra Alagoas, aí foi o tempo que largô minha mãe, nós fiquemo eu com minha mãe, meus irmãos. Aí meus irmão casô e depois eu fiquei, daí com o tempo eu casei tamém.

Marcelo: E aí, a senhora veio prá cá já casada?

Josefa : Com oito dia de casado eu vim aqui pro estado de São Paulo prá Fernandópolis.

Marcelo: E por que a senhora veio rá cá?

Josefa : Porque meu marido quis vim, minha família veio tudo e nós veio tudo junto.

Marcelo: E a senhora sabe por que seu marido quis vim?

Josefa : É, naquela história que ganhava dinheiro, que tava ganhando

do bastante dinheiro aqui no São Paulo, num sei o que! E aí, oh!

Marcelo: E essa história está certa ou não?

Josefa : Ah! Sei lá, num sei, não! Pode sê que teje certo nesses tempo antigo, mas agora eu acho que num deu certo, não, porque sei lá, né!

Marcelo: E quando a senhora veio pra Campinas, a senhora veio direto aqui pra Vila Nogueira, São Quirino ou foi pra outro lugar antes.

Josefa : Não. Eis que nós viemo primero pra o Anhembi, Rio de Piracicaba, que nós viemo tomá conta da fazenda do meu compadre, compadre Adalberto. Aí depois de lá o compadre Adalberto breganhô a fazenda com mais um primo dele. Aí foi que meu marido veio trabaiá aqui uns seis meis , aí minha família tava morando aqui, minha mãe, minhas irmã, aí ele chegô, veio pra qui, aí nós viemo, nós mudamo de lá pra cá.

Marcelo: Pra cuidar da fazenda também, ou não?

Josefa : Não, aqui memo pra Campina, aqui memo onde nós tamo morando no barraco.

Marcelo: E aqui, veio pra trabalhá?

Josefa : É, trabaiá.

Marcelo: Trabalhar em que, heim, dona Josefa?

Josefa : Pelo menos trabaiá de doméstica, agora num tô trabaiano, mais porque tomo conta do Rodriguinho e o meu marido trabaia de servente de pedreiro na cidade, minhas meninas trabaia. Uma menina trabaia no carrefú, outra trabaia de eletrônica aí na fábrica, num sei o nome da fábrica, e outra trabaia de vendedora.

Marcelo: E fora esses, tem o Rodriguinho, tem o Elivelton?

Josefa : Tem o Rodrigo, o Elivelton, tem a Rita, tem o Dedé e o Damião, a Maria José e a Jose, e a Maria que é essa que casô, que é a minha fia mais véia que casô que tem dezo nove ano.

Marcelo: O Dedé trabalha já ou não?

Josefa : O Dedé trabaia, ele trabaia de padero, mas agora num tá trabaiano, quem tá trabaiano agora no Carrefú é o Damião.

Marcelo: Então quer dizer que a briga é boa pra levar eles. São sete ao todo, ou não?

Josefa : É oito, tinha gêmeo, era gêmeo que eu tinha, era Cormo e Damião, mas o Cormo foi e o Damião ficô, é esse que tem quinze ano.

Marcelo: Quando a senhora veio pra morar aqui na Vila Nogueira , foi muito difícil pra construir esse barraco, como foi essa história?

Josefa : Não, meu marido comprô feito, dois comdo, depois ele trabaia na firma, aí ele ganhô dois caminhão de maderito aí terminô de fazê o barraco.

Marcelo: Que firma que ele trabalhava ou trabalha?

Josefa : Trabaia na..., cê sabe que eu esqueço o nome dela. Esqueci, num sei não, porque ele já trabaio em tanta firma!

Marcelo: Tá bom... (risos)

O que a senhora acha daqui do núcleo; o que a senhora pensa disso daqui funcionando com a criançada?

Josefa : Viche Maria!!! Isso aqui é uma beleza, viu! Aqui é uma diversão pras crianças, se vê pelo meu, né!

Porque eles fala bem daqui, o ano passado num era tanto, porque o Elivelton era muito levado, viche!!! O ano passado era demais, mas esse, não. Essa história dele ir pra igreja lá no Liceu tá muito bom, num responde mais tão cento por cento, o Elivelton, a Rita tamém, o Rodrigo fala muito bem daqui. Enfim, todos, né! É uma beleza esse clube aqui!

Marcelo: E que mais do núcleo que a senhora acha?

Josefa : Ah! Aqui tá tudo bem, né! Que nem essa história de fazer horta que eles inventaro agora. Ah, enfim, tá tudo bom!

Marcelo: Tem alguma coisa ruim?

Josefa : Não, aqui não, aqui que eu achasse, não, tá tudo bem.

Marcelo: O que que a senhora acha aqui dessa associação de moradores? Pode dizer?

Josefa : Como assim?

Marcelo: O que a senhora acha que a associação tá fazendo de bem e de ruim, que tá deixando de fazer?

Josefa : Ah! Por enquanto, alí aonde a gente mora tá muito ruim, porque já tá pegando uns quatro ano que eles em vez de fazê essas casa, num sei o que. Tombaro aquela terra to dinha lá pra medi esse terreno, mais nunca viro nada, e nós mora naquele pinhão lá, né! E parece que num vai virá nada naquele pinhão lá, agora sei lá, vamo vê,né! Daqui pra frente, né! O que é que vai virá.

Marcelo: A senhora participa da reunião de uma das duas repartições.

Josefa : Participo, domingo mesmo houve, né! Eu num vim porque eu tinha viajado pra praia com as minhas crianças, então meu marido num deu pra í, porque ficô sozinho, viajei com tudo e ele ficô só e num deu prá ele vim.

Marcelo: A senhora participa do São Quirino, né? Onde seu Sebastião é presidente, né?

Josefa : Da outra tamém, que era daquele moreno... do Tiãozinho, participo tanto faz da dela como... é porque é junto , né! Então, essa de domingo é do seu Sebastião, né? Já nós num participô num sabe nem o que aconteceu, porque o meu marido num veio.

Marcelo: E o que a senhora acha que pode fazer assim, pra melhorar a associação de moradores?

Josefa : Num sei! Ah Bondade, né! Que tem que fazê,né! Porque num tô vendo bondade nenhuma.

Marcelo: O que mais assim a senhora gostava quando tinha festa aqui na favela, a senhora chegou a vir na Festa da Pri-

mavera que teve, Festa de São Sebastião?

Josefa : Nunca vim, não, nessas festas daqui nunca vim. Eu num gosto bem de vim. Sei lá, depois que eu vim do Norte eu fiquei meia num...

Festa que eu mais gostava de í era de Santo Rei, ocê sa be, tinha nesse pátio aqui, mas eu nunca participei, não, só aqui em reunião de festinha que eu vim de dia de festa das criança, né! Que a Bel veio, que trouxe aquele menino, como que é o nome dele? O que dá ensino que ensinava de primero a Rita?

Marcelo: O Valmir?

Josefa : O Valmir, quando ele trazia presente pras crianças, então daí eu vinha com as minha crianças, mais nessas outra festa, não.

Marcelo: E porque que a senhora num têm vindo mais nessas festas?

Josefa : Num tô podeno vim não.

Marcelo: Fora resolver o problema da casa aqui na favela, o que mais de bom que precisava aqui na favela?

Josefa : Viche Maria!!! Isso í precisa muitas coisa, viu!

Marcelo: O que, por exemplo?

Josefa : Óia! Só esse esgoto aí, fedido.

Esse esgoto fedido que a gente precisa fechá até as porta quando vem a descarga, daí num sei da onde. Fedido que ninguém gumenta. Lá em casa mesmo precisa fechá até as porta, lá em casa só não, dos vizinho tudo. Que é um fedô, que a gente pensa que é até uma coisa. Ah! Que é uma carniça em vida que vem pra dentro de casa. O principal era esse aí, que tenha que sê feito lá em casa mesmo quando chove.

Tem esgoto que passa assim, oh! Na bera, toda água no fundo de nossa casa que uma criança num vai nem no fundo quando chove porque é um lamero. Meu marido já fez num sei quanto esgoto abrindo pra vê se sai toda água, só

desce aquela sujera dos outro barraco, só desce pro fundo do meu barraco. Então, e lá já foram o povo da prefeitura oiá. Até quando a dona Ilza ainda tava aqui e diz que ía arrumá e até hoje, nunca arrumaro. Por isso que eu falo, ali sei lá pode até sê que tenha bondade dele mais acho que não. Poruque que tempo no mundo que esqueça a carterinha que tem que fazê, porque a primeira carterinha que foi recebido, foi na minha casa que eu fiz numa reunião que foi muito bão.

Nóis recebemo essa cartera tá pra mais de quatro ano , cinco ano, que nós fizemo essa reunião pra fazê esses discurso, essas casa num sei o que, e tá no mesmo jeito.

Marcelo: E a senhora acha que essas coisas num sai por causa da associação, por causa da prefeitura, por causa de todo mundo, por causa de que?

Josefa : Ah! Eu num sei, agora eu nem sei falá, porque eu num sei se a prefeitura tem alguma coisa com isso, sei lá , né! Pra modo de eu dizê, já vai vê que prejudique alguma coisa, então eu fico quieta.

Marcelo: Mas a senhora pode dizer aqui o que a senhora quiser , porque isso daqui num sai daqui, tá! A senhora não vai parar na prefeitura não, tá! (risos)

Josefa : Eu já fico quieta, já fico calada, nem sei de que é que vai saí, se é da prefeitura, se é daqui mesmo do povo que participa, né! Sei que duma coisa divia acontecê , né! Ou se é de nós memo se é juntá todo mundo se reuní, num sei.

Marcelo: Dona Josefa, a senhora acha importante que as crianças, os seus filhos, os filhos aqui dos vizinhos, que eles conheçam bem a favela, que eles conheçam esses problemas da favela ou a senhora num acha importante?

Josefa : Ah! Claro que eu acho. Até outro dia foi você que mandô pra Rita e outras menina contá os barraco, né! Mas a Ri

ta num foi porque esperô; a minina diz que chegô lá às cinco hora. Ocê acha que a menina ía saí uma hora dessa lá pra casa? Mentira! Rita esperô: - Seis hora que o tio falô que era pra nós saí pra contá esses barraco todo; - então eu vim com ela.

Mas eu disse: - como é que ocêis vão contá barraco um por um porque tem no fundo?

- Nós procura o povo pra dizê quantos barraco tem no fundo das casa, né!

Mas ela esperô e a menina não foi, mas a menina diz que foi, mas ela não foi, inté a gente ficô sentido, inté a gente falô pra menina mais...

- Ah! Eu vim a cinco hora.

Eu disse: - Mentira, porque a irmão minha chegô às seis hora, e eu fiquei esperando você e você num chegô, que era a menininha que é subrinha da Dona Ilza que ficô de í junto com ela, que ela não foi.

Marcelo: Então a senhora acha importante eles conhecer isso assim, por quê?

Josefa: Ah! Porque é bão, né! De que ocêis manda, porque já é bão pra eles, né! Porque eles já sabe alguma coisa a mais, né! Que nem né, o Elivelton falô dos caroço de feijão que ele pediu inté um pacote de feijão pra mim, de modo pra ele contá quantos grão de feijão tinha no pacote.

Então isso tudo é bom pra eles porque eles já sabe fazê mais conta, já sabe como eles dirige aquelas conta direi_{ti}inho é, tudo é bondade pra eles.

Marcelo: É, a senhora sabe como isso foi feito? Foi assim: Eu conversei com eles, juntei todo mundo e perguntei: - Bom, o que vocês querem saber? Aí surgiram umas dez coisas, no começo eles começaram brincando.

- Ah! Eu quero aprendê a namorá.

- Ah! Eu quero fazê isso.

Mas depois eles começaram: - Ah! eu quero saber quantos feijão tem no saco, quantas bananas tem, quantos barracos tem, foram eles que escolheram, nem foi eu que mandei.

Aí, cada grupo escolheu um e ficou com um. Agora tem outro que o Elivelton entrou também, que está vendo a horta, de cuidar da horta. Estamos fazendo uma planta, uma coisa dessa, tá! Agora então a senhora acha que fazendo essas continhas vai ajudar eles? Como é que é?

Josefa : Ah, muda, muda bem, muda sim.

Marcelo: A senhora acha que a escola ajuda eles muito, pouco, como que é?

Josefa : A escola lá onde eles estuda?

Marcelo: Sim, é.

Josefa : Ah, ajuda muito. Ajuda porque o Elivelton, o ano passado, o Elivelton num sei se era porque ele era muito levado demais, ele tava muito ruim, né!

A professora até mandô avisá pro meu marido que era pra modo de eu í na reunião, né! Que o Elivelton tava muito ruim, tava respondão, aí o Elivelton tava muito ruim, foi duas vêiz, então ele miorô mais cento por cento, porque eu fui na última reunião prá recebê a prova dele, então a professora falô assim: que a crasse dela era toda de menino levado e que o Elivelton era um menino levado memo, mas o Elivelton prestô atenção de tudo que ela fazia, na lousa, Elivelton e uns quatro menino, e o Elivelton passô de ano no primeiro, de primeira mesmo, o Elivelton passô.

Então, por isso, que eu digo, né! Tudo bão, olha esse ano como melhorô prá ele.

Porque o Elivelton tá qui, num sei se ocê alembra, o ano passado, porque o Elivelton era muito. Muitas vezes man

daram me chamá lá em casa pra modo de eu vim, chegava aqui, pegava ele jogando pedra no telhado, né! E eu vinha saí até correndo alí pra cima, porque ele tinha medo de apanhá. Porque ele apanha, num nego, procê, ele apanha. Então agora não, ele tá um menino lindo! Uma beleza, tá o menino.

Eu digo, se ele tivé fora brincando com os outro de biroca, essa coisa assim. Se eu digo: - Passa pra dentro, Elivelton, de dia não de noite, assim eu ponho ele pra dentro. Pois de primero, quando eu morava ali na entrada, ele corria, agora não, eu já falo com ele, ele já entra pra dentro de casa. Ele se abraça comigo, ele me beja. Ah, mais tá uma beleza!

Agora memo tava falando pra Vera lá dentro, que eu nunca vi um menino como miorô daquele jeito, viu! A Rita não, a Rita toda vida foi carmazinha, nunca respondeu aqui e pra professora lá. Ela mesma falô pra mim que nunca viu menina boa que nem aquela.

Marcelo: E a senhora acha que essa melhora dele lá na escola é por causa do núcleo ou por causa da igreja?

Josefa : Ah! Eu acho que é pelos doi, viu fio! Eu acho que é tanto pelo ensino daqui, os conseio que tanto você como a Vera e as outra dão pra ele. Porque a dona... do Vok branco, eu num sei o nome dela...

Marcelo: Dona Sara.

Josefa : É, dona Sara, deu muito conseio pra ele também, que ela gosta muito do Elivelton também, da mesma coisa que você. Que ela sempre falô pra mim que adorava o Elivelton, que os outro ela dava conseio e num tumava mas o Elivelton, ela dava conseio e ele tumava, né!

Então, é pelos dois. Eu acho que é tanto pelos treis, pelo grupo, pelo ensino que elas dão; porque eu tô em casa eu dô ensino em casa e lá elas dão ensino pra eles

sê gente. Eu dô pela uma parte e ela dá pra outra, que ainda miora pra eles sê gente, porque eu por mais que dô ensino pra eles, mas eu num dô pra eles aprendê lê pra eles sê gente, né! Porque eu num sei de nada, eu já sô uma burra porque eu num sei lê e eu como é que posso ensiná um fio, num ensino! e lá elas tão ensinando.

Então, quer dizer que em casa eu dô o ensino dele de outro jeito e lá elas dão o ensino de outro jeito, quer dizer, que tudo isso é miora pra ele, tanto aqui que da igreja.

A igreja e o padre dá ensino, né! Que num pode respondê pra mãe, num pode responde po pai, tem que sê amiguinho dos colega, né! Então quer dizer que aquilo tudo vai, ele vai vendo. Porque ele é coroinha deles lá e já sabe o que isso tudo significa, né!

E eu acho que é os três, as três escola que dá o ensino pra eles, pra ele miorá.

Marcelo: Diz uma coisa: o que que é educação, dona Josefa?

Josefa : Viche!!! É tanta coisa.

É o pai sabê dá bem dado a educação pra um fio porque se o pai num for bom e a mãe num sabê educá, eu acho que o fio num pode tê educação. Porque se o pai já é..., vamos supor, se o pai é um briguento, só fica brigando com a mãe dentro de casa, a mãe também, então quer dizer aquilo que num respeita pai, num respeita os fio, num pode tê educação, porque num vê a educação do pai, nem vê da mãe, como que eles pode sê educado, num pode, tem que... né!

Mas se a gente educa um fio, sim... num sei... Porque pode sê que tu pode batê mas eu vô dizê, eu acho que se a gente só educá um fio só de dizê, senta aqui, vamo ensiná assim, tem que dá uma educaçãozinha, tem que dá uma lapadinha pra pudê ele sabê que dói, pra ele sabê o

que é uma educação.

Marcelo: Certo! Então a senhora está vendo, a senhora falou agora pouco que não sabia nada porque a senhora não sabia lê, né? Então a senhora acha que sabe educar seus filhos pelo menos, né?

Josefa : Ah! Eu sei educá porque ocê vê, se o pai é muito briguento com a mãe, então aqui eles tão vendo, se meu pai sai brigando com minha mãe, minha mãe sai brigando com meu pai, então quer dizer que eles num pode tê uma educação, eles num pode respeitá porque a gente que é pai, que nem eu que sô mãe, a gente tem que sabê vivê pra modo de que o nosso fio também se criá, se ele num for, num tivé educação; nós já sabe educá eles agora, se eles são levado, se já traz consigo nele mesmo.

Marcelo: Além de saber educar, que mais que a senhora sabe?

Josefa : Que mais que eu sei. (risos). Num sei...

Marcelo: Então a senhora vai pensando, que essa pergunta é muito grande, a senhora deve saber um mundo de coisa, né! Difícil pra dizer aqui pra gente.

Josefa : Eu sei mais num lembro, eu esqueço... (risos).

Marcelo: Dona Josefa, o que que é Matemática pra senhora?

Josefa : Matemática? Ah! Fio, agora eu tô fora, nem sei viu!

Marcelo: Mais o que que faz a Matemática?

Josefa : O que que é que faz a matemática? Criança aprendê mais... num sei!!!

Marcelo: O que mais que faz? Continha é matemática ou num é?

Josefa : É continha, é continha, num sei se é de menos, se é de mais, num sei porque eu tava prendendo aqui, depois saí. É porque eu tava prendeno aqui, eu vim aqui na escolinha, mas depois a menina começô a arrumá um namoradinho, a professora, aí nós foi desgostano, saímo todo mundo. Aí ela só ensinava, conta, conta, conta...
Porque ela nunca ensinô nosso nome, então até ela ensi-

ná eu já sabia lê, porque eu passei uns seis pra sete
mês estudando aqui, agora conta eu sei de cinco, de seis,
de quatro, de três, até de doze eu sei fazê, mas meu
nome num sei certo fazê.

Pra modo de eu fazê o meu nome, tem que assiná num pa-
pel aqui, que nem pode assiná aqui, eu sei fazê ele to-
dinho mas modo eu fazê de cór eu num sei.

Marcelo: E a senhora faz conta de cabeça?

Josefa : Ah! Sei fazê de cinco, de dois, de seis, assim eu sei.

Marcelo: Mas quando a senhora vai fazer compra a senhora num tem
problema com troco não, né?

Josefa : Não. Ah! Agora aí ocê pode vê até me dé um milhão que
eu sei tudo.

Ah! Leio; que aí eu sei fazê de tudo, fazê minhas com-
pra; pode me dá um milhão, dois, três que eu compro tu-
do.

Marcelo: Se a senhora tiver mil cruzeiros na mão e custar trezen-
tos e cinqüenta cruzeiros, volta quanto de troco?

Josefa : Quanto?

Marcelo: A senhora está com mil cruzado na mão e custô trezentos
e cinqüenta cruzado.

Josefa : Cho vê! Um milhão tira trezentos fica ...

Sete, oito, seis...

Setecentos cruzado parece, setecentos.

Setecentos cruzado, né! Porque de um milhão tira trezen-
to, oito, nove...

Marcelo: E aquele cinqüenta que tinha dos trezentos e cinqüenta,
fica?

Josefa : Trezentos e cinqüenta cruzado, eu num sei esses cruzado,
porque nem deu certo esses cruzado pra mim agora. (risos)

Marcelo: Mas então isso no supermercado pra fazer conta, pra pa-
gar o ônibus, aí num tem problema, aí sabe fazer conta,
né?

Josefa: Ah! Eu sei. Ah, sô eu que faço compra em casa.

Marcelo: E os meninos fazem compra em casa ou não?

Josefa : Faiz, o Damião faiz. O Damião, se precisá de alguma coisa ele traiz; ele faiz compra do dia daí ele traiz do Carrefú.

Marcelo: Mas quando tem que buscar alguma coisa na venda o Rodrigo, o Elivelton num vai?

Josefa : O Rodrigo não vai não, agora a Rita e o Elivelton vão buscá. A Ritinha sabe fazê uma compra que só ocê vê, eu posso dá o dinheiro pra ela que ela traiz o troco certinho, a Rita, o Elivelton. Agora o Rodrigo, não, porque o Rodrigo é menorzinho, eu num confio, de modo o moleque pegá o dinherinho dele, porque ele é mais novinho.

Marcelo: Certo, e o que mais que a senhora faz?

Porque isso, fazer troco assim, é matemática, entendeu? O que mais que a senhora acha, assim, além de fazer troco, pagar o ônibus, que a senhora faz que seja matemática?

Josefa : O que é que eu faço?

Marcelo: É, porque a senhora falou assim que num sabia nada de matemática nem o que era, mas já vimos aqui que a senhora sabe um pouquinho pelo menos, né? Porque fazer o troco, somar, vê o salário, vê quanto ganhou, se a patroa pagar menos a senhora sabe também.

Josefa : Eu sei, porque quando o meu marido vem do serviço, ele me dá o dinheiro tudo, né! Já me dá o envelope, aí eu já conto tudo, vô contando cem, cento e cinqüenta, duas nota de cinqüenta são cem, vô contano até chegá um milhão; ele me dá tudo e eu é quem conto, aí eu já vô no mercado, faço minhas compra tudo se deu oitocento, já pago. Vamo supor, vô fazê uma compra dá oitocento, dá novecento, sei que sobra cem cruzeiro. Como é que chama? Cem cruzeiro não, cem...

Marcelo: Cem cruzado.

Josefa : É, cem cruzado.

Marcelo: Em casa, nas tarefa de casa assim... a senhora cuida da casa, tá?

Tem alguma coisa assim que a senhora veja, que a senhora acha que seja matemática?

Josefa : Ah! Num sei... porque em casa eu faço tanta coisa, meu fio! Que eu nem sei; é porque em casa varro casa, lavo casa, lavo ropa, passo, cozinho comida pras crianças.

Marcelo: Certo! Pra construir a casa precisou de matemática?

Josefa : Ah! Preciso, né!

Porque o meu marido que construiu, né, o meu cunhado , agora pra reteiá ele comprô teia... (risos)

Marcelo: Certo! Tá bom. Pensa mais alguma coisa aí dona Josefa.

A senhora quer dizer mais alguma coisa aqui pra gente ou não?

Josefa : (risos) É que o meu almoço já tá tarde.

Marcelo: Ah! Já tá tarde pro seu almoço?

Josefa : É, as criança tá pra chegá, foro pra missa. A Rita e o Edivilson foram pra missa lá no barracão de frente e vão chegá logo em casa.

Marcelo: Tá bom, então, muito obrigado, desculpe incomodar a senhora, então até outra vez, tá!

Josefa : Tchau, fio, tchau.

Marcelo: Dona Josefa, então, só mais essa pergunta: E nas brincadeiras das crianças, tem matemática também ou não?

Josefa : Ah! Tem, tem e é porque, quer dizer, tem o ensino que você ensina eles jogá bola, né!

Marcelo: Será que tem naquela boda de gude, tem alguma coisa de matemática ou num tem? Nos jogos de biroca que eles jogam aí.

Josefa : Ah! Eu acho que tem, né!

Sabe que eu nem sei falá como é aquilo alí, eu nem com-

prendo esse jogo alí, já num compreendo dessa biroca deles lá, né!

Marcelo: Tá bom! Muito Obrigado, vai lá agora fazê o almoço, tá ok!

ENTREVISTA 4

Entrevistados: Iris e Davi

Marcelo: Como é que vocês chamam?

Iris: Iris.

Davi: Davi.

Marcelo: Tá bom! Diz uma coisa, donde é que vocês vieram?

Iris: Minas.

Marcelo: Da onde?

Iris: Salinas.

Marcelo: Fica perto da onde?

Iris: Montes Claro.

Marcelo: Quase na Bahia, né?

Davi: É o Norte, né?

Marcelo: E como era a vida de vocês lá?

O que é que vocês faziam?

Como é que eram as festas que tinham lá?

Fala um pouco de Salinas pra eu conhecer; porque eu nunca fui a Salinas. Eu passei uma vez em Montes Claro, mas nunca fui a Salinas.

Iris: Lá era muito gostoso, a gente era lavradô. Tinha um sítio, tinha de tudo lá, depois a gente vendeu e veio pra cá.

Marcelo: E o que vocês cultivavam lá no sítio?

Iris: Lavora.

Marcelo: Certo! Mas era feijão, arroz...

Iris: Feijão, milho, só arroz que não, mais todas as outras coisas.

Davi: Prantava de tudo.

Marcelo: Certo! E tinha lá muita festa, num tinha festa, que tipo de festa que tinha?

Como que é essa história lá em Salinas?

Iris: Ah! Lá tinha festa mais nós num ia porque nós num gostava de festa.

Marcelo: E conta uma coisa: todo mundo nasceu aqui ou não? Ou vários nasceram lá?

Iris: Só o Cláudio e o Edicley nasceu aqui.

Marcelo: Ah, tá! O resto é tudo mineirinho, então?

Iris: É tudo mineirinho, tudo de lá, e o Cláudio é de Sorocaba.

Marcelo: Vocês vieram pra cá por causa de que?

Iris: É porque a gente tinha um sítio e o sítio era de herdero e eles quiseram vendê, então a gente teve que vendê pra vim pra cá.

Marcelo: E aí vieram pra Campinas, porquê?

Iris: Pra Sorocaba primero, depois por causa do desemprego a gente veio pra Campinas.

Marcelo: Ah! E aqui deu pra arrumar as coisas?

Iris: É, aqui parece que foi mais fácil.

Marcelo: Tá legal! E conta pra mim uma coisa: você lembra assim do que as crianças brincavam lá quando elas eram menores?

Iris: Eles brincava com laranja.

Marcelo: Como que era a brincadeira com a laranja?

Iris: Eles fazia da laranja bola, fazia de abroba boneca, de mi-lho, de todas as coisas que tem na roça eles fazia aquilo de brinquedo. Lá eles tinha com fartura, né? Brincava com mamão, às vezes fazia uma boneca, brincava com os franguinho. Eu sinto saudade de lá, aqui pra mim é gostoso mais é muito agitado.

Marcelo: E me diz uma coisa: lá era bem mais calmo, assim, mais gostoso de dormir; como que era a história?

Iris: Lá era bem mais gostoso.

Pra mim eu tinha tempo de conversar com meu marido e aqui, num tem nem jeito pra mim, nem isso, nem conversá um com o outro a gente num dá.

Marcelo: Sei!!!

Oh, Davi! A hora que você quiser falar, você fala também, tá?

Eu estou entrevistando os dois juntos, então fala, né? Eu já vi que ela é mais falante que você, mas não tem problema, tá?

Davi: É, ela é de falá mais, eu sô mais queto.

Marcelo: As crianças tinham mais brinquedos lá ou não? Ou era só as coisa da roça, laranja, abóbora, galinha...

Iris: Eu sempre comprava, mas eles divertia mais com o que eles gostava.

Marcelo: Quando vocês vieram pra Campinas, vocês vieram direto pra Vila Nogueira ou não?

Iris: Sim.

Davi: Viemo direto pra cá memo.

Marcelo: Como é que vocês souberam daqui?
A quanto tempo vocês vieram?

Iris: A gente tem irmão aqui, né! Então a gente vinha saber dele, vinha visitar ele, e via o jeito que eles tava, até que eu num gostava da favela, né! Mas como me obrigô eu vim pra favela, mas a favela pra quem sabe vivê é muito gostoso.

Marcelo: Sei! E como é que esse sabê vivê?

Iris: É a gente corrigí os filho da gente, num dexá jogado, né!
E sabê vivê com os vizinho. Eu vô em frente graças a Deus!

Marcelo: E a quanto tempo vocês estão morando aqui?

Iris: Dois ano, mais ou menos.

Marcelo: Vocês já foram lá na associação? O que vocês acham da associação de moradores? O que vocês acham desse núcleo?
Como é que vocês vêem isso aí tudo?

Iris: Eu vô falá a verdade, sabe! Eu sempre ía nas reunião mas eu num fui mais, porque toda as vezes termina com briga, parece que a gente num tem amor, o povão como é briguento.

Marcelo: Eu tenho ido agora em várias; uma só que deu problema, agora por último, mas as outras têm sido mais...

Iris: Mais uma hora ou outra dão uma briguinha, lá. Hora que começa brigá eu venho embora.

Davi: Quando num tem briga eles discute um pouco. A gente acha que num tá certo, né! Então...

Iris: Se todo mundo subesse, eu acho que aqui ía pra frente.

Marcelo: O que é ir pra frente aqui, heim?

Iris: Ir pra frente? É trabalhando, fé em Deus a gente melhora, né?

Marcelo: Certo! Mas ir pra frente vai chegar em algum lugar, né! É melhoria?

Iris: É, cada um fazê sua casa, assim eu quero dizê. E nós realizá isso aqui, né? Porque tá feio, né?

Marcelo: E o núcleo, o que vocês acham desse núcleo que funciona aí com a criançada? O que vocês pais querem dele; como é que vocês vêem isso?

Iris: Eu quero assim...

Eu quero os meus filho lá, mas daquele jeito assim sem cercá aquela coisa, né!

Eu queria uma coisa assim, mais bem feito, sabia?

Aí, fica assim sem sabê aonde tá as criança da gente, né ?

Marcelo: Você acha que cercando ía melhorar?

Iris: Ía.

Marcelo: Mas as crianças não pula a cerca não?

Iris: Os meu não...

(risos)

Ah! fazê um muro, né?

Marcelo: Certo! É uma idéia.

Davi: Porque eles quanto mais preso melhor, né?

Iris: É porque eu num acho bom as criança lá, arrumo, né?

Marcelo: E fora isso da cerca; o que mais é bom lá e o que num é bom?

Iris: É fazê aquilo de tijolo, né? Mais bem feito né, pra num chamá um barracão, chamá uma escolinha, uma creche, sei lá

eu né!

Eu num gosto daquele nome: barracão.

Marcelo: Deixa eu mudar um pouco de assunto.

Olha, se vocês quiserem falar outra coisa também fora do que eu esteja perguntando, vai falando também, viu? Vai falando o que der vontade. O que que é educação pra vocês?

Iris: Educação?

Ah! Eu educo meus filhos. Eu sempre gosto de que eles fa-
ze as coisa boa. Eu sempre ensinei eles que não responde
os mais velho, quando os mais velho tiver conversando, eles
num entra no meio, ensino eles as coisas de Deus. A gente
somos crente, sabe?

Marcelo: E ensino assim de escola?

O que vocês esperam desse ensino assim de escola, das
coisas que são para aprender na escola?

O que é isso pra vocês, o que vocês têm pra falar, sobre
isso?

Iris: Da escola lá fora?

Marcelo: É, deve já está indo a maioria deles, né?

Iris: Tá.

Marcelo: O que vocês esperam dessa escola? Assim, serve pra al-
guma coisa num serve?

Iris: É claro, que serve.

Marcelo: Pra que?

Iris: Serve pra um bom serviço, né? ... eu num quero que minhas
crianças conheça...

Marcelo: Por quê?

Iris: Porque na favela a gente vê que tem muita coisa que num
agrada não só na favela, né?

Marcelo: E você acha assim, que se esconder das crianças elas vão
deixar de ver depois ou não?

Iris: Acho que não, né? Num sei, eu tenho minha filha aí que tá

com quinze ano ela acho que num conhece a favela e num conhece essa turminha que tem por aí, meu filho de treze ano a mesma coisa. Eu trazeno num ritmo que eu acho que agrada a Deus.

Marcelo: Muito justo.

E me diz uma coisa, voltando para aquele assunto de educação, a escola serve pra que então,

Iris: A escola no meu pensar como eu vejo, serve pra educação e má educação, pras duas coisas.

Marcelo: O que seria educação e má educação?

Iris: É porque a gente vê tanto aluno mal educado, né? Mais a educação vem de casa, né? Na escola é que nem elas fala , num tão tanto lá pra sê educado; a educação vem de casa, então é o que eu faço.

Marcelo: Certo, e os teus filhos têm aprendido mais educação nas escolas?

Iris: Não.

Marcelo: E eles têm aprendido coisa que sirva pra eles em algum lugar ou não?

Iris: Ir em algum lugar?

Marcelo: Não, assim por exemplo: eles têm aprendido alguma coisa na escola que sirva pra eles depois ou não?

Iris: Tem, é claro!

Marcelo: Pra vocês, é pra dizer mesmo.

O que que é Matemática, pra que serve Matemática?

Iris: Ah! Eu num sei.

Marcelo: Nem uma idéia do que que é Matemática?

Iris: Ah! Eu, heim?

Marcelo: Tá ótimo!

Oh! Iris, Davi, nós vamos parar por aqui, vocês pode pensar se tiver mais alguma coisa pra falar, a gente reabre o microfone, tá bom? Por mim acho que já deu pra eu dar uma olhadinha boa no que eu queria. Muito obrigado, então.

ENTREVISTA 5

Entrevistado: Pedro

Marcelo: Hoje é dia vinte e seis de abril, vamos começar aqui essa entrevista com seu Pedro, que é pai do Neno, que mora lá no Pinchão, num é isso? No São Quirino.

Seu Pedro, vamos começar: Onde é que o senhor nasceu?

Pedro : Eu nasci Piuí, Minas Gerais.

Marcelo: E como é que era a vida lá? Eu não conheço Piuí, minha mãe é de Cataguases, Minas também, mas Piuí eu num conheço, não.

Pedro : Até quando eu vivi lá; eu vivi lá até treze ano só, sempre vida sacrificada, né! Depois eu vim pra cá.

Marcelo: Seu pai era o que, lá?

Pedro : Meu pai trabalhava na roça, era uma vida muito sacrificada, depois veio vindo pra cá, aí pro sertão São Paulo. Chegô aí prantano roça, depois viemo pra cá em quarenta e três, né, em quarenta e cinco ele faleceu.

Aí, ficô eu mais um irmão, depois fomo pro Paraná, Paraná vivemo até mil novecentos e cinqüenta e oito.

Marcelo: Trabalhando na roça sempre?

Pedro : É. Não, depois trabalhamos dez ano na usina de açúcar, depois fui pra Marilha, de Marilha vortei, fui pra São Paulo, São Paulo num deu certo... Iii! É aquela vida corre, corre, né! Pega aqui, pega ali, nunca me aprimei até agora, sempre vivo desacreditado, eu parei aqui vai fazê quinze ano agora, e aqui vai levano.

Marcelo: Então, faz quinze anos que o senhor mora aqui na Vila Nogueira, ou não?

Pedro : Na Vila Nogueira, não, não só na Nogueira, morei no São Quirino, morei lá em cima perto do Jardim Guarape, morei agora foi no Pinchão.

Marcelo: Tinha muita festa boa lá, e do que o senhor brincava?

O senhor brincava do que lá, quando o senhor era moleque, lá onde o senhor nasceu.

Pedro : Ah! Lá por exemplo, era roça, né! A gente brincava muito, era brincadeira de mato memo, boi de sabugo, caçá, caçá com estilingue.

Marcelo: Como que é esse boi de sabugo, é isso? Como que é?

Pedro : Eu num sei mais nem contá como é que a gente marrava o sabugo de mio, e saía brincando pro meio do mato com car^{ro}rinho, né! Faz muito tempo, uns quarenta ano.

Marcelo: O Neno está entrando no núcleo agora, conta pra mim uma coisa: como que é que o senhor teve essa idéia de vir com ele pro núcleo, como é que foi essa história?

Pedro : Por exemplo, que nem eu num sabia disso aí, hoje que ele me falô. Ele falô que ía matriculá aqui, que tinha fute^{bol}bol, mais alguma coisa e interessô.

Marcelo: E o senhor achou uma boa idéia, ou não?

Pedro : Ah! Eu falei assim: dexa eu í lá fazê, né! Eu trabaio fora, eu tava lá em casa hoje, dexa eu aproveitá porque sempre onde lá eu trabaio é cinco dia, então as veiz a gente trabaia saubado. Que nem hoje memo, trabaiei agora lá de tarde, a gente num pode sabê, né! Se ele num falá pra gente ... ele me falô disso, aí então dexa eu matriculá então, né! E acho que você teve uma boa idéia de querê isso aí, né!

Eu acho que o que ocê tá me perguntano aqui é um negócio muito bão, porque o negócio das aula é a prática, né, ocê sabe disso, né!

Que nem eu falei pra menina ali, precisa de uma pessoa de corage que nem ocê, falei pra ela isso aí, pra mim isso num é fáci.

Marcelo: O senhor participa da associação de moradores, participa da reunião ou o senhor num gosta disso?

Pedro: Eu participo de uma só, agora tem a daqui ou a de lá, né! Eu já vim duas daqui, quer dizer de lá, que agora eu sô de lá, né! Mas deu um tempinho, eu gosto de reunião. Gosto mesmo, lá em cima toda reunião que tinha da dona Lucinha...

Marcelo: O que o senhor acha, seu Pedro, que essa associação está fazendo de bom, o que que não está bom, como é que o senhor vê isso aí?

Pedro : Até agora, o que vejo tá indo tudo muito bem, né! Beleza! Num traz nada de mau, né, tudo de bom.

Marcelo: O que que precisa pra melhorar a vida aqui na favela, heim?

Pedro : Pra melhorá a vida na favela, que dependa da associação, alguma coisa assim?

Marcelo: É, qualquer coisa que seja.

Pedro : Primeira coisa, que se a gente pudesse fazê era construí né! A gente mora assim, é meio...

Marcelo: O que que está faltando pra construir?

Pedro : Cabá de organizá, né!

Que nem lá onde eu moro mesmo, num é bem organizado ainda, né! Depois que acabá de organizá que vai, primeira - mente é isso aí, né, onde nós tamo morando.

Marcelo: O senhor acha importante que a criançada conheça aqui a vida da favela, conheça o que acontece aqui ou não?

Pedro : Eu acho importante, né!

Marcelo: O senhor tem uma idéia assim, porque que o senhor acha importante, ou não?

Pedro : Eu acho importante porque eles tão conhecendo em conjunto aqui, né, que nem tem muitos que eles num conhece os problema daqui, conhece mais por fora do que os daqui, então um trabalho aqui que aglomera mais, então, eles ficam mais por dentro, ficam mais ativo, né!

Marcelo: Seu Pedro, o que que é educação para o senhor?

Pedro : Num sei! No meu modo caipira é...

No meu modo caipira, educação é uma coisa tão fácil da pessoa usá, ela né!

Mas educação é ... vamos supor: morar hoje é necessário, é, num é? Primera coisa, educação morar e o mais, escrevê, estudá.

Marcelo: E estudar, como que é isso aí?

Pedro : Estudá o necessário, né! Quando pudé.

Marcelo: Necessário pra quê, seu Pedro?

Pedro : Assim a pessoa sem estudá é uma pessoa que nem uma pessoa sem estudo, que nem eu assim, fica por aí trabaia - no, se acabano.

Marcelo: Os seus filhos estão na escola, o senhor acha importante isso ou não?

Pedro : Claro! Deus me livre se eles num tivesse, né! Tão sim. A educação é aí necessário o estudo, importante é estudá memo, a criança bem estudado memo, se num pode, vai até quando pudé. Eu num estudei, num fui porque num quis não, meu pai quis, mais pra dizê a verdade, eu fiquei com vergonha, lá no sertão, né! Eu num queria, agora que tá tudo evoluído, num queria que fosse assim.

Marcelo: Certo! O Neno está em que série já?

Pedro : Ih! O Neno tá atrasado pra chuchu, tá na segunda série, tá atrasado demais, vamo vê se agora cada veiz ele vai criano mais ânimo, né!

Marcelo: E o que que o senhor acha que é matemática, seu Pedro?

Pedro : Matemática, pra mim, eu num conheço, eu num conheço, acho que é uma coisa muito boa mas eu num conheço, num, ainda.

Marcelo: O senhor é encanador, num é? O senhor num tem nada que faça no seu trabalho que seja matemática, não?

Pedro : Meu trabaio pode de havê que tenha e eu num sei, mas faço por aprendê, por acostumá a fazê, né! Mas quer dizê

que a gente num estudô aquilo, nem nada, né!

Marcelo: Certo! Conta pra mim, então, pra eu saber: O que o senhor faz no seu trabalho de encanador?

Pedro : Ah! Eu faço encanamento, esgoto, hidráulica...

Marcelo: E o senhor pega lá o cano e pega aquele cano e faz um ângulo de quarenta e cinco, de noventa...

Pedro : De noventa daquele que precisa, né, do que ocupa, né!

Marcelo: Que ângulo mais o senhor faz lá?

Pedro : Mais de noventa, né, quarenta e cinco no caso de tá precisano de uma curva.

Marcelo: E coloca muito T lá nos cano; como que é a coisa?

Pedro : T, junção, né! Mais junção do que T, né!

Marcelo: Se o senhor for construir uma casinha, vamos supor que liberou o terreno lá, o senhor sabe calcular? O senhor vai na loja, o senhor sabe dizer quanto precisa de cano pra fazer a casa assim?

Pedro : A medida eu sei. (risos). Sei, a medida pra casa, eu sei.

Marcelo: Isso, seu Pedro, na minha opinião, que o senhor falô, tem matemática, o senhor sabe quanto tem de cano, o senhor sabe o ângulo. O senhor falou ângulo, ângulo é uma das coisas mais importante da matemática, tá?

Pedro : Pra mim já num conheço, sei que nem a gente vê como que trabaio, vô ino e faço, né! Só sabe porque aprendeu fazer, né, e não estudano.

Marcelo: Mas aprendeu a fazer, né! O senhor sabia que tem gente que estuda pra ser encanador, mas num sabe fazer encanamento?

Pedro : É, mas depois tem que í, né!

Marcelo: Eu estudei encanamento mais num sei fazer, não!

Pedro : É, você falô de tudo que precisa, né! (risos).

Marcelo: Eu já estudei isso mais eu num sei ir na loja e dizer quanto precisa de cano, se eu vier fazer isso eu num sei fazer, só sei que tem que colocar o arco lá no ca-

no, na junta.

Pedro : É ocê num tá por dentro do que precisa, né, tá certo!

Marcelo: Eu num sei sei começo de baixo ou de cima.

Pedro : Mais você é mais fácil de pegá, que nem se for uma pessoa aprendê trabaiá, é mais fácil do que uma pessoa que num estudô.

Marcelo: Ah! Isso é verdade.

Pedro : O estudo... Como que é o seu nome? Eu num me recordo.

Marcelo: Marcelo.

Pedro : O estudo é o seguinte, pôde sê que ocê num precise dele mais tenha ele.

Que nem, ocê estuda uma coisa, ocê faz numa foia de caderno, mas ocê sabe mesmo que ocê nunca fez, mas ocê sabe como é que é.

O estudo é um negócio pra guardá memo, que nem o cabocro fala, né! Necessário.

Marcelo: Então, o senhor começou a falar que não sabia nada de matemática, mas já viu que tem um monte de coisa no seu trabalho mesmo, que parece matemática lá, né!

Tem mais alguma coisa que o senhor faça na vida, assim, que o senhor acha que tem matemática, que tenha umas conta, que tem os ângulo, que tem uma contagem, que tenha alguma coisa no meio, ou não?

Pedro : Antes disso num era nada, trabalhava de servente de pedreiro qualquer, então, quer dizer, que eu num me lembro.

Marcelo: Na roça, o senhor trabalhava com que, com cana ou não?

Pedro : Com cana, café, enfim...

Marcelo: E o senhor sabe dizer num pedaço de terra quanto vai dar de cana num sabe, mais ou menos?

Pedro : Mais ou menos, sei.

Marcelo: Então o senhor sabe calcular isso, né?

Pedro : Mais ou menos a gente sabe, né.

Marcelo: Eu num sei calcular isso não!

Pedro : O senhor nunca trabaiô na roça. (risos).

Marcelo: Eu posso sabê outras coisas, mais isso eu num sei não ,
olhar alí pra dizer, num sei não.

Seu Pedro, tem mais alguma coisa que o senhor queria di
zer ou não?

Pedro : Eu sô um cara sem recurso, né, de conversá.

Marcelo: Mas o senhor fala bem, fala bem e até sabe matemática ,
né?

Pedro : Sei porque você falô que é, mas eu num sabia que é. (ri
sos).

Marcelo: Tá bom, seu Pedro, outra hora a gente conversa mais. O
senhor, querendo sempre aparecer aqui, eu estou de quinta
e sexta, quinta eu fico até de noite na reunião da asso
ciação, e domingo às vezes eu venho, não é sempre, não.
Tá bom! Muito obrigado, desculpe incomodar o senhor.

Pedro : Nada não, nada de encomodá.

Obrigado você, sabe por quê?

Porque precisa não só de pessoa pra conversá, de pessoa
que ajuda a gente, e isso aí ajuda a gente. Fico agrade
cido por causa disso.

Marcelo: Tá ok! Muito obrigado, tchau!

ENTREVISTAS COM AS CRIANÇAS

Entrevistado: Eli

Marcelo: É melhor a gente começar essa entrevista aqui com nosso amigo Eli aqui do núcleo perguntando, o nome eu não vou perguntar porque eu já disse que o nome dele é Eli, mas Eli: quantos anos você tem?

Eli: Eu vô fazer doze, tenho onze ainda.

Marcelo: Conta pra mim uma coisa, você nasceu aqui mesmo em Campinas ou aonde você nasceu?

Eli: Em Campinas mesmo.

Marcelo: Você sabe se você já morava na Vila Nogueira quando nasceu, ou não? Logo que você nasceu já veio morar aqui?

Eli: Já morava aqui, nasci aqui.

Marcelo: O que você acha aqui do núcleo da Vila Nogueira, do que o povo faz aqui?

Eli: Ah! É bem, né! A gente brinca bastante.

Marcelo: Por que que é bem?

Eli: Agora porque é bem eu num sei.

Marcelo: O que vocês fazem aqui no núcleo?

Eli: Ah! Brinca, bastante coisa.

Marcelo: O que mais além de brincar?

.....

Tá bom!

Conta pra mim uma coisa Eli: o que você acha dessas pesquisas que a gente está fazendo aqui no núcleo do feijão, da banana, do barraco, da horta, o que você acha disso?

Eli: Tá bom, né! Porque a gente pensa bastante.

Marcelo: É, e o que mais.

Eli: É bom.

Marcelo: Diz uma outra coisa pra mim, Eli: o que que é Matemática?

Eli: Num sei o que que é não, num sei explicá.

Marcelo: E pra que que serve?

Eli: Serve pra estudá, pra aprendê, pra aprendê fazê conta.

Marcelo: Além de aprendê fazê conta, serve mais pra que?

Eli: Pra pensá bastante também, sabê as coisas.

Marcelo: Tá. E pra que que serve a escola?

.....

É bom ir na escola ou é chato?

Eli: É bom, num é chato, não, é bom.

Marcelo: Sempre é bom?

Eli: É, sempre foi bom.

Marcelo: E o nosso futebol aí, o que você tem achado do futebol?

Eli: É, achei bom; aprende bastante jogá bola.

Marcelo: Eli, você tem mais outra coisa que tem pra falar assim,
ou não?

Eli: Eu num tenho nada pra falá.

Marcelo: Tá bom, então. Muito obrigado.

Entrevistado: José

Marcelo: Vamos fazer uma entrevista com o Zequinha. Antes de mais nada, qual o seu nome, Zequinha?

José: José.

Marcelo: Quantos anos você tem, José?

José: Doze.

Marcelo: Você não está vindo ainda aqui no núcleo, né? Mas pelo que você vê aí de fora, o que você acha do núcleo, pra que que ele serve, o que você pensa do núcleo?

José: Legal! Faz muita coisa boa.

Marcelo: O que, por exemplo?

José: Jogá bola, fazê horta pra comprá uma bola.

Marcelo: Que mais que você vê que o núcleo faz?

José: Brinca também.

Marcelo: Pra você o que que é matemática?

José: Matemática? Fazê conta, problema, prova.

Marcelo: E a matemática serve pra alguma coisa?

José: Serve.

Marcelo: Pra quê?

José: Pra estudá e um dia ser um professor de matemática.

Marcelo: E além de professor de matemática, serveria pra outra coisa?

José: Ser um pedreiro.

Marcelo: E o que um pedreiro precisa de matemática?

José: Precisa sabê os metro, divisibilidade, vezes pra fazê as -
sim, pra fazê um chão assim, oh!

Marcelo: Emque série você está?

José: Quinta.

Marcelo: O que que você acha da escola, você gosta, você num gosta, como que é?

José: Gosto.

Marcelo: Que mais que você acha da escola?

José: Acho legal, porque lá tem colega também, bastante colega e aprende, aprende bastante.

Marcelo: E a matemática que você tem na escola, você gosta do que você aprende lá?

José: Gosto.

Marcelo: Tá bom! Tem mais alguma coisa que você quer falar?

José: Mais alguma coisa?

Eu queria perguntá se o senhor no fim do ano ía í e ía voltá?

Marcelo: Tá! Eu estou ficando aqui, fiquei o ano passado, vou ficar mais este ano todo, tá? E o outro ano eu num sei, eu devo ir embora, tá? Quer falar mais alguma coisa?

José: Não.

Marcelo: Tá bom! Obrigado.

Entrevistado: Marcos

Marcelo: Quantos anos você tem?

Marcos: Doze.

Marcelo: Que série que você está?

Marcos: Segunda.

Marcelo: E você nasceu aqui em Campinas, né?

Marcos: Nasci.

Marcelo: Marquinhos, conta pra mim uma coisa: o que você acha do núcleo?

Marcos: Muito legal, né!

Marcelo: Por quê?

Marcos: Porque as tias dá atividade, agora nós também tá fazeno a horta.

Marcelo: O que mais?

Marcos: Tem o balanço pra nós balançá, tem jeito de jogá bola no campo.

Marcelo: O que você acha dessas pesquisas que a gente está começando a fazer. Está no começo ainda, né? Mas talvez você já tem uma idéia, né?
O que você acha?

Marcos: Legal, né?

Marcelo: Por que, Marquinhos?

Marcos: Das pesquisa da horta, fazê a pranta agora da horta.

Marcelo: Diz pra mim uma coisa, o que que é matemática, heim, Marquinhos?

Marcos: Matemática é estudá.

Marcelo: Estudar o que?

Marcos: Estudá matemática, estudá português.

Marcelo: Mas em matemática o que você estuda?

Marcos: Estudo palavrinha, ditado...

Marcelo: Ditado de que, como?

Marcos: Ditade de frase, eu vejo um negócio assim, é... A galinha bota ovo.

Marcelo: E isso é matemática?

Marcos: Que eu estudo no grupo, é.

Marcelo: Marquinhos, e a escola, você gosta de ir na escola?

Marcos: Gosto.

Marcelo: Por quê? O que tem de bom lá?

Marcos: Tem na hora do ginásio e na hora do recreio.

Marcelo: E por que você falta às vezes na escola?

Marcos: Ontem eu faltei porque eu tinha que jogá bola.

Marcelo: Mas, geralmente, você falta por causa de que?

Marcos: Falto quando eu fico doente, só.

Marcelo: Tá bom, Marquinhos, tem mais alguma coisa que você queira dizer?

Marcos: Não.

Marcelo: Tá bom, obrigado então, tá?

Entrevistado: Elivelton.

Marcelo: Elivelton, quantos anos você tem?

Elivelton: Eu tenho onze anos.

Marcelo: Em que série você está?

Elivelton: Terceiro ano.

Marcelo: O que você acha aqui do núcleo?

Elivelton: Eu acho muito bom.

Marcelo: Porque?

Elivelton: Porque aqui dá pra gente brincá, jogá bola e mais várias coisa.

Marcelo: O que, por exemplo, você lembra de mais coisas, assim?

Elivelton: É...! Jogá futebol, jogá queimada e jogá mais outras coisa.

Marcelo: Nós estamos começando a fazer estas pesquisas aqui, de matemática com a criançada. E o que você acha dessas pesquisas aí?

Elivelton: Eu acho muito bom.

Marcelo: Por quê, Elivelton?

Elivelton: Porque a gente já aprende a fazê horta e fazê outras coisas.

Marcelo: O que você acha da escola, heim?

Elivelton: (risos).

Eu acho muito gostoso.

Marcelo: Por que que você riu assim, antes de você falar que acha muito gostoso?

Elivelton: Porque eu faço muita bagunça. (risos)

Marcelo: E você sabe porque você faz bagunça?

Elivelton: Nem sei, viu!

Marcelo: O que você gosta mais na escola, é de fazer bagunça ou do que?

Elivelton: Gosto de escrevê.

Marcelo: Escrever o que? O que você escreve lá?

Elivelton: Matemática, Língua Portuguesa, Ciências e Estudos Sociais.

Marcelo: Certo! Ah! O que que é matemática? Você sabe dizer?

Elivelton: Ah! Eu sei mais ou menos.

Marcelo: Então diz.

Elivelton: Matemática é divisão, é fazê conta, é fazê probrema e outras coisas.

Marcelo: Essa matemática que você tem lá na escola, você gosta dela?

Elivelton: Gosto.

Marcelo: O que você gosta mais lá?

Elivelton: Gosto de fazê conta.

Marcelo: O que você gosta menos?

Elivelton: De fazê probrema.

Marcelo: E o nosso jogo de futebol aqui, você tem gostado muito dele ou não?

Elivelton: Tenho.

Marcelo: Tem mais alguma outra coisa que você queira dizer pra mim? Que você queira deixar gravado aqui nessa entrevista, ou não?

Elivelton: Eu num quero que o senhor vá embora, senão a gente vai ficá sem jogá bola aqui.

Marcelo: Tá ok, então! Obrigado.

Entrevistado: Odair

Marcelo: Odair, quantos anos você tem, e que série você está?

Odair: Eu tenho treze anos e tô na quinta série.

Marcelo: O que você acha aqui do núcleo, das coisas que você já viu? Você é novo aqui no núcleo, né, mas já sabe de alguma coisa.

Odair: Acho bom. Legal as coisa, só.

Marcelo: O que você gosta mais aqui no núcleo e o que você gosta menos?

Odair: O que eu gosto mais aqui é estudá, brincá, jogá bola, só.

Marcelo: O que você gosta menos?

Odair: Gosta menos? De fazê serviço. (risos)

Marcelo: Essa pesquisa que a gente começou, está começando a fazer aí da horta, o que você está achando dela?

Odair: Ah! Tô achando bom porque daí a gente vai sabê quantas coisa a gente tá prantando, o que nós vamo prantá mais.

Marcelo: O que você acha que é Matemática?

Odair: Matemática é as conta, os problema.

Marcelo: E você gosta mais dessa parte assim ou não?

Odair: Gosto.

Marcelo: O que você acha da escola, é bom, é chato, o que que é?

Odair: Ah! A escola é bom porque a gente aprende.

Marcelo: Aprende o que?

Odair: Ah! Conta, os problemas, ensina a escrever.

Marcelo: E tem alguma coisa que seja chata na escola?

Odair: Não.

Marcelo: E o nosso futebol que a gente joga aqui de vez em quando, você gosta ou não gosta?

Odair: Nosso futebol é bão.

Marcelo: Você quer dizer mais alguma coisa prá gente ou não?

Odair: Num tenho mais nada pra dizê, não.

Marcelo: Tá bom! Se você pensar mais alguma coisa, você diz, tá?
Tchau, então, obrigado, heím?

Entrevistado: Renato

Marcelo: Renato, quantos anos você tem e em que série você está?

Renato: Tenho doze ano e tô na quarta série.

Marcelo: O que você acha do núcleo?

Renato: Eu acho bem.

Marcelo: Por quê?

Renato: Porque as molecada é legal, a tia Vera, o Marcelo e a tia Zilda é muito legal comigo, eu acho muito bem aqui também.

Marcelo: O que você faz aqui que você gosta mais, e o que você gosta menos?

Renato: Gosto mais de jogá bola.

Marcelo: E gosta menos?

Renato: De brigá com os moleque. (risos)

Marcelo: O que que é Matemática?

Renato: Matemática é os poblema, as conta.

Marcelo: E o que mais?

Renato: O que mais? Num sei.

Marcelo: Essas pesquisas que a gente está fazendo aqui, você está gostando, você tem alguma coisa pra dizer dela, você num gostou, como é que é?

Renato: Tô gostano sim.

Marcelo: O que você está gostando nela, você sabe dizer, ou não?

Renato: Não.

Marcelo: E você gosta da Matemática que você aprende na escola ou não?

Renato: Gosto.

Marcelo: Você falta muito na aula?

Renato: Não.

Marcelo: Tá bom! Tem mais alguma coisa que você quer dizer ou não?

Renato: Não.

Marcelo: Tá bom, então, é só isso.

Entrevistado: Márcio.

Marcelo: Oh! Márcio, quantos anos você tem e que série você está na escola?

Márcio: Eu tenho nove ano, e tô no primeiro ano.

Marcelo: A quanto tempo você vem aqui no núcleo?

Márcio: Uma semana, eu acho.

Marcelo: O que você acha aqui do núcleo?

Márcio : Acho isso bão.

Marcelo: Por que que você acha bom?

Márcio : Porque tem muitos meninos pra gente brincá.

Marcelo: Tá bom! O que você está achando dessa pesquisa que a gente está fazendo?

Márcio : Eu tô achando boa.

Marcelo: Boa? Por que você acha ela boa?

Márcio : Porque sim.

Marcelo: Você gosta lá da escola ou não?

Márcio : Gosto.

Marcelo :O que que você gosta na escola?

Márcio : De lanchá.

Marcelo: Você gosta de lanchá, é isso?

Márcio : Eu gosto de lanchá e de brincá.

Marcelo: E de escrever e fazer continha, você gosta ou não?

Márcio : Gosto.

Marcelo: O que mais? Você quer falar mais alguma coisa pro Marcelo ou não quer falar?

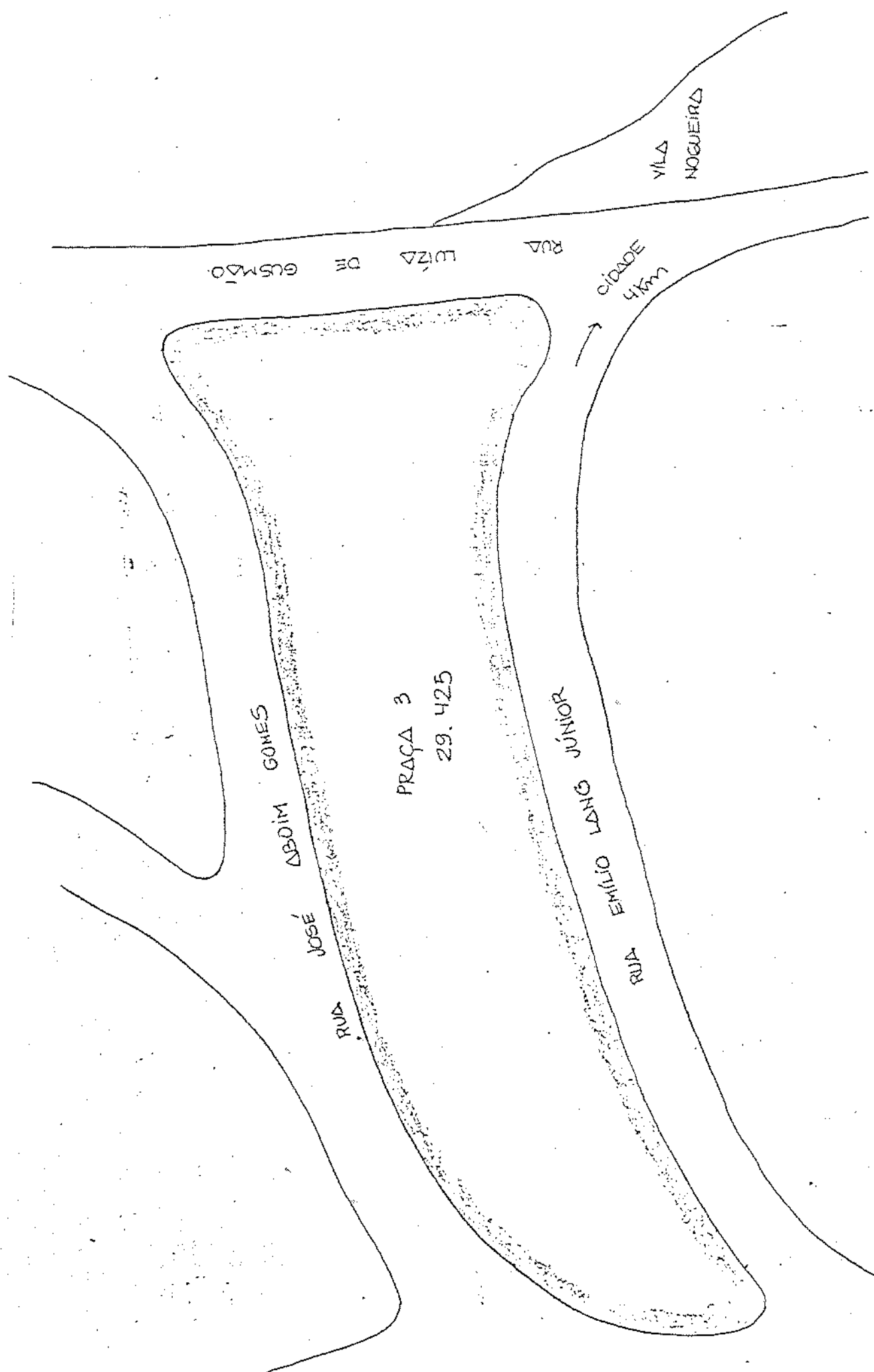
Márcio : Num sei. (risos)

Marcelo: Tá bom, então, querido, tá? Obrigado!

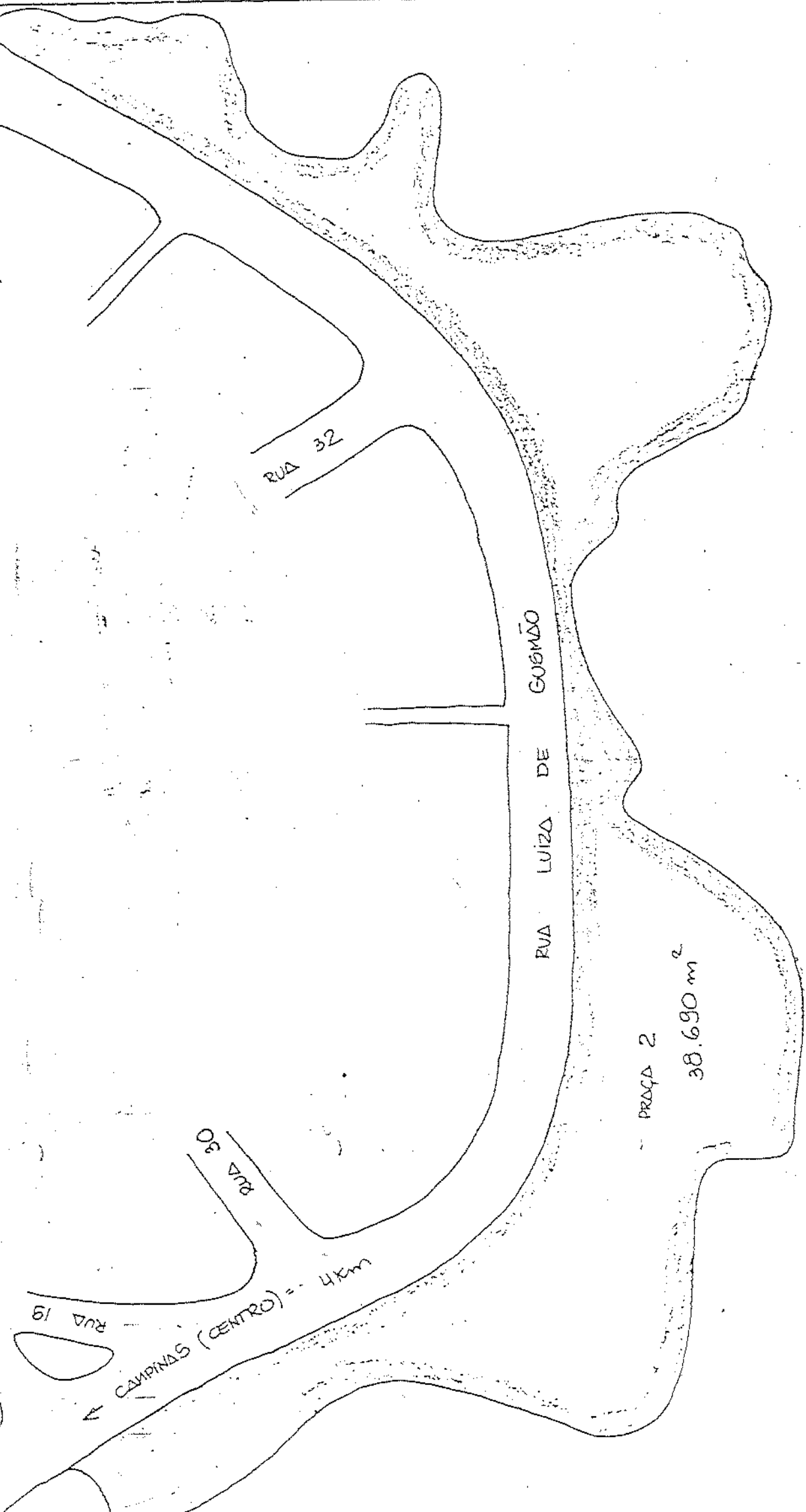
Depois, se você quiser falar mais, você volta aqui, tá, Márcio?

ANEXO II

Constam desse anexo 2 mapas que mostram onde se localiza a favela da Vila Nogueira. Os mapas foram elaborados pela Secretaria de Promoção Social da Prefeitura de Campinas.



PLANTA DA FAVELA (S/E)



FUNDAÇÃO _____
VILA NOGUEIRA - Cód 5
AR _____
ANO DE FUNDACÃO _____
LIMITE DEMARCAÇÃO _____

ÁREA TOTAL: 60% de 38.690 = 23.214 m²
Nº BARRACOS _____
DENSIDADE _____
POPULAÇÃO _____

1. INFRAESTRUTURA EXISTENTE -

REDE DE ÁGUA	☒	SIM	☐	NÃO
ILUMINAÇÃO PÚBLICA	☐	SIM	☒	NÃO
ESGOTO	☐	SIM	☒	NÃO
ASFALTO NO ENTORNO DA FAVELA	☐	SIM	☒	NÃO

2. SERVIÇOS EXISTENTES :

FAVELA = F
PROXIMO = P

COLETA DE LIXO	☒	SIM	☐	NÃO
POSTO MÉDICO	☐	SIM	☐	NÃO
CRECHE	☐	SIM	☒	NÃO
ESCOLA	☐	SIM	☐	NÃO
ÔNIBUS	☐	SIM	☐	NÃO

3. CARACTERÍSTICAS FÍSICAS :

TIPO DO TERRENO _____
ACIMA DA RUA ☐
ABAIXO ☒
ACIDENTADO ☒
EM DECLIVE ☒
CARRETO ☐ - 8%
CULDECO ☐ SIM ☐ NÃO
ALTA TENSÃO ☐ SIM ☒ NÃO

4. NECESSIDADE URBANÍSTICA :

A - ABERTURA DO CORREDO	☒	SIM	☐	NÃO
B - CANALIZAÇÃO DO " "	☐	SIM	☒	NÃO
C - ALBERGO	☐	SIM	☐	NÃO
D - DISTRIBUIÇÃO	☐	SIM	☐	NÃO
E - CONTENÇÃO DE BARRACOS	☐	SIM	☐	NÃO
F - REINOÇÃO DE TERRA	☐	SIM	☐	NÃO
G - CONTENÇÃO DO CORREDO	☐	SIM	☐	NÃO

5. ÁREAS DISPONÍVEIS NO ENTORNO :

PARTICULAR	☒
AUTARQUIA	☐
MUNICIPAL	☐

6. CONCLUSÃO :

FAVORÁVEL	☐
POUCO FAVORÁVEL	☐
NÃO FAVORÁVEL	☒

ANEXO III

Deste anexo consta um texto que foi escrito para a favela da Vila Nogueira-São Quirino, visando em especial às monitoras que trabalham no núcleo desta favela. Procuro expressar em linguagem acessível a elas o modo como trabalhei com as crianças.

É claro que mais importante do que esse texto foi o convívio que tivemos, no qual pudemos nos conhecer mutuamente aprendendo bastante uns com os outros.

Entretanto, esse trabalho tem a possibilidade de se tornar mais perene, servindo como um "complemento" para o nosso convívio. Além disso, ele faz parte da proposta de restituição sistemática do material pesquisado à comunidade, de acordo com o debatido nesta dissertação.

COMO FOI O TRABALHO DE MATEMÁTICA COM AS
CRIANÇAS DO NÚCLEO

O trabalho que desenvolvi com as crianças do núcleo teve início com algumas brincadeiras. Enquanto me divertia, ia conhecendo-as, vendo o que elas gostavam, como gostavam... Essa fase foi muito importante para que as crianças "quebrassem o gelo" comigo. Na verdade, durante todo o trabalho brincamos muito.

Ao observar seus jogos, brincadeiras e outras atividades, percebia a matemática que eles desenvolviam. Foi assim no futebol, onde conversamos sobre distâncias, figuras geométricas que estão desenhadas no campo de futebol, sobre o placar real - quando que os números representam quantidades... e foi assim também na bola de gude, na compra das camisas,...

Essa compra de camisas, aliás, motivou os garotos do núcleo a fazerem uma horta como forma de ganhar dinheiro. Ao dar início a essa horta, grande foi o envolvimento dos pais, das monitoras e meu. Os meninos estavam bastante motivados, cuidavam da horta diariamente e começavam a se preocupar com a venda das verduras.

Como um dos interesses deles era o dinheiro, sugeri que organizássemos um "livro-caixa" onde, além de anotar a entrada e saída de dinheiro, anotaríamos a data do plantio de determinada verdura, quem plantou, quem cuidou,.... Da atividade deste caderno surgiu um trabalho de matemática onde eles faziam

contas ou escreviam o cálculo mental que tinham feito. Além disso, eles aprendiam e/ou exercitavam a escrita e a leitura.

Fizemos a planta da horta onde, além de nos divertir - mos muito, trabalhei com eles a noção de escala, de medida, o sistema métrico decimal, contas e o registro do que tinham feito no "caderno da horta". Eles gostaram bastante do que fizeram e, quando perguntei a este grupo de meninos, se eles não queriam dar uma "aula" para os outros sobre o trabalho que tinham feito, eles logo concordaram e os que assistiram à "aula" também gostaram e fizeram várias perguntas.

É bom que se diga que essas e outras atividades não foram feitas sem dificuldade. A maior delas foi perceber qual o interesse dos meninos, como manter um determinado interesse vivo e como ensinar matemática nessa situação. Outra grande dificuldade foi a de conseguir que eles trabalhassem em grupo e que essa equipe não precisasse contar a todo instante com a minha interferência para decidir as polêmicas que surgissem.

Creio que posso sugerir, mesmo com essas dificuldades, algumas atividades relacionadas à horta que as monitoras podem desenvolver com as crianças, desde que elas estejam motivadas para fazer uma horta, por exemplo. Se o interesse delas for outro, talvez essas sugestões sirvam como ponto de partida para que as monitoras proponham outras atividades às crianças. É claro também que essas sugestões estão calcadas no que eu vivi na favela, podendo obviamente ser diferentes destas à medida que quem executará este trabalho será uma outra pessoa.

Sugestões:

Atividades a partir da horta, visto que a horta teve que ser desativada devido às obras no "núcleo-escola". A reativação dessa horta pode ser proposta aos meninos que provavelmente formarão um grupo diferente do que fez a primeira.

No momento em que essa atividade despertar interesse, pode-se perguntar às crianças qual dos pais delas poderiam vir ao núcleo para conversar com elas sobre como se fazer uma horta. É claro que, havendo alguém entre os garotos ou entre os monitores que entenda do assunto, esta pessoa pode ser convidada também. Essa primeira sugestão não impede que os meninos já comecem a fazer horta, arando a terra, conseguindo sementes,...

Uma segunda atividade seria a organização do caderno da horta. Poderia constar desse caderno, como já dito, tudo o que os garotos e os monitores considerassem importante. O livro caixa da horta, as datas em que as plantações foram feitas, ... são exemplos do que pode constar no "caderno da horta". Nesta atividade, podem-se explorar muitas atividades relativas às quatro operações e a compreensão do que é o número, que é um dos temas básicos e essenciais das crianças saberem. Deve-se procurar deixar que os garotos façam as contas da maneira como cada um achar melhor e depois deixar que comparem as diferenças que eventualmente apareçam.

Pode-se também incentivar o uso da escrita conversando com eles sobre as vantagens de utilizá-la. Um caderno individual poderia ajudar para que cada um pudesse escrever sem inibições, escrevendo, às vezes, com auxílio de desenhos, gravuras, ... de acordo com o grau de alfabetização de cada um deles.

Outra idéia seria que eles conseguissem informações sobre o valor nutritivo do que estavam plantando, o que abriria caminho para um trabalho na área de ciências, além de novas pos

sibilidades de trabalhar a aritmética, que provavelmente apareceria nesta atividade.

Uma outra atividade a ser proposta, que foi feita por mim com bons resultados, é a confecção de uma planta baixa da horta, que inclua além da horta alguns referenciais como o barracão, a oficina, ... Essa atividade pode se tornar muito importante para trabalhar outro aspecto fundamental da matemática básica, que são as noções de geometria. Nessa atividade, pode-se perguntar às crianças como elas chamam as figuras geométricas que vão aparecendo e informar a elas que essas figuras também têm um outro nome, quando o apelido que elas derem não coincidir com o nome empregado na matemática escolar.

Podem surgir importantes discussões sobre a noção de escala. O problema básico de se fazer uma planta é a escala. É como representar a horta numa folha de papel ou cartolina. Pode-se conversar com eles sobre fotografia, televisão, ... para "puxar" a noção de escala e, dessa forma, pode ser que eles mesmo descubram uma estratégia para representar em escala a horta que eles fizeram. Caso não surja, a monitora pode ajudar, talvez mostrando a planta da antiga horta que está pregada na parede do "barracão". Se a idéia empolgar as crianças, pode-se partir para fazer outras plantas, como a do barraco onde mora e/ou da casa que queria morar.

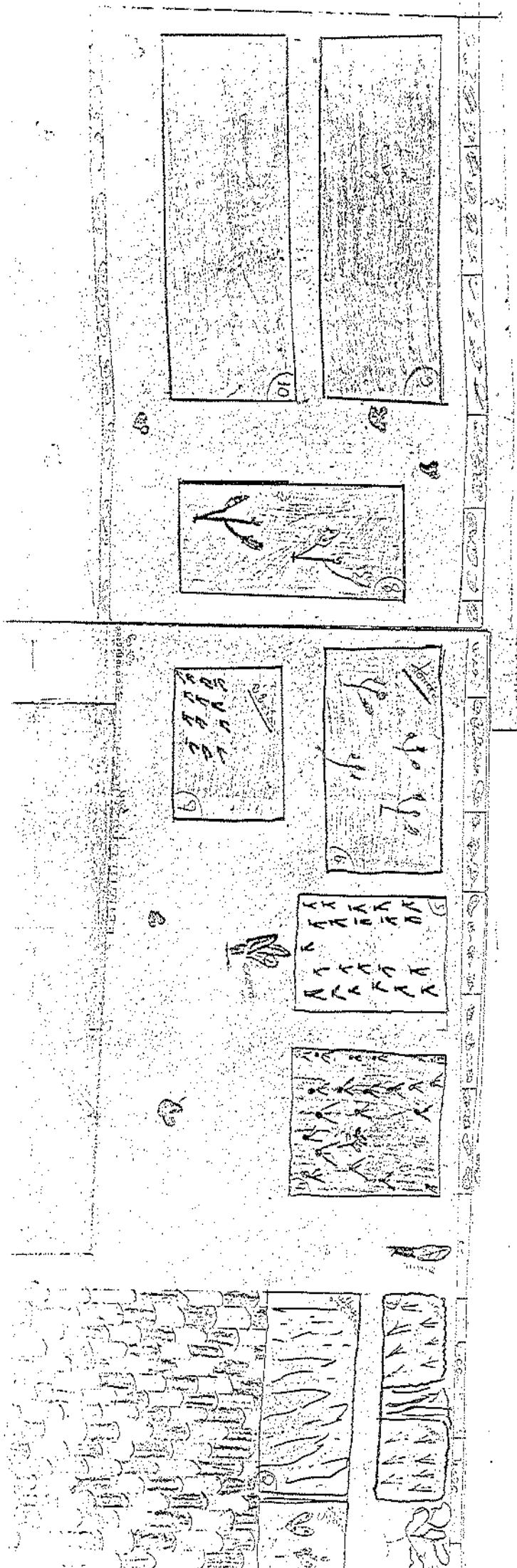
Finalmente, podem-se organizar idas a outros núcleos ou escolas onde funcionem hortas, de tal modo que haja a troca de informações entre eles com aprendizagem mútua. Creio que isso poderia motivá-los com as crianças do Nogueira, mostrando seus cadernos, plantas, ... e as de outras lugares apresentando o que têm feito.

Essas são sugestões para as monitoras do núcleo que eu espero tenham o efeito de incentivar vocês a criar outras ativi

dades ligadas à horta ou não. Sem esquecer, é claro, das atividades matemáticas que vocês já fazem com as crianças como o placar das pedras, as filas, os jogos,...

ANEXO IV

Consta deste anexo uma cópia da planta feita pela equipe da horta. A planta foi realizada originalmente em cartolina.



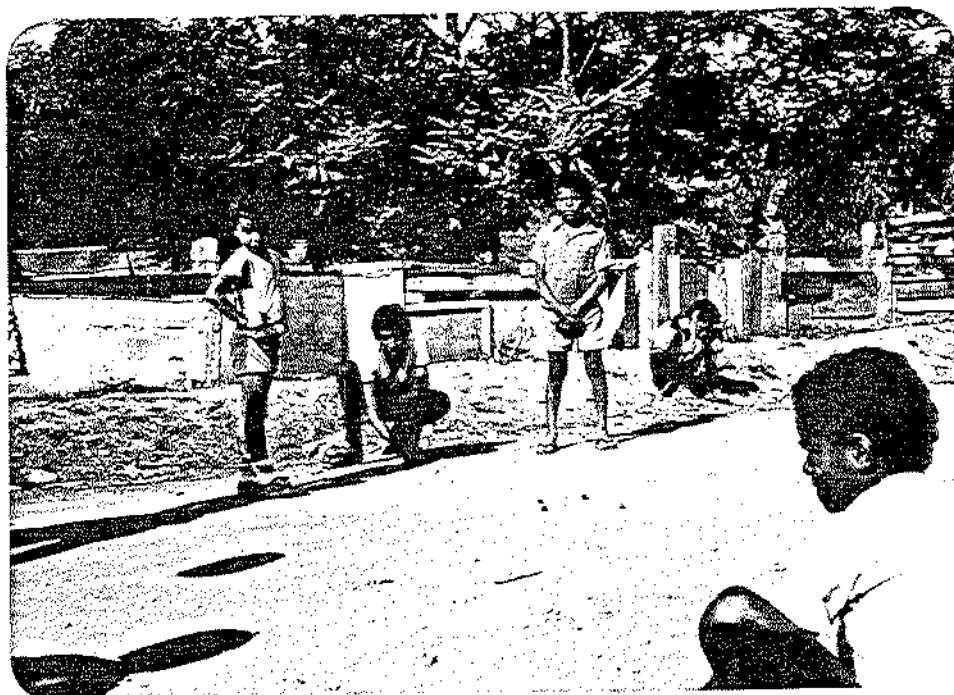
ANEXO V

Fazem parte deste anexo fotografias do mundo-vida da favela, que podem ajudar na compreensão da realidade local. Vários autores, como Erny, defendem essa linguagem fotográfica como um instrumento de compreensão da realidade. Para auxiliar o entendimento, usaremos legendas relativas a cada foto.

Início de Abril de 1986



1 - Visão Parcial da Assembléia da Associação de Moradores da Vila Nogueira.



2 - O Jogo de Bola de Gude Praticado em Frente ao Núcleo Escola da Favela.



3 - O Jogo de Futebol. A Vala que Beira o Campo e a Favela Não Aparecem na Foto. Esse Jogo Deu Início à Situação Educativa, Como a Relatada Nesta Dissertação.



4 - A Foto dos Dois Times. O Futebol, como Lazer, Leva a Situações Educativas. Repare Próximo à Bola, o "Placar das Pedras" Nesta Dissertação no Capítulo 5.



5 - Da Direita para a Esquerda, o Barracão (Sede das Associações e do Núcleo), a Cozinha e um Barraco da Favela. Ao Fundo, Casas Luxuosas do Bairro. À Frente, Atividades de Recreação ao Ar Livre.

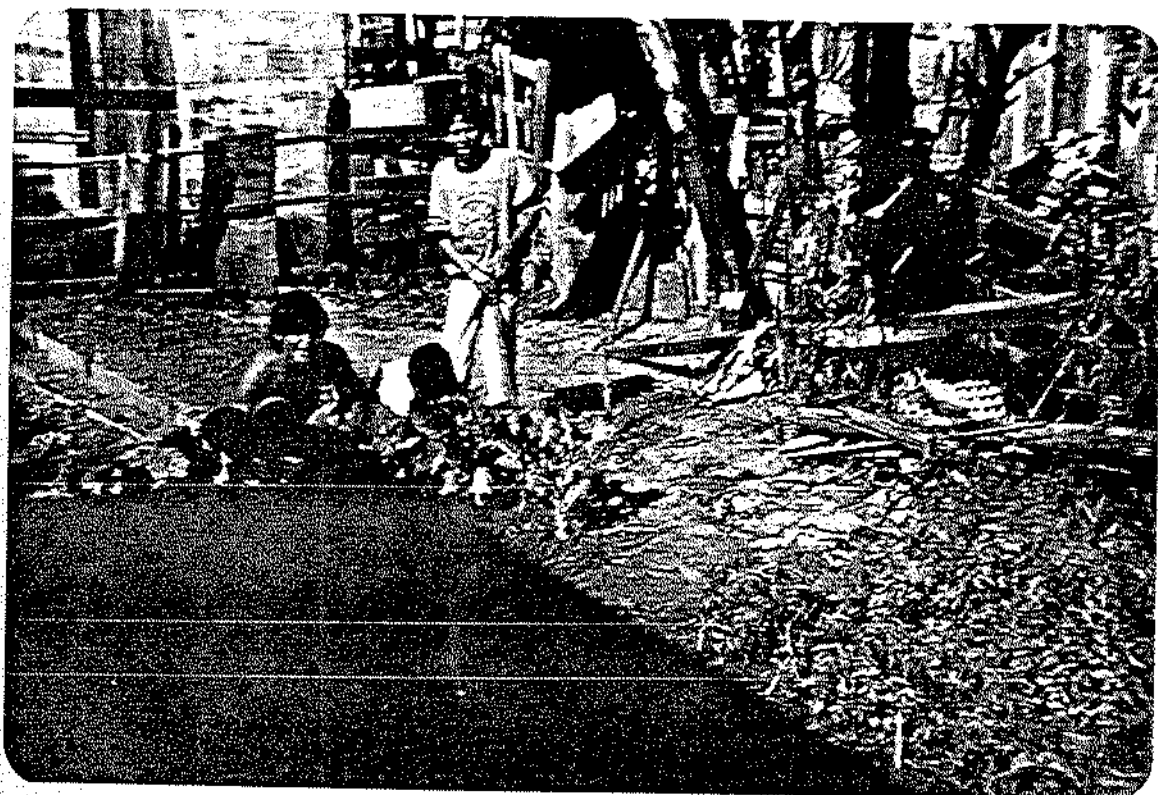


6 - A Horta na sua Fase Inicial. Da Esquerda para a Direita, Odair, Eli e Nei.

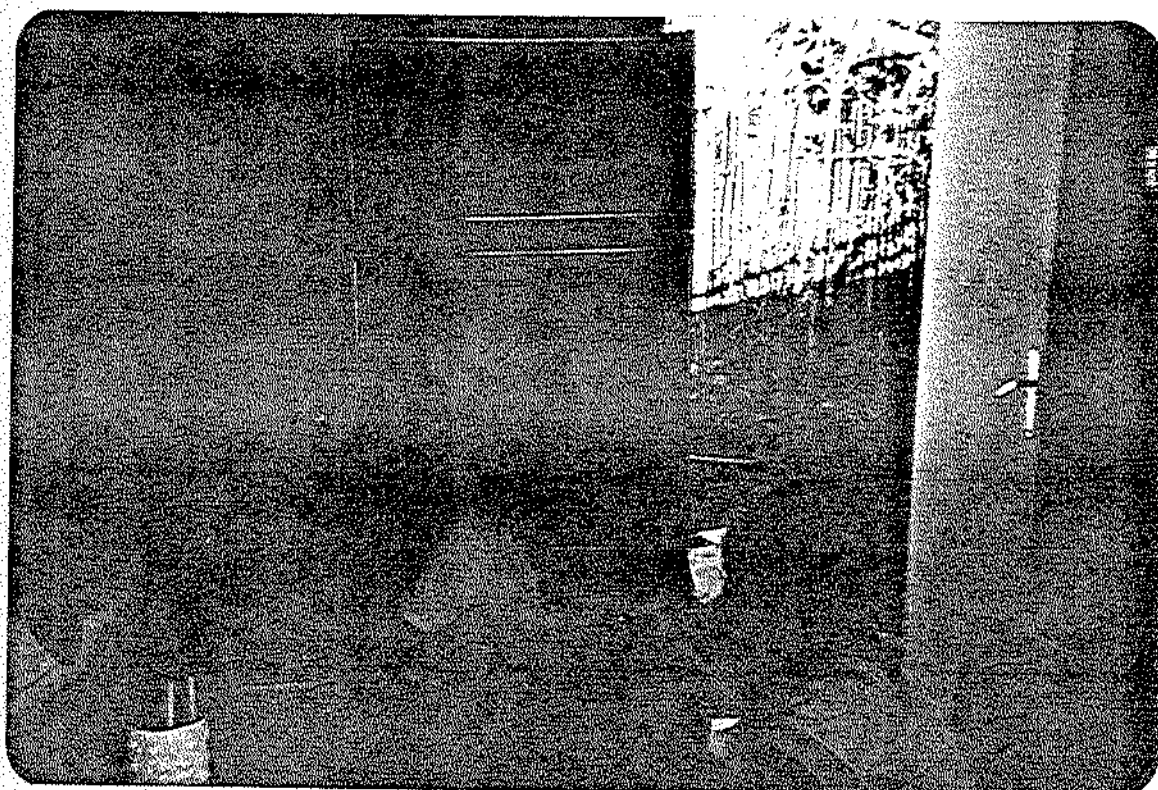


7 - Um Outro Ângulo da Horta. Ao Fundo, Um dos Barracos da Favela.

Final de Maio de 1986



8 - A Horta Mais à Frente. Dando Seus Primeiros Frutos. Nesta Fase Já Gerando Prática Educativa. Da Esquerda para a Direita, Marcos, Sinomar e Odair.



9 - A Confecção da Planta Baixa da Horta e Registros no "Caderno da Horta".